

O TRIUNFO DA MISERICÓRDIA

Pe. A. M. J. LHERMITTE, S.D.B.

Tradução do *Pe. Faustino Bellotti*

Autorizada pelo Autor para a LES.

Revisão e Orientação do *Rev.*
Pe. Luiz Marcigaglia, S.D.B.

1.^a EDIÇÃO

1 9 5 6

LIVRARIA EDITORA SALESIANA — LES

Largo Coração de Jesus, 140 — São Paulo

NIHIL OBSTAT

Seti Pauli, 16-6-1956

Mons. Lafayete — Censor

IMPRIMA-SE

São Paulo, 18 de Junho de 1956

† Paulo Rolim Loureiro — B. A. M.

e

Vig. Geral

“Senhor,
Fazei que brilhe diante de nós
a luz de Vossas misericórdias!”

(Ecl 36, 1)

DEDICATÓRIA

*Ao coração inefavelmente Misericordioso de Jesus,
Dedico estas humildes páginas
Como Tributo de ardente amor e de
Profunda e fiel gratidão!*

Pe. A. M. J. LHERMITTE, SDB.

Vieux-Héverlé, 25 de Março de 1950 (festa da Anunciação)

CARTA-PREFÁCIO
DO FALECIDO
ILUSTRE CARDEAL MERCIER,
ARCEBISPO DE MALINAS
na primeira edição

Arcebispado de Malinas.

Caríssimo Sr. Padre,

Não podeis ficar surpreendido se vos digo que li o vosso opúsculo com emoção.

Vossa palavra é comunicativa; as múltiplas provas que alegais do Amor de Nosso Senhor para com os que caíram, por grande que seja a sua queda, desde que desejam reerguer-se, são *decisivas*.

Poderá haver motivo de maravilhar-se? Entre todos os atributos de Deus não é a misericórdia que mais faz resplandecer a sua Onipotência? Não é a Igreja que canta, no décimo domingo depois do Pentecostes: "Deus, qui omnipotentiam tuam parcendo maxime, et misereundo manifestam; multiplica super nos misericordiam tuam?" (1)

Eu me uno a vós e a todos os meus colegas no sacerdócio para pedir que nenhum de nós não desespere nunca da divina misericórdia, mas que todos colaborem para o seu triunfo.

Vosso muito dedicado no Sagrado Coração de Jesus,

DESIDERATO JOSÉ, CARDEAL MERCIER.

Festa de N. S. do Rosário, 1922.

(1) O' Deus, que particularmente perdoando-nos e tendo compaixão dos pecadores, demonstra a vossa Onipotência, espalhai em abundância sobre nós vossas misericórdias.

*CARTA DIRIGIDA AO AUTOR PELO REVE-
RENDÍSSIMO Pe. PEDRO RICALDONE, REITOR
MAIOR DOS SALESIANOS, DEPOIS DA 3.^a EDI-
ÇÃO DESTA OBRA.*

OBRAS DE DOM BOSCO

DIREÇÃO GERAL

Turim — Via Cottolengo, 32

8 DE OUTUBRO DE 1950

Caríssimo Pe. Lhermitte,

Recebi e muito apreciei a oferta do teu belo volume dedicado às misericórdias do S. Coração de Jesus.

As páginas da obra transbordam daquele sentimento de plena confiança na Bondade Divina, que abre às almas horizontes serenos.

Envio-te os meus calorosos parabéns e peço a Deus que conceda ao teu livro um vasto raio de ação benéfica.

Desde este nosso amado Santuário, mando-te de coração uma bênção especial de N. S. Auxiliadora e de São João Bosco.

Reza pelo teu

muito dedicado em J. e M.

(a) *Pe. Pedro Ricaldone*

L'OSSERVATORE ROMANO, O GRANDE JORNAL DO VATICANO, DO DIA 29 DE SETEMBRO DE 1951, ASSIM SE REFERIU A ESTA OBRA NUM ARTIGO NOTÁVEL, DO QUAL TRANSCREVEMOS AS PASSAGENS ESSENCIAIS:

"No decurso destas 200 páginas, cheias de frescor e de vida, o autor que possui, perfeito e profundamente, o seu assunto, o apresenta a seus leitores como um tema de total atualidade e depois o desenvolve numa argumentação clara e límpida, que faz logo ressaltar toda a sua importância.

Trata-se entretanto do problema dos problemas: Deus considerado em relação ao homem pecador, cujo procedimento chega, por vezes, a formar um inextricável emaranhado de pecados sobre pecados.

... Na primeira e na segunda parte do seu livro, o Reverendo Padre trata pormenorizadamente o aspecto teórico do seu argumento. É assim que, por um sólido encadeamento de provas, apresentadas com simplicidade, leva o leitor a tocar a verdade com a mão e a abandonar-se inteiramente, sem nenhuma reserva à confiança em Deus.

Na terceira parte, o autor, passando à prática, demonstra uma técnica segura, precisa e que convence de modo irresistível. A verdade está no seu espírito, da mesma forma que o florete está na mão de um mestre de esgrima. Procura as objeções até no limiar da morte, persegue-as até o além-túmulo e, finalmente, as aniquila, uma vez que o homem, embora a ponto de exasperar e por mais pesadas que sejam suas dívidas, se abandone totalmente, sem restrições, mas cheio de arrependimento, à misericórdia de Deus!

É pois com muita razão que o ilustre Cardeal Mercier, de santa memória, êle mesmo grande mestre da doutrina e do pensamento, apreciando altamente a presente obra, escrevia ao seu autor: "As múltiplas provas que vós apresentais do amor de Nosso Senhor para com aquêles que caíram e desejam se levantar, por mais profunda que seja a queda, são *decisivas!*"

Dest'arte, êste livro, sem a menor dúvida, reconforta, faz renascer a esperança e encaminha seguramente a alma para uma doce e inabalável certeza. Enfim, êle tende a levar o homem a Deus, fazendo-lhe apreciar, no seu justo valor, tanto as coisas do tempo como as realidades eternas".

O. R.

ANTELÓQUIO

Os jansenistas — já condenados pela Igreja desde 1642 — esforçaram-se em colocar a Deus tão alto e tão longe dos homens, que o tornaram quase inacessível para um grande número de almas! Com efeito, apresentaram-no como um Juiz tão severo, um Justiceiro tão rigoroso, um Deus tão terrível, numa palavra, que êles desviaram do Melhor e mais Terno dos pais o coração dos filhos, e espalharam o espanto na alma dos pecadores! Como consequência disto, viu-se que, ainda os menos culpados dos filhos de Eva não se aproximaram mais de Deus, senão tremendo, não ousando mais pronunciar sequer o seu nome.

Entretanto, se os anátemas da Igreja golpearam mortalmente os erros detestáveis de Jansênio, êstes não deixaram todavia de contaminar seu caminho! Não se encontram ainda, com efeito, aqui e acolá, almas aterrorizadas a tal ponto, que ousam apenas levantar os olhos para o céu e perguntam a si mesmas, com a mais cruel das ansiedades, se são ainda capazes de perdão?

Ora este livro tem dois fins principais:

a) Levantar as almas caídas, inspirando-lhes uma confiança ilimitada na onipotência de Deus unida à sua infinita misericórdia.

b) Impedir que as almas pecadoras, amedrontadas pelo seu abatimento e suas contínuas recaídas, se entreguem ao desespero; atirar-se à frente delas, barrar-lhes o caminho fatal, fazendo resplandecer a seus olhos o Sol reluzente da divina misericórdia.

UM ESCOLHO QUE DEVE SER EVITADO

Na soleira dêste luminoso e benfazejo oásis que se chama *O Campo da Confiança*, onde se dilatam e reconfortam as almas, empenhamo-nos em declarar que aqui não se trata absolutamente de uma confiança qualquer, confiança temerária, confiança à moda protestante, enunciada por Lutero: "Peca quanto quiseres, mas crê mais = Pecca fortiter, sed crede fortius!"

Tal confiança leva direitinho ao abismo. Porque ela nega a necessidade das boas obras, mesmo da penitência!

A confiança de que nós entedemos falar aqui

é *unicamente* a confiança que tem por base o arrependimento e o bom propósito.

Nestas condições, nenhuma barreira ao perdão divino!

A CONFIANÇA

A confiança, assim como o amor de que ela é tributária faz a felicidade dos homens. Quanto maior é a confiança, mais aumenta a felicidade. Vêde as crianças com relação à sua mãe. Envoltas em seus braços e apertadas contra seu coração a confiança delas é total e sua felicidade também.

Por que estas crianças têm em sua mãe esta confiança sem reservas? Porque, sendo inocentes, pensam que o poder dela está em proporção do seu amor. Quanto ao resto, por estranho que isto pareça numa idade tão tenra, sua confiança é razoável. As crianças dizem dentro de si, embora não descubram a razão profunda de sua argumentação: "Mamãe quer muito bem a seu Joãozinho, à sua Teresinha e mamãe é toda-poderosa. Portanto eu não tenho nada que recear". E por isso, a criança é feliz, completamente feliz. Mas deve a sua felicidade unicamente à sua inocência, porque a realidade é muito diferente. Agora, se é verdade que as mães nunca deixam de amar os seus filhos,

porque assim as fez o Criador, o poder delas não tem, infelizmente, senão um alcance muito relativo.

Não é assim que acontece com relação a Deus.

Deus nos ama infinitamente e seu poder é infinito! Por isso é que, e mais que as crianças com relação a suas mães devemos ter nEle uma confiança plena e total. ⁽¹⁾ Nos bem o sabemos: que se trata da nossa felicidade.

Nada é tão importante para um filho, para um amigo, como o poder confiar plenamente e sem reserva alguma em seu pai, em seu amigo. Esta confiança é a garantia de sua segurança presente e, para o futuro, ela lhe descobre os horizontes mais vastos e mais ricos de esperança. É o descanso completo.

Mas, ai! como é rara no mundo esta confiança!

Entretanto, mais rara ainda é a confiança que todos os homens deveriam ter para com Deus!

Em lugar disto, eis o receio, o medo e quase a inquietação.

Por que? Porque os homens não conhecem a Deus.

São João Batista, falando de Jesus, que ainda

(1) Se vós não vos tornardes como crianças, não entrareis no reino dos céus. (Mat. XVIII, 3).

não se tinha manifestado, dizia aos Judeus: "Há entre vós, *Alguém* que vós não conheceis!" ⁽¹⁾

Mais do que os Judeus, porque nós estamos, pela nossa educação inundados das luzes do Evangelho, merecemos a repreensão que João Batista lhes dirigia. Para nós com efeito, Jesus ficou numa certa medida, "o Deus desconhecido" que São Paulo quis, um dia, ir anunciar aos Atenienses.

Tendo-se pois apresentado diante dos Juizes do Areópago, o intrépido Apóstolo, abrasado do zelo de Deus e das almas, lhes disse: "Atenienses, vejo que vós, sob todos os pontos de vista, sois mais religiosos do que os outros povos. Pois, percorrendo vossa cidade, encontrei um altar dedicado "ao Deus desconhecido". Ora, o que vós adorais, sem conhecer, eu vos venho anunciar ⁽²⁾.

Conhece-se a resposta da augusta assembléia.

Porque anunciando-lhes Jesus Cristo, Paulo lhes falara, incidentemente, da ressurreição dos mortos que eles não admitiam, êstes magnatas orgulhosos, zombaram do missionário audaz e lhe disseram chacoteando e interrompendo a conferência: "Está bem, está bem, nós te ouviremos uma outra vez".

(1) Medius autem vestrum stetit quem vos nescitis (Jo I, 26).

(2) (At XVII, 22 ss).

Tal não será vossa atitude, leitores amigos diante do esforço que nós vamos tentar para vos fazer conhecer melhor Aquêlê que merece, por tantos títulos, vosso amor e vossa confiança, e que como recompensa, vos fará saborear, como nunca o experimentastes, a felicidade de O servir! ⁽¹⁾.

A. — L.

(1) Gustate et videte quoniam suavis est Dominus (Sl 33).

PRÓLOGO

O apêlo misericordioso de Deus aos Pecadores:

Vai, e repete estas palavras do lado do norte e dize:
 "Volta, infiel Israel, diz Jeová;
 Eu não te quero mostrar um rosto severo,
 Pois eu sou misericordioso, dis Jeová ,
 E eu não guardo minha cólera para sempre.
 Sòmente reconhece tua falta,
 Visto que foste infiel a Jeová, teu Deus"
 (Jeremias, III, 12-13).

Venhamos e discutamos juntamente:

Se vossos pecados forem como o carmim,
 Tornar-se-ão alvos como a neve;
 Se forem vermelhos como a púrpura
 Tornar-se-ão como a lã!

(Is I, 18).

Dize a êles: Eu vivo, diz Jeová, e não quero a morte do ímpio, mas desejo que o malvado deixe o seu caminho e viva. Voltai, deixai os vossos maus caminhos! E porque haveis de morrer, casa de Israel?

(Ez XXXII, 11).

PRIMEIRA PARTE

O Sagrado Coração de Jesus no Evangelho,

A bondade misericordiosa do Coração de Jesus resplandece em todo o Evangelho! Entretanto, como nos eram impostos alguns limites, escolhemos, no Livro Sagrado, apenas as páginas nas quais os Evangelistas quiseram pôr mais especialmente em relêvo êste consolador atributo de nosso divino Salvador.

Publicado no site <http://www.leiturascatolicas.com/>

CAPÍTULO PRIMEIRO

Jesus manifesta ao mundo a misericórdia de seu divino Coração durante sua vida pública.

I. — PROCEDIMENTO DE JESUS PARA COM OS PUBLICANOS E OS PECADORES EM GERAL

Quando se deu a vocação de São Mateus, o publicano, os Evangelistas São Marcos e São Lucas apresentam em clara luz a misericórdia de seu divino Mestre.

Depois de ter contado, com poucas palavras, o fato, ambos acrescentam, com efeito, que o Publicano de ontem, o qual, então se chamava Levi, resolveu celebrar seu adeus ao mundo e sua entrada no Colégio Apostólico dando um grande banquete em honra de Jesus ⁽¹⁾. A êle convidaria todos os empregados do fisco, seus antigos colegas, com o fim, sem dúvida, de proporcionar-lhes a sa-

(1) Luc, V, 29: "Et fecit ei convivium magnum Levi in domo sua".

tisfação e a vantagem de ver mais de perto o grande Profeta e talvez também com a intenção secreta de vê-los impressionados com o encanto irresistível de seu olhar e de sua palavra?

Foi assim que, na casa do seu novo escolhido, Jesus se viu rodeado de um grande número de publicanos e pessoas de má vida como o declaram expressamente os dois Evangelistas ⁽¹⁾.

Pois os Escribas e Fariseus estavam fortemente admirados! Estranho espetáculo, com efeito para êstes homens dominados pelo orgulho a ambição e a dureza, ver êste pretendido Profeta admitir tais pessoas entre os seus ouvintes e mesmo consentir em se assentar à sua mesa! ⁽²⁾.

(1) Marc, II, 15: "Et factum est, cum accumberet in domo illius, multi publicani et peccatores simul discumbabant cum Jesu et discipulis eius; erant autem multi qui et sequebantur eum".

Luc. V, 29: "Et erat turba multa publicanorum et aliorum qui cum illis erant discumbentes".

(2) Os Fariseus e seus Escribas nunca teriam aceitado serem os convidados de um Publicano. Mas, sem estar entre os convivas de Levi, como os discípulos de Jesus, era-lhes todavia possível ser testemunhas da cena que os sinópticos nos apresentam. Sabe-se, com efeito, que os costumes da Palestina, naquela época, permitiam facilmente entrar numa sala de festim e de lá sair como simples curiosos. Notamos entretanto que outros exegetas pensam que os Fariseus não teriam nem mesmo aceitado de entrar na casa de um Publicano e êles explicam que a interpelação foi feita, sem dúvida, do exterior da casa". (Marchal, *Evangelho segundo São Lucas*, Paris, 1935, p. 80).

Então, sem que êles suspeitassem nem de longe, que iam dar um eloqüente testemunho da mansidão e da misericórdia de Jesus, decidiram protestar enérgicamente contra tais procedimentos.

Foi por isto que, depois do banquete, como se acharam à beira do Lago ⁽¹⁾ com os discípulos de Jesus, disseram-lhes "Que idéias tem então vosso Mestre, que chega até a beber e comer com os publicanos e pecadores?" ⁽²⁾.

Jesus ouviu esta repreensão e respondeu Ele mesmo, amarrando com uma palavra ao pelourinho o orgulho de seus inimigos odientos e ciumentos: "Não são aqueles que estão sãos, lhes disse, que precisam de médico, mas os doentes!" Depois acrescentou esta declaração solene, que na sucessão dos séculos, ia alegrar todos os pecadores que desejavam sinceramente erguer-se, dissipar seus medos e reforçar sua esperança no perdão divino: "Eu não vim chamar os justos à penitência, mas os pecadores" ⁽³⁾.

Quanto ao resto, não é a única vez que os Evangelistas mencionam a multidão dos pecadores que

(1) Lago de Tiberíade nos arredores do qual Mateus exercia suas funções de Publicano, isto é de cobrador dos impostos.

(2) Quare cum publicanis et peccatoribus manducat e bibit magister vester? (Mat. IX, 11).

(3) "Non veni vocare iustos, sed peccatores ad poenitentiam" (Luc V, 32).

se compraziam em rodear a Jesus, ávidos como estavam de ouvir sua palavra vital.

Durante o terceiro ano da pregação do Salvador, pregando sua segunda missão na Peréia, São Lucas assinala um acontecimento semelhante ao que acabamos de relatar e o refere como se se tratasse de um hábito constante de Jesus como de uma coisa que se passa ordinariamente:

“Os publicanos e os pecadores se aproximam de Jesus para ouvi-lo.

E os Fariseus e os Escribas murmuravam dizendo: Este homem acolhe os pecadores e come com eles” (1).

Jesus respondeu à intervenção dos Fariseus contando ao povo que o ouvia as parábolas da ovelha e da dracma perdidas e do filho pródigo, de que falaremos mais adiante.

Este ensinamento de Jesus, que tinha por fim pôr em evidência a misericórdia de Deus, era destinado principalmente aos publicanos e aos pecadores de todos os graus que compunham a maior parte de seu auditório.

Assim, a presença desta categoria de ouvintes das pregações de Jesus prova bem que a misericórdia devia ser um dos assuntos favoritos do Salvador. Pois era isto com certeza que atraía a Ele

(1) Luc XV, 1-2.

esta gente de má vida tão vituperada pelos escribas e fariseus, mas que se mostravam, por isso, desejosos de erguer-se de sua abjeção.

Em todo caso, o que está fora de qualquer dúvida é que as palavras e o procedimento misericordioso do Salvador, deviam, na sucessão das idades e até o fim dos séculos, esclarecer as multidões de almas desviadas, reanimar sua confiança, fortalecê-las e erguê-las pelo arrependimento, o amor e a generosidade, à imitação de Madalena, de São Pedro e de tantos outros, até os cimos esplendurosos da perfeição.

II — O FILHO PRÓDIGO

Eis aqui, em primeiro lugar, a comovente parábola do Filho pródigo (1) na qual o Coração de Jesus se revela a nós com todo o esplendor do seu amor misericordioso para com os maiores culpados

Aqui, com efeito, Jesus nos conta que, apesar do inqualificável procedimento do Pródigo, seu pai não deixa de o amar, de pensar nêlo, de suspirar pela sua volta...

Assim, cada dia, à primeira luz da aurora, este terno pai sobe ao monte vizinho para perscrutar o horizonte.

(1) Luc XV, 11-32.

E aí, àvidamente, incansavelmente, êle procura com os olhos e com o coração seu querido filho, seu filho perdido, mas sempre ternamente amado!...

As semanas, os meses, os anos passam, e o pai dêste ingrato fica, apesar de tudo, inabalável em seu amor!...

Finalmente, vencido pela miséria, abatido pela desgraça, traído pelos seus amigos, o Pródigo abre seu coração à graça do arrependimento!... Lembra-se da inefável bondade de seu pai, e da felicidade de que gozava ao pé dêle. Que contraste com a condição de agora!

"Eu me levantarei, exclama êle, com o coração partido pela dor, e irei à casa de meu pai!"

Encontro comovente aquê! Espetáculo de humildade, de arrependimento e de confiança da parte do filho; de ternura transbordante e de inefável misericórdia da parte do pai!

Na presença de seu filho encontrado, êste bom pai entrega-se totalmente à alegria que lhe causa sua volta. Daqui por diante, um único pensamento o ocupa: seu filho, seu querido filho! *Um só sentimento o domina: o amor com todo o seu ardor, a ternura mais exquisita, a misericórdia mais comovedora!...*

Nada de perguntas, nada de repreensões. Nada mais do que abraços e beijos para êste ingrato ⁽¹⁾.

Uma só palavra é repetida sem cessar, pelos lábios dêste terno pai: "Meu filho! meu filho que estava perdido e foi agora achado; — meu filho que estava morto e é agora ressuscitado! Ah! para meu filho para meu querido filho, logo o trajo mais formoso, para meu filho, uma festa, um festim magnífico!"

Tal é a pasmosa misericórdia do Coração de Jesus que põe em plena evidência a palavra do profeta: "Eu não quero a morte do pecador, mas que se converta e viva ⁽²⁾. E a de São Paulo: "Deus nosso Salvador, quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade" ⁽³⁾.

III. — O BOM PASTOR

A parábola do Filho Pródigo é certamente capaz de comover os corações mais endurecidos!

Todavia, é na do Bom Pastor que a última pa-

(1) "Et accurrens cecidit super collum eius, et osculatus est eum" (Luc XV, 20).

(2) Ez XVIII, 21-32: Vivo ego, dicit Dominus. Nolo mortem impii, sed ut magis convertatur et vivat!

(3) 1.^a Epístola a Timóteo II, 4.

lavra da misericórdia divina foi pronunciada por Jesus!

Porque, se na primeira vemos a Deus incansavelmente esperando o pecador e em seguida a acolhê-lo com amor e ternura inefáveis, eis que na segunda o vemos *prevenir* o pródigo e segui-lo nas suas corridas insensatas...

Vejo, com efeito, o bom Pastor tornando-se como insensível ao amor constante de suas outras ovelhas e unicamente preocupado de sua ovelha perdida!

Ele corre em pós dela. Procura-a em toda parte através dos campos, brenhas, espinheiros. Com certeza *Ele não descansará senão quando a tiver encontrado!*... (1)...

Entretanto, depois que ela abandonou Jesus, a alma infiel, figurada aqui pela ovelha perdida, não deu sinal algum de arrependimento. Pelo contrário, ela não pensa senão em fugir o mais longe possível. Ela evita a presença de Jesus; fecha os olhos diante de sua imagem, afasta até o pensamento d'Ele! Exige que não se lhe fale d'Ele. Já não quer senão as pastagens proibidas, suas desordens, sua ruína!...

Jesus sabe perfeitamente tudo aquilo. Mas que importa! Ele não deixa de amar sua infeliz

(1) Luc XV, 4-7.

ovelha. Só ouve o seu amor. Só sente as palpitações de seu coração compadecido e misericordioso. Ele prossegue sua corrida. Multiplica seus apêlos: "Onde está, então, minha ovelha, minha querida ovelha?"

Isto dura meses, anos!...

Como é grande a infelicidade desta pobre ovelha!

Ela se despenhou no fundo de um barranco! Seu belo traje branco de outrora está em farrapos, todo o seu corpo é coberto de lama!

As pastagens estranhas não lhe deram a felicidade sonhada, ela está só, abandonada de todos e não tem ninguém para reerguê-la!...

É então que ela evoca a amável e doce lembrança de Jesus. Seu excesso de ternura a converteu. O arrependimento é seguido de seu efeito natural. Ela ouve, daqui por diante a voz tão doce de Jesus. Levanta para Ele seus olhos cheios de lágrimas para dizer-lhe em altas vozes seu enorme perigo e sua imensa desgraça!...

Uma virtude divina transformou a ovelha infiel!

Logo, a alegria brilha no rosto de Jesus, ainda banhado das lágrimas que derramou sobre ela!

Então, não ouvindo mais que os impulsos do seu Coração, Jesus esquece todas as distâncias. Esta alma está lá diante d'Ele, e na qual aparecem

ainda os sinais de suas feridas, não é mais para Ele uma pecadora. É uma ressuscitada. É uma recém-batizada, é a esposa de seu Coração! *É sua Conquista que Lhe pertence!*

Por isso é que tem pressa em lhe provar que a ama como outrora, mais do que outrora, porque por ela, sofreu tanto! Ele a recebe em seus braços, levanta-a até seu peito, aperta-a ao seu Coração e faz passar no dela alguma coisa da felicidade d'Ele. Toma-a sobre seus ombros, e, triunfante a leva ao aprisco, *onde mais nada, daqui em diante, a distinguirá das outras ovelhas que permaneceram fiéis.*

Ah! quem poderá jamais manifestar as ternuras misericordiosas de Jesus, o Bom Pastor! ⁽¹⁾.

IV. — ZAQUEU

Zaqueu, convertido por Jesus, provoca, da parte do Mestre, esta animadora declaração em favor dos pecadores: "O Filho do homem veio *procurar e salvar* o que estava perdido!" ⁽²⁾.

Ora, de quem se trata aqui? Quem são aqueles

(1) Jo X, 1-16.

(2) "Venit enim Filius Hominis quaerere et salvum facere quod perierat" (Luc XIX, 10).

que neste passo do Evangelho, são o objeto todo especial da misericórdia do Salvador?

Jesus o indica claramente: seu divino Coração tem em vista *antes que tudo os maiores pecadores, aqueles que estão mortos à graça desde longo tempo, aqueles que, em todo caso, se julgavam já "como perdidos"* ⁽¹⁾, isto é os desesperados, a escória do povo de Deus, a última classe da sociedade, aqueles dos quais se diz tão livremente e com tanta facilidade: "Está tudo acabado: Não há mais nada que fazer!"

Entretanto aqui está perfeitamente o objeto da predileção do Coração misericordioso de Jesus! O texto sagrado não deixa dúvida alguma a êste respeito. Se não estiver aí o sentido dêste "quod perierat", onde está ele, e que torturas de espírito não deverão impor-se os nossos Jansenistas modernos para atenuar as palavras do Mestre e substituir à sua significação natural uma interpretação puramente arbitrária e menos comprometedora para suas enganosas doutrinas?

Quanto ao mais, reparaí na expressão empregada pelo Salvador: "O Filho do homem veio *procurar*" ⁽²⁾. Jesus não se contenta de salvar aqueles dêstes infelizes que se apresentam a Ele. Seu

(1) "Quod perierat".

(2) "Venit enim Filius hominis *quaerere*".

divino Coração cheio de misericórdia, sedento da necessidade de perdoar, não estaria com isto satisfeito. Quer ir mais longe.

“São-Lhe necessários” ⁽¹⁾ também aqueles destes pecadores cujos crimes são enormes e tão numerosos que eles não acreditam mais na possibilidade de sua salvação, e que daqui por diante nem mesmo pensariam em levantar seus olhares para Deus, se Deus mesmo não descesse até eles. É por isso que Jesus deixou o céu e desceu nas planícies lamacentas e cheias de mato do nosso exílio onde, Pastor incansável ⁽²⁾, Ele se deu à “procura” daquelas “suas ovelhas” ⁽³⁾ que passaram sob a tirania do estrangeiro ⁽⁴⁾. Ovelhas infiéis, sem dúvida, mas sempre queridas à seu Coração, pois Ele não deixará de chamá-las “suas ovelhas”.

Ora, por muito incompreensível que pareça aqui a misericórdia de Jesus, quem ousaria pretender que o divino Mestre tenha falado levianamente? Seria uma blasfêmia. Por conseguinte, que conclusão tirar, diante do texto de São Lucas citado acima:

(1) “Illas oportet me adducere” (Jo X, 16).

(2) “Ego sum Pastor bonus” (Jo X, 14).

(3) “Et alias oves habeo” (Jo X, 16).

(4) “Et alias oves habeo quae non sunt ex hoc ovili” (Jo X, 16).

“O Filho do Homem veio buscar e salvar o que estava perdido”? Senão aderir plenamente e alegremente à sentença de misericórdia pronunciada pela Infalível Verdade em favor dos pecadores? Sentença pronunciada por Aquêlê cujas palavras mais firmes que o céu e a terra ⁽¹⁾, irão levar sob todos os céus e em todos os séculos na alma e no coração dos “proscritos” esperança, alegria e conforto!

V. — A SAMARITANA.

Sítio!

Lendo o Evangelho, vê-se que sêde de perdoar atormentava verdadeiramente o Coração de Jesus!

Não é por isso, com efeito, que no princípio do seu ministério público, nós vemos o Salvador ir ao poço de Jacó precedendo lá uma pobre pecadora de Samaria, que dava motivo a falarem dela havia muito tempo, a respeito da qual o povo costumava repetir, com escárneo, os nomes de seus cinco primeiros maridos, e o nome daquele que ainda era então o companheiro de suas desordens!

Jesus resolveu salvá-la!

(1) “Coelum et terra transibunt — verba autem mea non praeteribunt —” (Mat XXIV, 35).

Foi certamente por isso que, fugindo da cólera dos Fariseus, ciumentos de seus sucessos, Jesus quis passar pela Samaria, quando foi da Judéia para a Galiléia. Pois, em tais ocorrências não era o caminho que os Judeus tomavam ordinariamente. Eles, com efeito, tinham o costume pelo menos os mais rigorosos, de percorrer o longo desvio da Peréia, além do Jordão, quando iam da Judéia para a Galiléia, ou vice-versa. Assim, pensavam eles, não nos exporemos às afrontas dos Samaritanos e evitaremos a humilhante necessidade de lhes pedir bebida ou comida!

Não assim Jesus: Ele tinha outras preocupações!

Ora, desde os campos que rodeiam Jerusalém donde vinha Jesus, até o poço de Jacó, situado ao pé do monte Garizim ⁽¹⁾ onde nós vamos assistir ao emocionante encontro de Jesus com a Samaritana, há um pouco mais de quarenta quilômetros!

Entretanto, a essa grande distância, é preciso acrescentar ainda o enorme incômodo do calor, particularmente tórrido que oprimia o divino viajante! Pois estava-se, nesta ocasião, na sexta hora do dia, perto do meio-dia, como o nota expres-

(1) Lá se mostra ainda agora aos viajantes o "Bir-Yacoub", poço que outrora Jacó mandou escavar para seu filho José.

samente o Evangelho ⁽¹⁾, a hora em que o sol da Palestina resplandece com mais fulgor e mais intensidade!

Chegado, finalmente, perto da antiga fonte de Jacó, Jesus, cansado, esgotado se assenta sobre o bocal do poço com tãda a simplicidade,

É aí que o Salvador decidiu misericórdiosamente esperar a pobre pecadora que Ele tinha resolvido reconduzir ao caminho da virtude!

Meio-dia! A hora em que as donas de casa de Sicar vão aí fazer sua provisão de água.

Aí está uma!

É exatamente aquela que Jesus espera!

Ela traz sobre a cabeça um pesado cântaro que lhe servirá para tirar água. Mas ela o leva com facilidade e com graça, como costumam essas mulheres do Oriente habituadas como são a suas funções de carregadoras de água que elas exercem todos os dias e até muitas vezes por dia!

A mulher se aproxima da fonte.

Ela vê, sem admiração, sentado sobre o bocal, como se fôsse sobre um banco de pedra, o estrangeiro que descansa.

É um Judeu, inimigo de seu povo! Seu traje o manifesta!

(1) Jo IV, 16.

Mas pouco importa! Ela tirará água sem lhe dizer nem uma palavra, segundo o costume dos Samaritanos com relação aos Judeus e reciprocamente.

Ela dependura o seu cântaro ao gancho da longa corrente que desce lentamente acionada pela manivela do poço.

O cântaro sobe cheio de água até a borda.

É o momento escolhido por Jesus para quebrar o silêncio e começar sua obra de conversão!

— Dá-me de beber, diz Jesus à Samaritana.

Surpreendida pela intervenção insólita do estrangeiro, a mulher responde:

— Como ousas tu me pedir de beber, tu que és Judeu, a mim que sou Samaritana?

Então, lentamente, escandindo cada uma de suas palavras afim de impressionar mais sua interlocutora, Jesus lhe diz:

— Se tu conhecesses o dom de Deus e quem é Aquêlê que te diz: "Dá-me de beber!" tu lhe terias pedido primeira, e êle te teria dado água viva!

O passo foi dado!

O divino caçador feriu a prêsa que êle deseja. Ela não lhe escapará mais!

Então se trava, entre Jesus e a mulher uma discussão de sublime interesse:

— Senhor, objeta a Samaritana, vós nada tendes para tirar a água e o poço é fundo; como poderíeis ter essa água viva? Seríeis vós maior do que nosso pai Jacó que nos deu êste poço?

— Quem quer que beba desta água, responde Jesus, terá ainda sede; mas aquêlê que beber da água que eu lhe der não terá sede nunca mais; e a água que Eu lhe darei tornar-se-á nêlê uma nascente de água jorrando para a vida eterna.

Estranhas palavras estas!

Mas admiremos, de passagem a condescendência misericordiosa do Salvador, que quer responder às perguntas desta mulher do povo, com tanta simplicidade e erguer a alma dela tão deteriorada, tão sem elevação, até às mais altas considerações!

Então, docemente, com bondade e uma infinita sabedoria, Jesus levou a pecadora a confessar as suas faltas; depois, tendo-a esclarecido a respeito das profecias que anunciam a vinda do Messias, Jesus se revela súbitamente a ela em todo o esplendor de sua missão divina:

— O Messias? Sou Eu que te estou falando!

A Samaritana fica confundida! Mas sua conversão é total, imediata! Ela crê, ela é feliz e se torna logo, junto a seus compatriotas, a doce e zelosa mensageira da vinda do divino Redentor!

VI. — A MULHER ADULTERA.

Eis que a misericórdia do Coração de Jesus vai descer sobre uma alma tão culpada que seu pecado se apresenta entre aquêles que Moisés punia com o descrédito público e com o mais grave dos castigos: a morte pela lapidação.

Assim, sob a Lei Mosaica eram tratados os adúlteros!

Castigo terrível, cujo opróbrio, não é preciso dizê-lo, revertia sobre os parentes e sobre toda a família do culpado.

Ora, durante a vida pública de Jesus, uma mulher foi manifestamente surpreendida em adultério!

Então, triunfantes, os Escribas e os Fariseus da Cidade Santa, sempre à espreita do que podia a seus olhos, perder Jesus na estima do povo, correram diante d'Ele, enquanto ensinava no Templo de Jerusalém. Empurravam diante de si, como um troféu, a pobre pecadora, muito envergonhada, mas, certamente, já arrependida, e com sua costumada audácia, ousaram dizer a Jesus:

— Mestre, esta mulher foi surpreendida em adultério. Ora, Moisés, na Lei, nos ordenou que apedrejássemos tais pecadores! ⁽¹⁾.

(1) Jo VIII, 5: "In lege autem, Moyses mandavit nobis huiusmodi lapidare!"

Ah! Agora o apanharam, este Jesus, que tantas vezes os humilhou profundamente diante das multidões.

Mais de uma vez, com efeito, o Salvador, tinha manifestado a alma podre destes Doutores em Israel, enquanto eles se esforçavam em dissimular seu procedimento criminoso aos olhos do povo sob o exterior de uma piedade fingida e de um respeito só aparente da Lei. Sepulcros caiados por fora, mas cheios de podridão por dentro!

Jesus, o divino Jesus, tinha conquistado as multidões com suas pregações luminosas e o exemplo de sua bondade para com todos e da sua misericórdia relativamente aos pecadores, à mesa dos quais Ele não desdenhava assentar-se ⁽¹⁾, como nós o lembramos no princípio deste capítulo.

Eles sabiam muito bem, estes escribas e Fariseus orgulhosos, os quais, por isso mesmo, resolveram perder a Jesus no espírito do povo obrigando-O a pronunciar sobre esta pobre mulher uma sentença das mais severas!

— Vamos! Vamos! Fala então, parecem dizer-Lhe atrevidamente, certos como estão do sucesso de seu malicioso stratagem.

E tanto mais insistiam para provocar o julga-

(1) Mat, IX, 11: "Quare cum publicanis et peccatoribus manducat Magister vester?"

mento de Jesus, quanto mais rodeado estava, naquele momento de uma multidão atenta a suas comovedoras lições. Finalmente, devido à sua tão oportuna intervenção, esta multidão simples, pensavam êles, iria julgar o Profeta de conformidade com o parecer dêles e se retiraria desenganada!

Então Jesus levantou-se, majestoso, encarou um instante seus adversários, depois se abaixou para o chão e com o seu dedo divino se pôs a escrever sôbre o soalho poirento do Templo.

Depois disso, o Mestre endireitou-se, e, como se fizesse alusão ao que Êle acabava de escrever sôbre o soalho, disse aos acusadores da mulher olhando para êles:

— Aquêlê dentre vós que estiver sem pecado, atire-lhe a primeira pedra!

E Jesus pôs-se outra vez a escrever.

Entretanto, sacudidos por esta apóstrofe inesperada do Profeta, igualmente desejosos de saber o que Êle tinha escrito. Escribas e Fariseus vieram se inclinar sôbre Êle e imediatamente foram vistos uns após outros, os mais velhos em primeiro lugar, dar-se vergonhosamente à fuga!

Outra vez, diz um comentador, Jesus acabava de descobrir a malícia, dêstes hipócritas defensores da Lei, publicando à presença do povo, seus pecados pessoais, muito mais graves do que o da pobre mulher, tão maltratada por êles, obrigando-

os assim sob o pêso da vergonha, a abandonar sua prêsa.

Logo, o átrio do Templo, onde nós supomos que se passou esta cena trágica e grandiosa, se esvaziou.

Os esbirros orgulhosos, acusadores e carcereiros da pecadora vendo-se mais culpados do que ela, a tinham abandonado com grande pasmo da multidão, testemunha dêste drama divertido!

Então, continua o Evangelista São João, Jesus tendo-se reerguido, e não vendo senão a mulher, lhe disse:

— Mulher, onde estão os que te acusavam?

E a mulher respondeu :

— Ninguém, Senhor.

Ela teria podido dizer: Vós lhes tirastes tôda a vontade de o fazer, Senhor. Porque, em vossa inefável misericórdia, para me salvar do furor dêles os pusestes na frente de suas próprias iniquidades e, cheios de confusão, se puseram em fuga!

Então Jesus acrescentou, em forma de perdão total:

— Vai, mas não peques mais! ⁽¹⁾

(1) Aqui a misericórdia de Jesus é tão manifesta que nas primeiras idades da Igreja alguns grupos de cristãos hesitaram em inserir esta passagem no Evangelho, receando que o procedimento

VII. — MADALENA

Madalena ⁽¹⁾ a grande pecadora, a pecadora pública, da qual Jesus tinha expulso sete demônios ⁽²⁾, mas daí em diante penitente, porque conquistada pelo Coração de seu bom Senhor Salvador, conhece muito ela também os tesouros de amor e de misericórdia que encerra o Coração de Jesus! Assim também ela se atreve a aproximar-se de Jesus, enquanto Ele se achava à mesa de Simão o fariseu, com seus discípulos. Ela chora, a seus pés, as faltas passadas, rega-os com suas lágrimas de arrependimento e de amor, enxuga-os com seus cabelos e os cobre de beijos! E Jesus a deixa fazer tudo, apesar da admiração dos Judeus! Jesus deixa fazer a esta mulher, cujos crimes conhecidos de todos, encheram de indignação tôdas as consciências, e todos os corações de desgosto! Entretanto, com grande escândalo dos Judeus que não conheciam, êles, como Madalena, os tesouros de misericórdia e de bondade que transbordam do Coração de seu bom Senhor, Jesus se deixa tocar por esta mulher de má vida!...

misericordioso de Jesus se tornasse uma facilitação para certos pecados não menos graves quão vergonhosos.

Cf. Fillion (São João, VIII, em nota e seu grande comentário, p. 162-166).

(1) Luc VII, 36-50.

(2) Marc XVI, 9.

Ah! qual alma, depois disto, poderá ainda pretender que seus pecados, sejam quais forem, expiados, aliás, nas lágrimas do arrependimento e nas águas salutares da Penitência, o impeçam de tocar com seus lábios a Carne imaculada do Cristo e de com ela se nutrir?

Entretanto, Jesus fará mais ainda, a respeito de Madalena, a convertida de seu Coração. Ele a reabilitará de alguma maneira, aos olhos do mundo inteiro recebendo-a, ao lado de sua Mãe, no número das piedosas mulheres que serão as testemunhas de seus últimos sofrimentos! ⁽¹⁾ E depois da sua ressurreição, Jesus não se lembrando senão do amor de sua ilustre penitente, a favorecerá com uma de suas primeiríssimas aparições ⁽²⁾.

Quereis conhecer o epílogo desta maravilhosa história?

Lemos na vida de Santa Margarida de Cortona ⁽³⁾, esta grande pecadora convertida, da qual falaremos depois ⁽⁴⁾, que um dia Jesus, querendo consolidá-la na prática generosa da penitência,

(1) "Erant autem et mulieres de longe aspicientes, inter quas erat Maria Magdalene" (Marc XV, 40).

(2) "Surgens autem mane, prima sabbati, apparuit primo Mariae Magdalene" (Marc XVI, 9).

(3) Pelo R. Pe. Leopoldo de Cherance, O. M. C., casa editora Duclot Gembloux.

(4) Cap. II, n.º 13.

apareceu-lhe acompanhado de Santa Maria Madalena, cuja festa a Igreja ia celebrar: "Vês tu, lhe disse Jesus, aquela a quem perdoei na casa do fariseu? Êste trajo de prata que cobre seus ombros, êstes diamantes que brilham em seu diadema, esta glória que a rodeia, eis aí o prêmio de sua penitência na caverna" (de la sainte Baume). Eis aí o Coração de Jesus na maravilhosa manifestação do seu amor e de sua misericórdia!

À vista dos santos atrevimentos de Madalena, de um lado, das inefáveis ternuras e das tocantes atenções de Jesus para com Madalena, por outro lado como também da esplêndida recompensa de que a grande pecadora goza hoje, qual pecador, sinceramente convertido, poderia duvidar ainda do seu perdão e dizer que tudo está acabado quanto à vida de união e de intimidade com o Coração de Jesus?

CAPÍTULO II

Jesus manifesta ao mundo a misericórdia de seu divino Coração durante sua paixão.

I — JUDAS

A Judas ⁽¹⁾, que o vai trair, Jesus lava os pés, afim de o enternecer e converter! Judas fica insensível. Entretanto o Coração de Jesus não desanima. No jardim das Oliveiras, Ele tentará um último esforço para salvar seu apóstolo infiel. No momento em que êste, com um beijo pérfido, realiza seu crime, Jesus, longe de o repelir, lhe diz, com a expressão da mais doce e da mais terna repreensão: "*Meu amigo, que vens tu fazer aqui!*" ⁽²⁾

Mas como pôde Jesus suportar que o Traidor imprimissem seus lábios impuros sobre seu rosto, divino? Jesus teria devido, pelo menos, evitar êste beijo imundo. — Ele não o quis para dar uma nova

(1) Jo XIII, 1-11.

(2) "Amice, ad quid venisti?" (Mat. XXVI, 50).

prova de sua compaixão e dos esforços da sua misericordiosa bondade que ardentemente desejava tocar o coração de seu apóstolo infiel e ganhá-lo novamente a seu amor.

Trabalho perdido! Judas, insensível e dominado pela cupidez — por trinta dinheiros — entregará seu divino Mestre, e, chegando a tarde, desesperado, ele se enforcará.

Ora, é oportuno lembrar aqui a arrebatadora história que conta René Bazin em seu livro intitulado: *A Doce França* ⁽¹⁾:

“Pouco tempo depois da minha visita ao museu de Cluny, eu assistia a uma lição de catecismo que era dada diante de uma centena de meninos, numa paróquia de Paris. O quarteirão era pobre, a Igreja também. No momento em que eu entrei, o vigário contava a traição de Judas que vendeu seu Mestre. Ele terminou sua narração com estas palavras: “Judas foi tomado de desespero e se enforcou”.

Logo, entre os pequenos, um dos mais jovens se levantou, subiu sobre o banco e fez sinal que ele queria falar.

— Eu não fiz pergunta alguma, disse o sacerdote. Que entende fazer?

— Dizer o que eu teria feito se fôsse Judas.

(1) Paris. De Gigord, éditeur, rue Cassette, 15.

— Diga então.

Os outros garotos estavam virados para o lado do companheiro. E ele, sem nenhum medo, muito confiado, porque sentia que era o seu coração que falava, respondeu:

— “Eu me teria pendurado ao pescoço do bom Jesus” ⁽¹⁾.

II. — SIMÃO-PEDRO

Simão-Pedro é o chefe escolhido ⁽²⁾ da Igreja do Cristo, Aquêlê que vai encarnar todos os poderes do Salvador, até o seu poder de taumaturgo, Aquêlê por quem se abalarão o céu, a terra e os infernos ⁽³⁾. Aquêlê finalmente sem o qual nem um dedo se levantará sobre a superfície do globo ⁽⁴⁾.

Ora, depois de promessas tão magníficas e que nunca nem anjo, nem homem tinham ouvido, que velo a ser Pedro, que já era o Chefe incontestado do Colégio Apostólico, e Confidente do seu bom

(1) La Douce France, p. 77.

(2) “Tu es Petrus et super hanc petram, aedificabo Ecclesiam meam” (Mat. XVI, 18).

(3) “Et tibi dabo claves regni caelorum. Et quodcumque ligaveris super terram, erit ligatum et in coelis; et quodcumque solveris super terram, erit solutum et in coelis” (Mat. XVI, 19).

(4) “Tu eris super domum meam, et ad tui oris imperium conctus populus obediet” (Gen. XL, 40).

Mestre, a Testemunha privilegiada de suas glórias (1) e de suas tristezas?... (2)

Um renegado e renegado até três vezes (3).

Fazia frio. Os satélites e os criados tinham acendido o fogo no meio do pátio e distribuídos ao redor do braseiro, assentados uns, outros de pé, se aqueciam esperando o resultado deste negócio.

Sobreveio a criada do Pontífice, encarregada da guarda da porta. Tendo percebido o Apóstolo, ela se lhe aproxima e encarando-o atentamente:

— Eis aqui um, disse ela, que estava com o Nazareno.

Depois, fixando-o bem no rosto:

— Sim tu estavas com Jesus da Galiléia!

Pedro negou diante de todos:

— *Mulher, eu não o conheço!... eu não sei... eu não posso compreender o que tu dizes!*

Então, ele saiu do pátio dirigindo-se para o vestibulo: mas, assim que lá chegava, outra criada o reconheceu e gritou diante de todos:

— Este estava certamente com Jesus de Nazaré!

Um instante depois, um criado o encontra:

— Também tu, lhe disse, pertences a essa gente?

(1) Mat. XVII, 1-9.

(2) Mat. XXVI, 37 e Marc. XIV, 33.

(3) Marc. XIV, 72.

Neste momento o galo cantou.

Pedro volta ao pé do fogo e, ficando de pé, torna a se aquecer.

— Não eras tu do número de seus discípulos? perguntaram-lhe os fâmulos.

Uma segunda vez, nega-o com juramento:

— *Não repito que não! eu não conheço absolutamente este homem!*

Perto de uma hora depois, os que estavam presentes, lhe disseram:

— Certamente, tu és da quadrilha, porque tu és da Galiléia: tua linguagem te manifesta.

Um dos criados do Pontífice, parente daquele a quem Pedro tinha cortado a orelha o acusou por sua vez:

— Não te vi no jardim com ele?

Pedro negou ainda, e se pôs a imprecisar e a multiplicar os juramentos e os protestos:

— *Não, repetiu ele, eu não conheço este homem: eu não sei o que vós quereis dizer!*

E o galo cantou pela segunda vez (1).

O crime estava consumado:

Haviam terminado os belos protestos de amor e de fidelidade de Pedro:

“Senhor, ainda que todos se escandalizassem por Vós, eu não me escandalizaria!”

(1) “Et statim gallus iterum cantavit” (Marc. XIV, 72).

— *Eu te digo, na verdade, lhe respondeu Jesus, esta noite mesmo, antes que o galo cante duas vezes, tu me terás negado três vezes!*”

Mas com a maior animação, insistiu e disse:

— *Ainda que me fôsse preciso morrer convosco, eu não Vos renegaria* (1).

Ora, eis que é chegada a prova do amor, da fidelidade jurada. Boas as palavras; melhores porém os atos. Pedro não teve a coragem de provar com atos a sinceridade de suas afirmações. Pois nessa mesma noite, desde antes que o galo cantasse a segunda vez, como Jesus tinha profetizado, Pedro, o Príncipe dos Apóstolos, Aquêlê que logo reuniria em si todos os poderes, renegou cobardemente seu Mestre!

Sem dúvida alguma, não se deve mais pensar na elevação de Pedro ao supremo Pontificado! Não será mais êle que ficará no lugar de Jesus. Não sòmente, êle não será mais o chefe dos Apóstolos, mas um tal procedimento da parte dêle merece a exclusão para sempre do Colégio Apostólico.

Pensamentos humanos êsses!

Jesus não se detém um instante nessas considerações.

Jesus é Deus e, porque é Deus, sua misericór-

(1) Marc. XV, 29-31.

dia é infinita e não deixa de perdoar ao arrependimento sincero.

Nisto está tudo e isto é suficiente para qualquer que queira contar com as misericórdias divinas: *arrepender-se*.

Tais foram, depois do seu pecado, os sentimentos de Pedro: Depois que o galo cantara a segunda vez, o Apóstolo se lembrou da palavra que Jesus lhe tinha dito, quando lhe disse a tríplice negação e, logo se pôs a chorar (1).

Desde então, Jesus procurou a ocasião de ver, ainda que fôsse só por um instante, seu Apóstolo infiel afim de confirmá-lo em seu arrependimento e em suas disposições salutaras.

Neste momento o cortejo donde se levantavam os gritos e clamores da criadagem, dos Fariseus e da soldadesca romana que rodeavam a Jesus, êste veio passar diante do Apóstolo consternado. O olhar de Jesus, todo cheio de misericórdia e de amor encontrou-se com o de Simão-Pedro (2). O Apóstolo que o renegara leu nos olhos de Jesus a compaixão e a ternura. Ouviu sair dos lábios, embora mudos, de seu Salvador, o perdão que desde já, transfigurou sua alma.

(1) Marc. XIV, 72.

(2) Luc. XXII, 60-61.

O olhar de Jesus comoveu de dor e de amor o coração de Pedro e inundou o seu rosto com um dilúvio de lágrimas que não estancarão mais.

Também Jesus está satisfeito com o arrependimento de seu Apóstolo. Ele o confirmará no elevado cargo de que o queria investir. Mas é um cargo tão elevado, tão sublime, que além de sua imensa dor, Jesus exigirá de Pedro uma nova e solene expiação!

Quando depois da sua ressurreição Jesus apareceu aos Apóstolos às margens do Lago de Tiberíades instituiu Pedro Chefe soberano de sua Igreja. Todavia, antes disso, Jesus lhe perguntou, três vezes consecutivas, mostrando com o olhar os outros Apóstolos reunidos ao redor d'Ele: "*Pedro, me amas tu mais que êstes?*" E cada vez, Pedro respondia: "*Sim, Senhor, Vós sabeis que eu Vos amo!*" E Jesus dizia: "*Apascenta os meus cordeiros!*" Entretanto, à terceira vez, o Apóstolo compreendeu que Jesus queria fazer alusão à sua tríplice negação e que Ele queria, sem dúvida lhe fazer expiar à presença de todos por uma tríplice protestação de amor!... Então, não podendo mais se conter, Pedro entregando-se ao amor misericordioso de seu bom Mestre exclamou, com os olhos cheios de lágrimas: "*Senhor, Vós sabeis tudo, Vós sabeis muito bem que eu Vos amo!*"

E Jesus lhe disse: "*Apascenta minhas ovelhas!*" (1).

Acabou-se, a expiação é completa. Jesus não exigirá nada mais. Pedro, ainda ontem renegado, é constituído o Chefe Supremo da Igreja do Cristo. Ele será o Pastor incontestado dos cordeiros e das ovelhas, dos fiéis e dos Pastores!

Não é verdade que o procedimento de Deus com relação a Pedro que será amanhã o Chefe de sua Igreja, é absolutamente inexplicável, desconcertante?

— Sim, de certo, e se nós formos buscar no fundo do Coração do nosso Deus a razão dêste procedimento, a chave dêste enigma, nunca chegaríamos a compreender.

Quereis então, para vós mesmo, amigo leitor, milagres semelhantes, vós que talvez tendes imitado as prevaricações de Simão-Pedro? Imitai também, em seu arrependimento e em sua confiança, este admirável Penitente; lançai-vos completamente no abismo insondável do Coração de Jesus dizendo-Lhe, com todo o fervor de vossa alma e todo o abandono de um menino para com o melhor e

(1) "Pasce oves meas!" (Jo XXI, 15).

mais terno dos pais: "Sim, Coração misericordioso de Jesus, tenho Confiança em Vós" (1)

Leitor! quem quer que sejas, acaso foste tu mais longe; desceste mais profundamente no abismo do que Pedro e do que Judas, ambos sacerdotes, bispos e Apóstolos? Entretanto, um tendo-se tornado traidor, e o outro, renegado, provocam, pelo vulto e profundidade, mesmo de sua iniquidade, a compaixão do divino Coração de Jesus! Todavia, não meças o teu pecado pelo dêles, mas lembra-te da misericórdia infinita de teu Salvador. Olha tuas iniquidades através do Coração inefavelmente misericordioso de Jesus. Sòmente então, compara e tira as conclusões. (2)

(1) "Por incrível que nos pareça a divina bondade, levada até à espécie de excesso que acabamos de considerar, a imagem que dela formamos em nós é, entretanto ainda muito incompleta. Nenhuma figura, nenhuma comparação nos pode dar disso uma idéia perfeita, pela simples razão que a bondade de Deus é *infinita* e que nossa inteligência é essencialmente *finita*. O finito não poderia compreender o infinito" (B. Vercruysse, S. J., Manual de Piedade, I, II, p. 418).

(2) Lembrando um dia a seus religiosos a palavra de São João: "Si quis peccaverit, advocatum habemus apud Patrem Jesum Christum. Se alguém pecar, temos Jesus Cristo por advogado junto do Pai" (1 João II, 1), São Bernardo (Epist. 95) comenta assim: "É para que ninguém perca coragem, quanto mais intensamente qualquer se voltar verdadeiramente para Deus, com todo o seu coração, *obterá certamente misericórdia*. Se o Príncipe dos Apóstolos, depois de ter freqüentado por tanto tempo a Escola de Jesus

III. — OS ALGOZES DE JESUS

Jesus Cristo vai morrer sôbre o patíbulo da infâmia. E a sua própria cruz vai se tornar o Trono da misericórdia do seu divino Coração!

Jesus acaba de ser suspenso entre o céu e a terra! Os algozes, os fariseus, a população insultam a seus sofrimentos. Sofrerá Êle ser ultrajado nesses momentos? Não mandará seus raios sôbre seus insultadores? Ah! pensar nisto não é conhecer o Coração de Jesus! Jesus fala, e que diz Êle? "*Meu Pai, perdoai-lhes porque não sabem o que fazem*" (1)

Cristo, e recebido tantos favores d'Êle, caiu contudo tão gravemente e se depois de uma queda tão enorme, depois de ter renegado a seu Mestre e seu Deus, foi restituído ao estado de graça *tão eminente*, quem pode desesperar de seu perdão? Tendes vós pecado, no mundo, mais do que São Paulo? ou na religião, mais do que São Pedro? Se um e outro, pelo seu arrependimento e sua penitência, mereceram não sòmente que Êle lhes perdoasse, mas que os elevasse a *um grau tão sublime de santidade e de glória*, imitai-os em sua penitência e vós podereis não sòmente voltar ao *primeiro estado* onde vos acháveis antes de vossa queda, mas ainda chegar a uma perfeição *maior e mais completa*".

(1) Luc. XXIII, 34. "Pater, dimitte illis; non enim sciunt quid faciunt".

IV. — O BOM LADRÃO

Um dos ladrões crucificados com Ele se recomenda à sua lembrança: "Senhor lembra-te de mim, quando estiveres no teu Reino! É um homem cujas mãos são cheias de iniquidades. Pouco importa! seu arrependimento é suficiente ao Coração de Jesus e, do alto de sua cruz, Jesus o canoniza: "Em verdade eu te digo, hoje estarás comigo no meu paraíso" (1).

V. — O DOM DE SUA MÃE

Por que e de que maneira vai Jesus dar-nos testemunho todo particular de sua misericórdia dando-nos sua Mãe para ser nossa Mãe?

Jesus, apesar de sua inefável e inesgotável misericórdia conserva, entretanto, o exercício da justiça.

Ora, pelo receio que esta venha às vezes, por causa dos nossos pecados, embaraçar o exercício de sua misericórdia, Jesus quis nos confiar todos à sua Mãe porque, por uma disposição especial de sua amorosa Providência, Maria não recebeu em particular, na Economia da salvação das almas,

(1) Luc. XXIII, 42. "Amen dico tibi; hodie mecum eris in Paradiso".

senão o atributo da misericórdia, excluindo o da justiça.

É por isto que o Cardeal Hugo, citado por Santo Afonso nas *Glórias de Maria* (1) chama Maria "a pacificadora universal" e a compara às *Tendas de Salomão* (2) onde, à diferença das de Davi, nunca se tratava senão de paz.

O autor das *Glórias de Maria* tira ainda da Sagrada Escritura outra figura de Maria não menos bela nem menos sugestiva do que a precedente.

Como São Boaventura e Santo Alberto Magno, Santo Afonso chama Maria "a Pomba de Noé" que traz à Igreja a paz universal (3).

Assim, segundo estes grandes doutores, Maria é unicamente a Doce Mensageira que, nunca traz, nas pregas de seu manto real senão mensagens de paz e de reconciliação, e cujas mãos veneráveis não trazem senão ramos de oliveira!

Aproximem-se então os pecadores, por culpados que sejam, com plena e inteira confiança, ao Trono de sua celeste Mãe, *contanto que de uma vez, estejam decididos a mudar de vida.*

Maria é, com efeito, toda misericórdia. Por isso é que a Igreja gosta de compará-la a Ruth re-

(1) Salve Regina, cap. VI.

(2) Cant. VIII, 10.

(3) Salve Regina, cap. VI.

colhendo as espigas no campo de Booz, as espigas perdidas ou abandonadas pelos ceifadores ⁽¹⁾.

Tal é Maria, nossa Mãe. Respigadora incansável vai percorrendo os campos do apostolado de todos os ceifadores de Deus seu filho, preocupada, sobretudo em achar e recolher as almas, cujos pecados e inumeráveis recaídas cansaram os apóstolos do Evangelho; espigas perdidas e abandonadas que Maria se esforçará de reconduzir ao celeiro do Pai de família.

“Para êstes pecadores, diz o grande Doutor da oração, que juntam, ao desejo de se emendar, a fidelidade em servir e invocar a Mãe de Deus, eu sustento que é mortalmente impossível que êles se percam!”

É o que Santa Brígida ouviu um dia da boca do próprio Jesus Cristo. Ele dizia, dirigindo-se a sua Mãe: “Vós prestais vosso apoio a quem quer que deseje sinceramente voltar para Deus e, nunca deixais qualquer dêles sem consolação” ⁽²⁾.

Por sua vez, Santo Anselmo e São Bernardo exortam o pecador a que se recomende a Maria dizendo que se êle é indigno de ser ouvido, Maria estenderá contudo sua mão poderosa para êle, porque seus méritos lhe valeram o privilégio de

(1) Obra citada, cap. III, p. 123.

(2) Salve Regina, cap. I, p. 53.

obter para os pecadores tôdas as graças que Ela solicita de Deus em favor dêles ⁽¹⁾.

Santo Afonso conclui dizendo: “Tudo quanto esta Rainha clemente exige do pecador, é que se recomende a Ela e que tenha a sincera intenção de se corrigir”.

Promessa que Maria fêz claramente, Ela mesma em pessoa, a Santa Brígida: “Por quanto culpável seja um homem, se êle se dirige a mim com um verdadeiro arrependimento, Eu estou pronta a acolhê-lo sem demora. Eu não faço conta de suas faltas, mas sòmente das disposições em que está e não recuso absolutamente aplicar o remédio às suas feridas e *curá-lo*, porque Eu me chamo e sou a Mãe da misericórdia”.

A uma tal mensagem vinda do céu, qual coração poderia resistir?

ORAÇÃO DA ALMA AGRADECIDA ⁽²⁾

Ó Mãe bondosíssima d'Aquêles que disse: “Não são os que têm saúde que precisam do médico”,

(1) Obra citada, cap. I, p. 55.

(2) Extraída da Arte de utilizar suas faltas segundo São Francisco de Sales pelo R. Pe. Tissot, 2.^a P., cap. VIII, casa de Beauchesne, Paris.

e noutra passagem: “Perdoai até setenta vezes sete vezes”, quando então as nossas recaídas poderão esgotar vosso poder ou a ternura de vossas solitudes? Vós ides buscar o pecador rejeitado de todos, vós o abraçais, vós o aqueceis, vós não des-cansais sem que o tenhais curado.

“Eu sou o vosso doente, salvai-me!”

“Tuus sum ego, salvum me fac!”

Tal será todos os dias do meu exílio, meu grito de esperança.

Quanto mais eu lembrar minhas quedas passadas, mais Vos recordarei a Vós mesma, ó Maria, que Vos tivestes o poder e a bondade de me levantar delas, e mais também me julgarei certo que Vós não me abandonareis curado só pela metade.

E é por meio de Vós, ó Maria, minha Mãe, que eu espero ir um dia, ao céu, cantar as infinitas misericórdias de Deus e as vossas por tãda a eternidade! “Misericordias Domini in aeternum cantabo!” (1).

Amém

(1) Sl 88.

CAPÍTULO III

Jesus manifesta ao mundo a misericórdia de seu divino Coração pela instituição do Sacramento da Penitência.

A misericórdia do divino Coração de Jesus se revela não menos admiravelmente na instituição do sacramento da Penitência, que se poderia chamar *o sacramento de misericórdia por excelência*. Pois não é pasmoso que o nosso Deus tenha preparado *antecipadamente* o remédio às nossas fraquezas e que Ele chegue até a nos assegurar que não fará excepção de nenhum crime, por enorme que seja? A declaração de Jesus Cristo é, com efeito, das mais formais: *Tudo aquilo que vós desligardes sobre a terra será desligado no céu* (1).

Aliás, não tinha dito precedentemente a seus discípulos que *“todo pecado e tãda blasfêmia será perdoado aos homens”* (2) — e, outra vez não de-

(1) Mat. XVI, 19.

(2) Mat. XII, 31-32 e Marc. III, 28.

clarava Êle a *Pedro* que não se devia contentar de perdoar sete vezes, mas que era preciso fazê-lo “até setenta vezes sete vezes” (1) isto é *sempre*?

Ah! que diferença entre êste banho de salvação e a piscina probática de que fala o Evangelho! (2) Nesta não havia cura senão para um só *doente*. Naquele o restabelecimento alcança *todos aquêles* cujo arrependimento é sincero e a resolução firme.

Há entretanto entre uma e outra alguma semelhança. É que no Sacramento da Penitência, como outrora na piscina probática, todos os males são radicalmente curados. Prodígio assombroso sem dúvida o que executa o sacerdote no momento em que, revestido por Deus de um poder sem limites, vai pronunciar sobre seu penitente as palavras milagrosas!

(1) “Dicit illi Iesus: Non dico tibi usque septies: sed usque septuagies septies” (Mat. XVIII, 22).

(2) Chamada em hebreu: “Bethsaida”. Ela era rodeada de cinco pórticos, sob os quais jazia uma multidão apertada de enfermos, cegos, coxos, paralíticos esperando o movimento da água. Em certos momentos, o Anjo do Senhor descia à piscina e a água se agitava. Ora, aquêle que, primeiro, lá entrava depois do movimento da água era curado de sua doença, qualquer que fôsse (Cf. Jo V, 1-5).

A piscina probática era um vasto reservatório rodeado de construções magníficas. Vê-se ainda hoje a bacia desta maravilhosa Piscina. Ela era chamada “probática”, isto é “das ovelhas” porque ela estava perto da porta pela qual se faziam entrar em Jerusalém as ovelhas destinadas aos sacrifícios do Templo. (Weber).

Prodígio mais admirável do que o realizado pelo próprio Cristo sobre Lázaro “morto havia quatro dias e que já cheirava mal” (1) pois que aqui se trata de um cadáver sepultado nas sombras do pecado mortal desde talvez inúmeros anos!

Prodígio mais maravilhoso ainda do que o de Moisés, que, com uma só pancada de sua vara fazia sair da rocha uma água límpida e abundante. Entretanto, um dia, Moisés se admira desta grande maravilha. À vista das prevaricações de seu povo, reunido aí diante dêle e diante de Aarão, grita como fora de si: “Ouvi pois, incrédulos e revoltados que sois, poderemos fazer sair água dêste rochedo?” (2) — Ora, esta hesitação, diz o texto sagrado, desagradou ao Senhor: “Porque vos não tendes crido à minha palavra, diz Jeová, dirigindo-se a Moisés e a Aarão, vós não entrareis na terra prometida!” (3).

Mais perversos, talvez, do que o povo Hebreu e mais ingratos do que êle para com um Deus o qual, já nos perdoou mil vezes nossas iniquidades, não estivemos, nós também prestes a participar da hesitação de Moisés no momento de ir ferir o

(1) Jo XI, 39.

(2) “Audite, rebelles et increduli. Num de petra hac vobis aquam poterimus ciicere?” (Num XX, 10).

(3) “Quia non credidistis mihi... non introducetis hospulos in terram quam dabo eis” (Id., 12).

Rochedo divino, isto é, o Coração de Jesus, para de lá fazer brotar a água salutar de sua misericórdia? Incrédulos que nós somos! ⁽¹⁾ Talvez Deus mede a fidelidade à sua palavra pela nossa fidelidade ao seu serviço? — Jesus falou, isto basta! Credo, eu creio — porque “Deus é fiel em tôdas as suas promessas” ⁽²⁾. Lembremo-nos ainda das palavras de nosso divino Salvador a Maria Madalena: “*Aquêle que crê em mim, ainda que tivesse morrido, viverá!*” ⁽³⁾.

E digamos-Lhe com São Pedro, no entusiasmo

(1) “O sentimento que deve dominar numa alma que se dirige ao Deus do perdão, é a *confiança*. Esta confiança deve ser *inabalável* como o fundamento sôbre o qual ela se apoia e que traz êste belo nome “a misericórdia”.

A misericórdia, compreendei-o bem, não pode nunca separar-se de vós, quaisquer que sejam suas decepções, ela não pode nunca esgotar-se, porque ela é alimentada para a eternidade mesma pelo sangue de Jesus ainda fumegante e por sua oração que, sem cessar se levanta entre nós e o castigo!

Parece quanto ao resto, que Deus mostre grande tendência a se despojar do direito de recusar o perdão, incluindo-o num sacramento especial entregue nas mãos da Igreja”. (Cf. A prática progressiva da confissão, p. 90).

(2) “Fidelis Deus in omnibus viis suis” (Sl. 144).

(3) “Qui credit in me, etiam si mortuus fuerit, vivet!” (João XI, 25). Ajuntemos ainda a êste texto a passagem seguinte do Apocalipse: “Beati, qui lavant stolas suas in sanguine Agni: ut sit potestas eorum in ligno vitae” — “Felizes, portanto aquêles que lavam suas vestes no sangue do Cordeiro, para terem parte na árvore da vida” (Apoc. XXII, 14).

de nossa fé, de nossa sincera gratidão e de nossa admiração profunda: “*Senhor a quem então iremos nós? Sòmente Vós tendes as palavras da vida eterna!*” ⁽¹⁾.

Enfim, aproximemo-nos com a maior boa vontade do Sacramento da penitência sabendo que a *confissão é uma reabilitação perfeita aos olhos de Deus e dos anjos*. — Pela confissão, com efeito, (evidentemente, não entendemos falar aqui senão da confissão revestida das qualidades que fazem dela um ato salutar) o homem renega e condena completamente um passado de crimes, deplora sua má vida e volta as costas a todos os seus inimigos. Ele passa, numa palavra, do campo dos revoltosos para as fileiras do exército regular do Cristo. Ele se torna, desde então, o companheiro de armas dos Santos da Igreja militante, como também das sagradas falanges da Igreja triunfante, sua poderosa e invencível Aliada.

Melhor ainda: Pela sua confissão, o homem deixa os seus farrapos de miséria para revestir a toga dos escolhidos, tôda brilhante de candura! Além disso, esclarecidas e fortificadas pela graça sacramental, sua inteligência e sua vontade encontram disposições e energias novas que fazem dêste

(1) Respondit ergo et Simon Petrus: “Domine, ad quem ibimus? verba vitae aeternae habes” (Jo VI, 68).

convertido um homem de combate, um soldado valoroso, um cavaleiro do Cristo tão resplandecente de beleza moral e já tão aureolado de glória que parece — aos olhos dos santos — não se ter nunca manchado de crimes. Tal é o ensino da fé dos Santos Padres ⁽¹⁾.

Ah! não é verdade que o Sacramento da penitência é a reabilitação das almas e reabilitação tão perfeita aos olhos de Deus que ela não tem nada comparável com as nossas pretensas reabilitações terrestres. É que estas são obra dos homens e aquela é a Obra do mesmo Deus.

(1) "Asperges me hyssopo et mundabor: lavabis me, et super nivem dealbabor" (Sl 50, 8).

A boa confissão é considerada por todos os Padres da Igreja como um segundo batismo.

SEGUNDA PARTE

O Sagrado Coração de Jesus através da História

Depois de ter voltado para o céu, os sentimentos do Coração de Jesus a respeito dos homens, seus irmãos, têm mudado?

Certamente, não.

Ora, em apoio desta afirmação, eis aqui alguns testemunhos da História.

Nós os classificaremos em duas categorias. Na primeira, faremos entrar aqueles onde Jesus revela a certas almas privilegiadas a Doutrina de sua misericórdia; na segunda citaremos muitos *exemplos* escolhidos entre os mais comoventes.

De aí, dois capítulos:

I. Os Arautos da Divina Misericórdia.

II. As maravilhas da graça nas almas, ou um grupo de conversões estrondosas.

Publicado no site <http://www.leiturascaticas.com/>

CAPÍTULO I

Os arautos da divina misericórdia

1. Santa Gertrudes.
2. Santa Ângela de Foligno.
3. Santa Matilde.
4. Santa Margarida-Maria e a Grande Promessa.
5. São Francisco de Sales.
6. A Serva de Deus, Sórora Benigna.
7. O Bem-aventurado Padre de La Colombière.
8. Santa Teresa do Menino Jesus.
9. A Serva de Deus, Sórora Maria Josefina de Jesus.
10. A Irmã Josefa Menendez e a Mensagem do Coração de Jesus ao mundo.

Anexo:

A Mensagem do Coração de Jesus ao coração do padre.

I. — SANTA GERTRUDES († 1292).

Um dia em que *Santa Gertrudes* ⁽¹⁾ apertava amorosamente seu crucifixo, Nosso Senhor lhe disse: "Cada vez que o homem age assim, ou olha somente um crucifixo, a misericórdia de Deus detém seus olhos sobre sua alma. O homem deveria então pensar no seu coração que estas ternas palavras lhe são endereçadas: "Eis aqui como, por teu amor, eu quis ser pregado nu, desfigurado, coberto de chagas, todos os membros violentamente tesos sobre uma cruz; e o meu Coração é tão apaixonadamente amoroso de ti que, se fôsse isto necessário para te salvar eu suportaria ainda, de boa vontade, por ti só, tudo aquilo que eu tenho podido sofrer pela salvação do mundo inteiro!"

Uma outra vez, Jesus inclinou a alma de sua fidelíssima e amantíssima espôsa para o seu Coração adorável e ela descobriu nêle duas pulsações muito suaves:

"Uma das pulsações, lhe disse o bom Salva-

(1) Santa Gertrudes vivia no fim do XII século no mosteiro de Helfa em Saxe, onde ela teve por companheiras duas outras santas religiosas: Matilde de Magdebourg, dita a "beguina" e Matilde de Hackeborn, irmã da abadessa. Gertrudes, órfã, morreu em 1292. Ler suas "*Revelações*" por Dom F. Dolan, traduzidas do inglês pelos Beneditinos de Dourgue. Vendem-se na Abadia de Maredsous (Bélgica).

dor, opera a salvação dos pecadores; a segunda, a santificação dos justos.

A primeira fala sem cessar a meu Pai, para apaziguar a sua justiça e atrair sua misericórdia. Por esta mesma pulsação eu falo a todos os santos, desculpando perante eles os pecadores com a indulgência e o zêlo de um bom irmão excitando-os a interceder por eles. Esta mesma pulsação é o incessante apêlo que eu dirijo misericórdiosamente ao pecador mesmo, com um inexprimível desejo de o ver voltar a mim, que não me canso de o esperar".

Ora, esta paciência, esta longanimidade de Jesus vai tão longe quanto ela pode ir, isto é até o último minuto de vida ⁽¹⁾, verificando assim, a misericórdia divina até o fim a palavra sagrada maneira de promessa de amor "Sto ad ostium et pulso!" (Apoc. III, 20). Estou de pé e bato à porta

(1) Nós lemos na vida de Santa Rosa de Lima († 1617) que um dia, como ela se enternecia sobre a sorte dos pecadores comparecendo ao sair desta vida diante de seu Soberano Juiz, Jesus veio lhe dizer: "Minha filha, Eu não condeno senão aqueles que querem ser condenados. Afastai pois do vosso espírito toda inquietação sobre este artigo!" — Ver a "Vida de Santa Rosa de Lima" por Masson, em casa de Vitte em Lyon e um artigo de Gustavo Gibert, S. J., no "*Mensageiro do Coração de Jesus*", Tolosa, Março de 1932, ou a tradução em espanhol pelo P. J. Parra da vida em latim escrita pelo P. L. Hansen, em 1668, onde, no livro 1.º, capítulo XXVI, p. 311, lemos esta formal e animadora declaração de Jesus, referida acima.

dos corações solicitando-lhes para que me deixem entrar!

Pode haver linguagem mais misericordiosa?

II. — SANTA ÂNGELA DE FOLIGNO († 1309)

Terciária da Ordem de São Francisco de Assis.

Ela foi uma das maiores exploradoras do Além, uma profunda mística do mesmo quilate que Santa Teresa de Ávila, ou São João da Cruz. Foi a ela que Jesus fêz ouvir, um dia, esta terrível e doce palavra, quando ela meditava sobre sua dolorosa Paixão: "Não foi para rir que eu te amei!"

Ângela nasceu em 1245, em Foligno, três léguas distante de Assis. Casada muito jovem ela não tomou a sério seus deveres de espôsa e de mãe, mas deixou-se levar nos prazeres do mundo, a seus excessos e a suas desordens.

De repente, no meio do turbilhão que a envolvia, Ângela sentiu o aguilhão da graça, viu a inutilidade de sua vida mundana e dissipada e compreendeu os perigos que corria sua salvação.

Tinha-se tornado culpada de uma primeira falta grave seguida de uma confissão e de uma comunhão sacrílegas!

O inimigo das almas tentou em vão estorvar sua conversão; uma vez que fez bem sua con-

fissão, ela se atirou generosamente no caminho da perfeição. Tendo-se tornado livre pela morte de seu marido, entrou na Ordem Terceira de São Francisco. Sua vida, desde então, foi cheia de sacrifícios e de austeridades. Um dia em que ela se sentia tentada de desânimo: "Ainda que fôsse verdade, Senhor, disse ela, que Vós me tenhais condenado ao inferno que eu mereço, eu não deixaria de fazer penitência e de permanecer, se for do vosso agrado em vosso serviço".

Sua graça foi o amor de Jesus crucificado. A contemplação dos sofrimentos do Salvador se lhe tornou tão familiar, que a vista de um crucifixo provocava espontaneamente nela uma torrente de lágrimas: "Quando eu meditava a Paixão, diz ela, sofria o suplicio da Compaixão, experimentava nos ossos e nas juntas uma dor espantosa e uma sensação como se tivesse sido atravessada corpo e alma". Esta grande penitência não foi menos admirável por suas visões e seus êxtases do que por suas virtudes.

Um dia, Jesus lhe disse:

"Quando meus filhos, abandonando meu Reino, se tornaram filhos do diabo, se eles voltam ao Pai, o Pai tem uma grande alegria e lhes faz experimentar a deleitação superior.

O Pai tem uma alegria tão grande, que Ele

lhes dá um certo deleite que não proporciona às virgens fiéis. Isto provém do imenso amor que tem para com êles, e da imensa misericórdia que excita a vista de sua miséria. Isto provém ainda de que o pecador, diante da majestade e da clemência do Senhor, se reconhece digno do inferno. É por isso que maior poderá êle ser no outro abismo".

III. — SANTA MATILDE DE MAGDEBOURGH († 1285).

As revelações de Santa Matilde são célebres. Um dia, Nosso Senhor lhe disse:

"Eu te digo em verdade que os homens me dão um grande prazer quando esperam com confiança grandes coisas de mim. Êles têm muita razão de assim fazer, porque é impossível que o homem não obtenha o que acreditou e esperou. Também é muito vantajoso esperar de Mim grandes coisas e ter em Mim uma sincera confiança..." Quanto mais uma alma confia em Mim e presume piedosamente da minha bondade, tanto mais e infinitamente mais ainda ela obtém de Mim; pois me é impossível recusar ao homem o que a fé faz santamente esperar".

Outra vez, Jesus comunicou à sua serva fiel o seguinte:

"Assim como minha humanidade tôda banhada no seu sangue, no excesso do seu amor se ofereceu como uma Vítima a meu Pai sôbre o altar da Cruz, assim, abrasado do mesmo amor, Eu estou constantemente diante d'Ele, Eu ofereço todos os meus sofrimentos pelos pecadores, e meu maior desejo é que os pecadores voltem para Mim com um verdadeiro arrependimento, e encontrem a vida que perderam. Eu to digo em verdade: "Quando se derramam lágrimas de amor meditando devotamente os mistérios de minha Paixão, Eu as recebo como se sofressem os mesmos tormentos que Eu".

A santa respondeu: "Ai de mim! ó meu Deus, onde está a devoção que me há de fazer derramar essas lágrimas preciosas?". O Senhor lhe respondeu: "Escuta o que te vou dizer. Lembra-te primeiramente do amor com que me adiantei ao encontro dos meus inimigos que vinham para mim com espadas e paus, como se se tratasse de um bandido e de um assassino que tivesse merecido a morte.

Entretanto, Eu ia para êles como uma mãe ao encontro de seus filhos, para os arrancar das garras dos lobos prontos a devorá-los. Conta depois as bofetadas cruéis que Eu recebi; tantos foram os bofetões que me deram, outros tantos ter-

nos beijos eu dei às almas daqueles que, até o último dia, devem ser salvos pela virtude da minha Paixão. Em seguida, enquanto eles me golpeavam com varas, eu dirigi a meu Pai uma ardente oração que converteu muitos dêsses infelizes. Enquanto eles cravavam em Minha Carne uma coroa de espinhos, Eu encastoava na coroa de glória que eu lhes destinava outras tantas pedras preciosas quanto eram os espinhos que havia nessa terrível coroa. Pensa ainda que quando eles Me pregaram na cruz e estenderam Meus membros de tal maneira que podiam contar todos os meus ossos, e ver através do Meu corpo, Eu atraía a Mim com todas as Minhas forças as almas daqueles que são chamados à vida eterna para ver realizada a palavra que tinha dirigido a Meus apóstolos: Quando eu for levantado da terra, atrairei tudo a Mim. Finalmente quando Me foi aberto o Coração com a lança, fiz brotar d'Ele o licor da vida, afim de que todos aquêles que tinham bebido com Adão o licor envenenado se tornassem em Mim, que sou a vida, os herdeiros da salvação e da vida eterna".

IV. — SANTA MARGARIDA MARIA († 1690).

Ela foi escolhida por Nosso Senhor Jesus Cristo mesmo para ser o Apóstolo e Evangelista

do Divino Coração, assim como Jesus o disse a ela, um dia, expressamente: "Eu quero que tu me sirvas de instrumento para atrair corações ao meu amor!"

Margarida Maria nasceu no território de Voreux (Charolais) na França, no dia 22 de Julho de 1647.

Depois de longas hesitações, Margarida entrou na Visitação de Paray-le Monial, no dia 20 de Junho de 1671. Foi aí que Jesus a esperava para lhe confiar a maravilhosa e tão consoladora missão de fazer conhecer ao mundo os atrativos e as inefáveis misericórdias de seu divino Coração.

Entre tôdas as promessas do Sagrado Coração à humilde visitandina, uma delas sobretudo testemunha eloqüentemente a sede ardente de fazer misericórdias, que atormenta o Coração de Jesus.

Nosso divino Salvador, com efeito, chega até o ponto de dizer: "Aquêles que propagam esta devoção terão seu nome escrito no meu Coração, e nunca será n'Ele apagado!"

Ter o próprio nome escrito no Coração de Deus, e isto para sempre! Que maravilhosa e confortadora promessa!

Mas com que condição? Com a condição de pregar o amor, a misericórdia, com a condição de pôr o Sagrado Coração de Jesus na ocasião de exer-

cer sua vocação de Salvador e de apagar assim a sua sede de exercer a misericórdia; com a condição enfim de Lhe procurar ocasiões freqüentes de perdoar!

Eis aqui agora, entre as promessas do Sagrado Coração, aquela que é chamada com tão justo título:

A GRANDE PROMESSA

Ela é tão maravilhosa que amedrontou muitos diretores de almas! Assombrados em ver a porta do céu escancarada diante de qualquer que cumprisse, *com reta intenção*, uma condição de salvação tão fácil, eles se scandalizaram e tiveram escrúpulo em disseminar uma doutrina que, segundo eles seria de tal natureza que mergulharia as almas na mais perigosa das ilusões!

Aberração... Pois de onde vem para êstes pusilânimes o direito de pôr limites à Infinita Misericórdia e de restringir, segundo seu arbítrio, a entrada do céu?

Jansenistas, êstes falsos doutores que, por sua pusilanimidade, tendem à abalar de novo as almas com êste vento glacial — verdadeiro aquilão de morte — que o heresiarca Jansénio ⁽¹⁾ fêz que se

(1) Jansénio, teólogo holandês, bispo de Ypres († 1638). Sua obra principal o *Augustinus*, no qual êle expunha segundo seu

levantasse sobre elas, há já mais de trezentos anos, e que teve como funesta consequência a ruína duma multidão de almas!

Jêsus é o Senhor! Jesus é o Rei universal do céu e da terra. A Êle só, por conseguinte, pertence fixar aos homens as condições da conquista de seu Reino.

Ora, eis aqui que, transbordante de amor, de ternura e de misericórdia para com os homens seus irmãos, Jesus falou e suas palavras são uma nova manifestação do seu amor às almas, amor que nos maravilha, nos arrebatava e nos perturba, completamente as frágeis armações da inteligência humana!

Que devemos fazer? Senão abençoar, adorar, amar um Deus tão bom, tão amável, tão misericordioso repetindo a palavra da Escritura: “Não, verdadeiramente, nenhuma nação tem seus deuses tão próximos dela como nosso Deus está próximo de nós!” ⁽¹⁾.

Quanto ao resto, a salvação tão largamente

ponto de vista as doutrinas de Santo Agostinho sobre a graça, o livre arbítrio e a predestinação deu lugar à doutrina chamada *Jansenismo*, condenada logo pela Igreja.

(1) “Nec est alia natio tam grandis quae habeat deos appropinquantes sibi, sicut Deus noster adest...” (Dt. IV, 7).

oferecida na XII.^a Promessa à Santa Margarida Maria tem, rigorosamente, a base de *reta intenção*.

Que quer isto dizer? Nem mais nem menos que isto: receber os Sacramentos da Penitência e da Eucaristia com as disposições espirituais requeridas pelo catecismo (isto é a teologia) para que êstes nossos atos sejam meritórios. Seja pois: para a Eucaristia: o estado de graça e para a Penitência, o firme propósito. Tudo está aí ⁽¹⁾.

Portanto, se durante êstes nove meses, eu me aproximo do sacramento da Penitência com o sincero e sobrenatural desgosto de ter ofendido a Deus e a firme *resolução* de não O ofender mais para o futuro e comungo para fortalecer esta resolução, terei recebido os sacramentos com uma *reta intenção* e, com o mesmo ato terei direito, suceda o que suceder depois, ao benefício da infinitamente misericordiosa Promessa do Sagrado Coração de Jesus: *Eu serei eternamente marcado na fronte com o sinal dos escolhidos!*...

Mistério insondável de amor e de misericórdia!

(1) Excluída então a horrível hipótese pela qual alguém, baseado na divina Promessa, fizesse estas nove comunhões reparadoras com o desígnio criminoso de viver daí por diante, segundo seu capricho, isto é sem fazer nenhum caso dos mandamentos de Deus nem da Igreja! Pois por causa da má intenção que governaria essas comunhões, tôdas seriam más, sacrílegas, e por conseguinte sem relação alguma com a Grande Promessa de Nosso Senhor.

V. — SÃO FRANCISCO DE SALES († 1621).

É prestar um verdadeiro serviço a Nosso Senhor, dizia o grande Doutor, dar-Lhe uma ocasião de fazer atos de sua vocação de Salvador!

Tive o costume de dizer que o Trono da Misericórdia de Deus é a nossa miséria. É preciso então que, quanto maior for a nossa miséria, tenhamos também uma maior confiança.

Entre a misericórdia e a miséria há uma certa analogia e tão grande que *uma não se pode exercer sem a outra!*

Se Deus não tivesse criado o homem, Ele teria sido verdadeiramente bom; mas Ele não teria sido *atualmente* misericordioso ⁽¹⁾, tanto mais que a misericórdia não se exerce senão para com os miseráveis!

Vós vêdes então que quanto mais miseráveis nos reconhecemos, mais ocasião temos de confiar em Deus, pois não temos nenhum motivo para confiar em nós mesmos! ⁽²⁾.

(1) Isto é em ato (in actu). Embora o seja essencialmente e infinitamente não teria *parecido* misericordioso, porque as ocasiões Lhe teriam faltado de se mostrar tal.

(2) Ver mais adiante, no capítulo das objeções, pág. 161, os sentimentos de São Francisco de Sales a respeito da morte dos pecadores.

Entretenimentos, II

— Se o Salvador, dizia ainda o santo Doutor, oferece o perdão aos obstinados, que fará para com aquêles que Lho pede, e com que coração acolherá o coração penitente!

VI. — A SERVA DE DEUS, SOROR BENIGNA (1):

Jesus quis fazer desta humilde Visitadina a confidente e a secretária de seu Coração misericordioso.

Retomando um dia ao pé da letra a expressão de São Francisco de Sales, Jesus lhe disse:

“Tu não podes acreditar quanto prazer experimento em cumprir minha missão de Salvador...”

...“Quando uma alma se arrepende de suas faltas e as deplora com todo o seu coração, crês tu que eu seja tão implacável que a não receba?..

(1) Soror Benigna-Consolata, da Visitação de Como na Itália, morreu em odor de santidade na primeira sexta-feira de Setembro de 1916. Seus escritos, de conformidade com a promessa do Salvador, começaram a acender em toda parte o fogo do amor divino. Nós nos limitaremos a algumas citações, mas é o livro todo inteiro que é preciso relatar. Lêde estas páginas deliciosas. Elas acenderão em vossa alma o fogo do amor e vosso coração exultará de alegria por causa da confiança em Deus que elas vos inspirarão.

Serva de Deus. Soror Benigna-Consolata Ferrero por Simão NAVANTÉS casa de Téqui Paris e a Boa-Imprensa, Averbode (Bélgica).

Se tu assim pensas é porque não conheces o meu Coração. Meu Coração muito amoroso tem tanta sede da salvação das almas que, quando voltam para Ele, eu não posso conter minha alegria: Eu corro ao encontro delas”.

...“Como o fogo se alimenta de combustíveis e aumentada à medida que se nutre, assim minha misericórdia se nutre das misérias que ela consome e, mais ela encontra, mais ela avulta!”

...“Não se sabe o agravo que se faz a Deus duvidando da sua bondade! Os pecados podem ser enormes e numerosos; mas contanto que se volte para mim, estou sempre pronto a tudo perdoar, a tudo esquecer!...” (1).

Palavra de inefável misericórdia! Entretanto bem consideradas, que têm elas de estupendo nos lábios de nosso divino Salvador? Jesus não é nosso Mediador, nosso Advogado junto de seu Pai? (2). Ora, assim como Ele o declara no Evangelho, (3) Ele tem o cuidado da glória de seu Pai. Ele sabe que quanto mais pecadores *convertidos* lhe reconduzir e que quanto mais numerosos e enormes

(1) Vida de Soror Benigna Consolata, p. 96-97.

(2) “Advocatum habemus apud Patrem, Iesum Christum” (1 Jo II, 1).

(3) “Honorifico Patrem meum” (Jo VIII, 49).

tiverem sido os pecados destes filhos pródigos, mais também Deus será glorificado com isto! Porque? Suponhamos um instante que nossos primeiros pais tivessem permanecido fiéis a Deus, e, por conseguinte, que nunca haja havido pecados no mundo. Onde então e de que maneira a misericórdia de Deus se teria manifestado? Mas o homem prevaricou. O pecado apareceu sobre a terra. E logo brilha a infinita misericórdia de Deus que perdoa ao homem decaído, mas já arrependido. Desde então, uma glória nova brilha na fronte de nosso Deus. O homem vê n'Ele um atributo que não conhecia. Ele cantará, daqui por diante, as *miseri-córdias divinas* e fará subir sem cessar para o trono de Jeová o perfume de seu amoroso reconhecimento.

Agora, as revelações de Jesus a Sórora Benigna Consolata nos fazem ver o Salvador como quem espreita tôdas as ocasiões de manifestar sua misericórdia com relação aos pecadores arrependidos.

Ouçamo-lo, com efeito, dizendo à sua piedosa serva: *"Meu amor se nutre consumindo misérias, e a alma que mais delas me traz, contanto que isto seja com um coração contrito e humilhado, é aquela que mais me agrada, porque ela me dá ocasião de exercer mais plenamente meu ofício de Salvador. Mas sobretudo, o que eu te quero dizer, ó minha Benigna, e eu o resumo em poucas palavras,*

é isto: Que a alma não tenha medo de Deus, porque Deus está sempre pronto a lhe conceder misericórdia, e o maior prazer que possa ter o Coração de teu Jesus, é o de conduzir a seu Pai o maior número possível de pecadores".

Não parece que estamos ouvindo o Salvador repetindo às multidões da Palestina a arrebatadora parábola do Filho pródigo, onde Ele afirma concluindo: *"No céu haverá mais alegria por causa de um pecador que se converte do que pela perseverança de noventa e nove justos que não precisam de Penitência"*? ⁽¹⁾. Mas continuemos a prestar atenção às palavras maravilhosas de Jesus referidas pela Sórora Benigna: *"Meu Coração não somente se compadece, mas é mais se regozija quanto mais há para reparar, contanto que não haja malícia..."*.

"As faltas, mesmo as mais graves e as mais vergonhosas, tornam-se, para a alma arrependida, as pedras fundamentais de sua perfeição!" ⁽²⁾.

Que admirável doutrina! Também que transbordante confiança faz ela manar dos nossos corações que espontaneamente e como impelidos por uma irresistível necessidade põem-se a dizer ao nosso misericordioso Salvador: *"Sim, Coração Sa-*

(1) Luc XV, 7.

(2) Vida de Sórora Benigna p. 97.

grado de Jesus, tenho confiança em Vós! Confiança quanto ao passado que eu entrego à vossa misericórdia, confiança quanto ao futuro que entrego à vossa solicitude, confiança nas dificuldades do momento presente, confiança nas penas, confiança nas tentações nas quais eu direi com o Salmista: “Permanecerei confiante à sombra de vossa proteção, ó Coração Sagrado de meu Jesus até que a provação tenha passado” (1).

Finalmente, confiança sempre sem desfalecimento, confiança no tempo presente e para a eternidade: “In te, Domine, speravi, non confundar in aeternum”. “Porque tenho esperado em Vós, Senhor, nunca serei confundido” (Sl 32).

VII. — O BEM-AVENTURADO PADRE CLAUDIO DE LA COLOMBIÈRE († 1682).

O confessor de Santa Margarida Maria, a amável Mensageira do Coração de Jesus, — O Venerável padre Cláudio de la Colombière, — aquele que em suas manifestações à ilustre Visitandina, o Salvador chamou de “seu servo” tem escrito sobre a misericórdia do Coração divino de Jesus pá-

(1) “Et in umbra alarum tuarum sperabo, donec transeat iniquitas” (Sl LVI, 2).

ginas admiráveis. Eis aqui, entre outros, seu *ato de confiança em Deus*.

“Meu Deus, eu estou tão persuadido que Vós velais sobre os que esperam em Vós, e que nada nos pode faltar quando tudo esperamos de Vós, que resolvi viver daqui por diante sem solicitude alguma e descarregar em Vós tôdas as minhas inquietações. Os homens podem me despojar dos bens e da honra, as doenças podem tirar-me as forças e os meios de Vos servir, *é mesmo possível que eu perca a vossa graça pelo pecado*, mas nunca eu perderei minha esperança; eu a conservarei até o último momento de minha vida, e todos os demônios do inferno farão naquele momento vão esforços para me arrancar. Os outros podem esperar sua felicidade ou de suas riquezas, ou de seus talentos; — podem apoiar-se ou sobre a inocência de sua vida, ou sobre o rigor de sua penitência, ou sobre o número de suas esmolas, ou sobre o fervor de suas orações. *Quanto a mim, Senhor, tôda a minha confiança*. Esta confiança nunca enganou ninguém.

Estou então certo de que serei eternamente feliz, porque espero firmemente que o serei, e porque é de Vós, ó meu Deus, que o espero. Conheço, ai de mim! conheço por demais que sou frágil e volúvel. Sei o que podem as tentações contra as virtudes mais firmes; vi cair os astros do céu e as colunas do firmamento, mas *tudo isto não pode me*

espantar; enquanto eu tiver esperança, estou ao abrigo de tôdas as desgraças e estou certo de esperar sempre, *porque espero ainda esta invariável esperança*. Finalmente, estou certo que não posso esperar demais em Vós e que não posso ter menos do que tiver esperado de Vós.

Assim espero que Vós me sustereis nos despenhadeiros mais perigosos, que Vós me defendereis contra os mais furiosos assaltos e que Vós fareis triunfar minha fraqueza contra os meus mais temíveis inimigos. Espero que Vós me amareis sempre e que eu Vos amarei sem afrouxamento; e para levar, de uma vez, minha esperança tão longe tão longe quanto ela pode ir, eu Vos espero a Vós mesmo, de Vós mesmo, ó meu Criador, pelo tempo e pela eternidade. Assim seja" (1).

VIII. — SANTA TERESA DO MENINO JESUS († 1897).

Quem não conhece hoje a história maravilhosa desta alma, que no momento de empreender seu

(1) Esta oração é tirada de um sermão do V. Pe. de la Colombière sobre a Confiança em Deus. O texto é conforme à 1.^a edição de 1684. Ler no fim do volume a sublime e tão reconfortante oração do mesmo padre de la Colombière que põe novamente em plena luz seu sentimento perante a misericórdia de nosso Deus.

vão para os céus exclamava, no transporte de sua confiança em Deus e de sua caridade para com os homens, seus irmãos: "*Quero passar meu céu fazendo bem sobre a terra?*"

Depois do seu nascimento para uma vida melhor — 30 de Setembro de 1897, — *Santa Teresa do Menino Jesus* não tem cessado de deixar cair sobre a nossa terra de exílio "uma abundante chuva de rosas".

Também o seu nome abençoado está hoje em todos os lábios e de um polo a outro do universo, orações ardentes e cânticos de amor se elevam cada dia até seu trono, para tornar a cair, em seguida, sobre as almas em abundante rocio de graças e favores celestes.

Ora, Sórora Teresa, também ela, foi a doce mensageira da divina Misericórdia. "Nunca temos confiança demais em Nosso Senhor, Deus tão bom, tão poderoso e tão misericordioso, exclamava ela! *Obtém-se d'Ele quanto se espera!*"

Eis o que ela escreveu com relação à confiança filial que toda alma deve ter em Deus:

"Não é porque tenho sido preservada do pecado mortal que eu me elevo a Deus pela confiança e o amor. Ah! eu o sinto, ainda quando eu tivesse sobre a consciência todos os crimes que se podem

cometer, eu nada perderia de minha confiança; eu iria, com o coração espedaçado de dor e arrependimento, me atirar entre os braços de meu Salvador. Eu sei que Ele predilige o filho pródigo, ouvi suas palavras à Santa Madalena, à mulher adúltera, à Samaritana. Não, ninguém poderia me atemorizar, pois eu sei como proceder a respeito do seu amor e da sua misericórdia. Eu sei que toda esta multidão de ofensas se abismaria num abrir e fechar de olhos, como uma gôta de água atirada num braseiro ardente”.

IX. — A SERVA DE DEUS,

SÓROR MARIA JOSEFINA DE JESUS († 1917).

No dia 21 de junho de 1917, morria em Turim (Itália), no convento das Irmãs adoradoras perpétuas do Sagrado Coração de Jesus, na idade de 27 anos, Sórora Maria Josefina de Jesus, da muito nobre família Cepollini D'Alto e Caprauna. Jesus mesmo e Santo Antônio de Pádua se encarregaram de sua educação religiosa, como no-lo indicam as memórias que a Santa escreveu por obediência. Nada mais arrebatador do que os entretenimentos da pequena Maria Luisa, (mais tarde Sórora Maria Josefina do Coração de Jesus), com os seus celestes

interlocutores ⁽¹⁾. Ora, aí também, vemos Jesus descobrir a esta alma de escol as maravilhas de seu divino Coração. Nós o ouvimos lhe fazer a declaração do tormento de seu Coração misericordioso com palavras como estas: “Eu te quero mediadora entre Deus e os homens... Roga, suplica, expia; Eu tenho grande avidez de perdoar; tem tu avidez de pedir os meus perdões” ⁽²⁾.

Eis aqui, por outro lado, a deliciosa narração de Sórora Maria Josefina intitulada: “Jesus” que nos revela, uma vez mais o amor incrível de nosso divino Salvador para as almas e sua sede insaciável de conceder misericórdia:

“Foi pouco depois desta época (Maria Luisa tinha então quatro ou cinco anos) que uma nova vocação despertou minha alma. Na rua, um dia, encontrámos um bêbedo que fazia toda qualidade de gestos, gritos, ameaças... À vista desta degradação, eu senti tanto desgosto e tristeza que quando fiquei sòzinha, à tarde, minhas lágrimas correram em abundância. Era coisa tão horrível que eu não podia absolutamente mais ficar neste mundo:

(1) Uma Adoradora do Sagrado Coração: Sórora Maria Josefina de Jesus — Turim — Escola Tipográfica Salesiana — Rua Cottolengo, 32 — ou em Lyon, casa das Religiosas da Adoração perpétua do Sagrado Coração, praça dos Cartusianos, 24.

(2) Vida, obra citada, p. 77.

eu não podia mais viver aí, eu queria a todo custo ir à casa d'Ele, Jesus...

“Muito tarde, depois de me deitar, ouvindo-me chorar, vieram para saber a causa de tanto velar, mas como de ordinário não puderam obter de mim senão o invariável: “Obrigada, não tenho nada, estou muito bem”. Como eu me abafava no meu lenço, supuseram que eu tinha dor de dentes e me trouxeram uma infusão de malvaíscos! A camomila veio em seguida para acabar de me acalmar, e finalmente resignaram-se ao melhor remédio, o de me deixar tranqüila.

“Entretanto, em tôda esta noite comprida, Jesus não me disse nada para me consolar. No dia seguinte, em Lusignano, eu ia para o pinheiral dançar com os Anjos. Eles cantavam: *Qui pascitur inter lilia...* (1). Aquilo arrebatava minha alma! Eu não queria mais ir-me embora! E exclamei! “E eu também gosto dos lírios, quero permanecer entre os lírios, colher os lírios... Não quero mais saber desta terra lamacenta!...”

“Desta vez Jesus se fêz ouvir: “Sim, Eu me deleito entre os lírios, que são as almas puras, mas os mais bonitos crescem entre os espinhos e suas raízes se afundam na lama da terra... Vê a que preço Eu as colhi estas almas tão queridas. Deixei

(1) “Jesus se deleita entre os lírios”.

meu céu para descer a esta terra que tu desprezas: aí Eu vivi em contato com o povo; Eu me rodeei de gente grosseira; Eu me deixei aproximar, tocar, rodear pelos pecadores. Entreguei-me por minha vontade a mãos criminosas e deicidas; fui esbofetado e coberto de escarros...”

— “Oh! como poderia eu dizer até que ponto cada uma destas palavras me impressionou? Que viva luz tive então sobre este ponto dos sofrimentos da *Paixão*; o contato da pureza essencial com o pecado!

“— Jesus continuou: Não, tuas lágrimas não Me tocaram porque elas eram *vãs*; era sobre ti que choravas e não sobre a perda desta alma... Se, em vez de te afastar com horror passando perto *deste lírio na lama*, tu te tivesses aproximado e o tivesses tirado de lá, oh! então me terias sido agradável...”

“— Mas, Jesus, que era preciso fazer a este homem?... não me teriam deixado aproximar-me, e, por outro lado, eu não teria coragem para isso.

“— Sobre a Cruz, eu não disse uma palavra aos algozes sacrílegos, e entretanto, desciam do Calvário, batendo no peito. Eu não falei a *êles*, mas falei *dêles* a meu Pai”, *Meu Pai perdoai-lhes porque não sabem o que fazem. E Eu sofri por êles. A oração e o sofrimento, eis as duas armas irresistíveis, os meios sempre possíveis para aproximar-*

se das almas e guiá-las... Oh! as almas! tenho tanta sede delas!"

X. — SÓROR JOSEFA MENENDEZ († 1923). E A
MENSAGEM DO CORAÇÃO DE JESUS AO MUNDO

Eis aqui finalmente a palavra do Amor e da Misericórdia de nosso Deus! Ela passa de muito tudo aquilo que foi dito até agora sobre este mistério consolador! Lendo estas admiráveis e recentíssimas declarações de Jesus — elas não vão além do ano de 1923 — a esta humilde religiosa espanhola, Sórora Josefa Menendez, tem-se a impressão de vislumbrar, desde já, a distância, as primeiras belezas do período do fim dos tempos! Com efeito, não é sabido, que o Senhor reservou para esta última época, a revelação dos inefáveis segredos do Seu Coração infinitamente misericordioso?

Seja como fôr, a *mensagem* que nosso divino Salvador dirige ao mundo por intermédio de sua humilde confidente, está de tal forma acima de tudo aquilo que temos aprendido até este dia, (excetuando o Evangelho), a respeito do amor e da misericórdia de nosso Salvador que, apesar de todas as provas de autenticidade de que esta *mensagem* está rodeada, nós não teríamos ousado pu-

blicá-la se uma Autoridade sem igual não tivesse tomado a peito consagrar, de alguma maneira, a verdade disto com sua intervenção pessoal.

Trata-se aqui de S. Eminência o Cardeal Pacelli que ocupa, hoje, com tanto esplendor, a cátedra de São Pedro!

Eis a carta que o Eminentíssimo Cardeal dirigiu à Muito Reverenda Madre Geral das Religiosas do Sagrado Coração, na ocasião da 1.^a Edição desta insigne MENSAGEM. Foi nessa Congregação que a Senhorita Menendez se fez religiosa-coadjutora, desde 1919, com o nome de "Sórora Josefa":

Abril de 1938

"MINHA REVERENDA MADRE,

Eu não duvido que ao Sagrado Coração de Jesus seja agradável a publicação destas páginas, todas cheias de grande amor inspirado por sua graça à sua muito humilde serva Sórora Maria Josefa Menendez; possam elas contribuir eficazmente para desenvolver em muitas almas uma confiança cada vez mais completa e mais amorosa na infinita misericórdia deste divino Coração para com os pobres pecadores, como somos todos nós.

São os votos que faço, abençoando-vos, a vós e a toda a Sociedade do Sagrado Coração".

EUG. CARD. PACELLI.

Tôda a *mensagem* é para ser lida e meditada neste livro de luz do mais salutar interesse, intitulado: *Um apêlo ao Amor* ⁽¹⁾ de que o ilustre Cardeal Pacelli, hoje Pio XII, tão instantemente, recomendava a leitura.

Entretanto, meditemos a passagem seguinte, de uma tão particular eloqüência:

“Eu quero que o mundo conheça o meu Coração! Quero que os homens conheçam meu Amor, porque sabem êles o que eu fiz por êles?... Eis aqui que Eu venho lhes dizer que em vão procuram a felicidade fora de Mim, não a acharão.

Dirijo meu apêlo a todos, aos justos e aos pecadores, aos sábios e aos ignorantes, aos que mandam e aos que obedecem. A todos eu venho dizer:

Se vós quereis a felicidade, Eu sou a felicidade!

Se vós desejais a paz, Eu sou a Paz!

Eu sou a Misericórdia e o Amor!

Quero que êste Amor seja o sol que ilumina e o calor que afervora as almas.

Quero que o mundo inteiro me conheça como o Deus da Misericórdia e do Amor!

(1) *Um Apêlo ao Amor* ou *A Mensagem do Coração de Jesus ao mundo*. Introdução pelo R. P. Monier-Vinard. S. J., Conclusão do R. P. Charmot, S. J. e honrado com uma carta de S. Em.^a o Cardeal Pacelli, 700 páginas. Edições do Apostolado da Oração, Tolosa. Depositário na Bélgica: Mosteiro das Religiosas Consoladoras do Sagrado Coração de Jesus em Boussu-lez-Mons.

Quero que os homens saibam meu desejo ardente de perdoar e de salvar... Que os mais miseráveis não temam! Que os mais culpados não fujam longe de Mim! Que êles venham todos! Eu os espero como um Pai, de braços abertos, para lhes dar a vida, a paz e a verdadeira felicidade”.

Linguagem nunca ouvida do Deus das misericórdias que corrobora esta outra declaração solene que Jesus veio fazer à sua confidente no dia 11 de Junho de 1923, seis meses antes de sua bem-aventurada morte:

“Eu sou o Amor! Meu Coração não pode mais conter a Chama que O devora.

Eu amo as almas a tal ponto, que dei a minha vida por elas.

Por amor delas eu queria ficar prisioneiro no tabernáculo. Há vinte séculos, Eu permaneço aí noite e dia, velado sob as espécies do pão e escondido na Hóstia, suportando por amor o esquecimento, a solidão, os desprezos, as blasfêmias, os ultrajes, os sacrilégios...

Pelo amor das almas, quis lhes deixar o sacramento da Penitência, para lhes perdoar, não uma vez ou duas, mas tão freqüentemente quanto elas tiverem necessidade de recobrar a graça. Lá Eu as espero... lá Eu desejo que elas venham se purificar de suas faltas, não com água, mas no meu próprio Sangue.

No correr dos séculos, tenho revelado, de diversas maneiras, meu Amor para com os homens: Eu lhes tenho mostrado *quanto o desejo de sua salvação Me consome*. Eu lhes tenho feito conhecer meu Coração. Esta devoção tem sido como uma luz espalhada sobre o mundo. Ela é hoje o meio de que se servem, para tocar os corações, a maior parte daqueles que trabalham para estender o meu Reino.

Quero agora alguma coisa mais, pois se peço o amor para corresponder ao que Me consome, não é somente a correspondência que Eu desejo das almas: *Desejo que elas creiam em Minha misericórdia, que elas não duvidem nunca do Meu perdão!*

Eu sou Deus, mas Deus de Amor. Eu sou Pai, mas um Pai que ama com ternura e não com severidade. Meu Coração é infinitamente santo, mas também infinitamente sábio e, conhecendo a miséria e a fragilidade humanas. *Ele se inclina para os pobres pecadores com uma misericórdia infinita!*

Amo as almas depois que elas cometeram seu primeiro pecado, se elas vêm Me pedir humildemente perdão. . . Eu as amo ainda quando elas choraram o seu segundo pecado e, se aquilo se repetir, Eu não digo um bilhão de vezes, mas milhões de bilhões, Eu as amo e lhes perdôo sempre, e lavo

no mesmo sangue, o último como o primeiro pecado!

Eu não me canso das almas e meu Coração aguarda sem cessar que elas venham refugiar-se n'Ele, *e isso tanto mais quanto mais miseráveis elas são!* Um pai não tem mais cuidado de um filho doente do que daqueles que têm boa saúde? Para ele, a sua solicitude e suas delicadezas não são maiores? Assim meu Coração derrama sobre os pecadores com mais largueza ainda do que sobre os justos, sua Compaixão e sua Ternura ⁽¹⁾.

Eis aí o que Eu desejo explicar às almas: *Eu ensinarei aos pecadores, que a misericórdia de Meu Coração é inesgotável*; às almas frias e indiferentes, que o Meu Coração é um Fogo que os quer abraçar, porque Ele os ama; às almas piedosas e boas, que Meu Coração é o caminho para adiantar para a perfeição e chegar com segurança ao termo feliz. Finalmente, às almas que Me são consagradas, aos sacerdotes, aos religiosos, as minhas almas escolhidas e preferidas, pedirei uma vez mais que Me dêem sua confiança e não duvi-

(1) Haverá necessidade de fazer notar aqui que estas inauditas declarações referidas pela Mensageira de Jesus só se aplicam aos pecadores que caíram por fraqueza e não aos presumidos, os quais, apoiando-se erradamente nestas palavras do Salvador, iriam até o ponto de provocar a sua Justiça, cometendo maliciosamente novos pecados!

dem de Minha Misericórdia! É tão fácil alcançar tudo de meu Coração!" (1).

A MENSAGEM DO CORAÇÃO DE JESUS AOS OPERÁRIOS que tomaram parte entre os perseguidores é muito tocante.

"Se vós sois pobres e o trabalho é o vosso ganha-pão, as misérias da vida vos encherão de amargura. Sentireis nascer dentro de vós o ódio àqueles que são vossos patrões e chegareis talvez a desejar sua desgraça, para que também eles se vejam obrigados como vós, à lei do trabalho. Sentireis crescer cada vez em vós o cansaço, a revolta, o desespero mesmo, porque a vida é triste e por fim será preciso morrer!...

Sim, do ponto de vista humano, tudo isto é duro! Mas eis que Eu venho mostrar-vos a vida numa realidade toda diferente do que vós vêdes.

Vós que estais privados dos bens da terra e que sois obrigados a trabalhar sob a dependência de um patrão para prover às vossas necessidades, vós contudo não sois escravos, mas criados para serdes livres...

(1) *Um apêlo ao Amor*, L. III, cap. X, p. 527-528.

Vós que buscais o amor e que nunca estais fartos, vós fostes feitos para amar, não o que passa mas o que é eterno!

Vós que tanto amais vossa família e que deveis assegurar, quanto de vós depende, seu bem-estar e sua felicidade neste mundo, não esqueçais que se a morte vos separa dela um dia, isto será apenas por algum tempo...

Vós que servis a um senhor e que deveis trabalhar para êle, amá-lo e respeitá-lo e cuidar de seus interesses e valorizá-lo com vosso trabalho e vossa fidelidade, não esqueçais que êsse patrão apenas é patrão por alguns anos, pois a vida passa rapidamente e vos leva para um lugar onde já não sereis OPERÁRIOS, mas REIS por toda a eternidade!

Vossa alma, criada por um Pai que vos ama, não de um amor qualquer, mas de um amor imenso e eterno há-de encontrar um dia, no lugar de felicidade sem fim que êsse Pai vos prepara, o repouso para todas as suas necessidades.

Lá encontrareis a recompensa daquele trabalho, cujo pêso suportastes cá na terra...

Lá encontrareis novamente a família que tanto amastes na terra e pela qual derramastes vossos suores.

Lá vivereis eternamente, pois que a terra não

passa de uma sombra que desaparece e o céu jamais passará!

Lá vos unireis ao vosso Pai que é o vosso Deus!

Se soubésseis que felicidade vos espera!

Mas, ouvindo minhas palavras talvez Me direis:

— De minha parte, não tenho a fé! não creio na outra vida!

— Vós não tendes fé?... Então, se não credes em Mim, porque me perseguis?... Por que vos revoltais contra as minhas Leis e fazeis guerra aos que Me amam?... E uma vez que quereis a liberdade para vós, por que não a deixais para os outros?

Vós não acreditais na vida eterna?... Dizei-me se viveis felizes nesta terra e se não sentis necessidade de alguma coisa que não podeis encontrar neste mundo.

Se procurais o prazer e chegais a tê-lo, não vos sentis saciados...

Se procurais a riqueza e chegais a possuí-la, não tereis nunca o bastante...

Se sentis necessidade de afeição e se a encontráis um dia, bem depressa vos cansareis...

Não! Nada de tudo isso é realmente o que vós desejais!...

O que vós quereis certamente não o encontrareis por cá! Porque aquilo de que tendes necessidade é a paz, não a paz do mundo, mas a paz dos filhos

de Deus. E como poderíeis encontrá-la no meio da revolta?...

Eis porque Eu venho mostrar-vos onde está essa paz, onde haveis de encontrar essa felicidade, onde extinguireis essa sede que vos devora há tanto tempo!

Não vos revolteis por Me ouvirdes dizer: Tudo isso vós o encontrareis no cumprimento de minha Lei. Não, não vos espanteis com esta palavra: minha Lei não é tirânica, é uma Lei de amor!

Sim, minha Lei é o Amor, porque eu sou vosso Pai.

Eu venho vos ensinar o que é esta Lei e o que é meu Coração que vo-la dá, êsse Coração que vós não conheceis e que feris com tanta freqüência! Vós me procurais para me dar a *morte*, e Eu vos procuro para dar-vos a *vida*! Qual dos dois ganhará? E vossa alma permanecerá sempre tão dura contemplando Aquê!e que vos deu a sua Vida e todo o seu Amor?"

A respeito do resultado de sua *mensagem*, Jesus deu, na terça-feira 19 de Junho de 1923, da maneira mais formal a Sór!or Josefa, esta confortadora segurança:

"Josefa, não tenhas mêdo de coisa alguma. Não sabes tu o que acontece quando se abre um

vulcão? O poder daquele fogo é tão grande que é capaz de arrancar as montanhas e de as destruir, e se conhece que uma força irresistível passou por aí. Assim minhas Palavras terão uma tal força e minha graça as acompanhará de tal maneira que *as almas mais obstinadas serão vencidas pelo amor!*

“A sociedade está pervertida quando aqueles que a governam não agem nem segundo a verdade, nem segundo a justiça. Mas se seu chefe sabe dirigí-la, muitos, sem dúvida, seguirão ainda os caminhos tortuosos, mas *a maioria* chegará à luz e à verdade... Eu repito, minha Graça acompanhará minhas palavras e aos que as fizerem conhecer: *a verdade triunfará, a paz governará as almas e o mundo... e meu reino chegará!*”

“Assim portanto, conclui o comentador, nenhuma oposição será capaz em tempo algum de quebrar em seu impulso divino as torrentes de Misericórdia que vão logo submergir o mundo!” (1).

A MENSAGEM DO CORAÇÃO DE JESUS AO CORAÇÃO DO SACERDOTE

Quão profundamente comovedora é também o apêlo à confiança no seu Coração transbordante de misericórdia que Jesus lança ao mundo inteiro na

(1) Obra citada, L. III, cap. X, p. 551.

sua insigne “*Mensagem ao Coração do Sacerdote*” (1).

Tornai a ler esta página eloqüente, da qual transcrevemos aqui os primeiros elementos. Entretanto, não vos contenteis desta demasiado curta citação. Procurai esta mensagem de amor e fazei dela o objeto de vossas longas e atentas meditações. Vossa alma e vosso coração nela se retemperarão como num banho salutar e vós dêis saíreis com novos arrôjos de confiança e de amor para com Aquêlo que se esgota em achar meios próprios para conquistar nossos corações:

(1) “Encontrado entre os papéis de um religioso Marista morto em Roma. Devia tê-lo recebido de uma alma privilegiada, porque esta mensagem parece verdadeiramente saída do próprio Coração de Nosso Senhor Jesus Cristo” diz a nota que acompanha êste bilhete.

Eis aqui a última passagem dêste precioso documento, que revela da maneira mais admirável a singular estima e o ardente amor que Jesus tem para os seus Sacerdotes. Falando de sua santíssima Mãe, Jesus diz: “Ah! quanto Ela os ama os meus sacerdotes! quanto Ela se compraz *em me suplicar por eles!* E’ Ela, ainda uma vez, é minha doce Mãe que me solicita para abrir todos os tesouros de meu Coração e fazer um novo apêlo a tôdas as boas almas, *a meus bons Padres*, em particular. Ela forma as delícias do meu Coração, minha terna Mãe, seja Ela também as vossas delícias, e ficai sabendo que esta Mãe do divino amor possui o segredo desta união íntima, maravilhosa, que meu Coração, por uma imensa efusão de misericórdia e de amor, oferece agora a todos os seus Padres, como uma nova e muito grande graça de santificação”.

“Eu tenho frio! Tenho sede! Tenho fome!... Dize a meus bons padres que me aqueçam com seu amor, que me dêem almas! Almas! Almas!

Não morri eu de amor por elas? Todos os tesouros do meu Coração estão abertos. Quanto mais as nações se afastam de mim, me repelem, mais minha doce Mãe me excita a abrir os tesouros de amor, de misericórdia, de santificação de meu Coração.

Certamente a devoção a meu Coração Sagrado é muito espalhada, ela me consola e me faz ganhar uma grande quantidade de almas, para mim, o Salvador das almas! Mas entretanto, *como estão longe de compreender os tesouros infinitos do meu Coração* (1).

Minha Mãe me solicita, meu Amor me obriga a espalhar êstes tesouros, a convidar as boas almas a vir mergulhar-se perder-se neste *Oceano de Misericórdia e de Amor*... Oh! leve o apêlo do meu Coração às extremidades da terra, leva-o sobretudo a meu Sacerdote que Eu tanto amo! Meu Padre! meu outro Eu mesmo! “*Meu Alter ego!*”

(1) Lemos na *Vida de Sórora Benigna*, da qual já falámos, que um dia Jesus lhe disse: “A confiança é a chave que abre os tesouros de minha infinita misericórdia. Aquela tão pequena oração: *Eu confio em Vós* me arrebatou o Coração, porque nela estão compreendidos a confiança, a fé, o amor e a humildade!”

CAPÍTULO II

As maravilhas da Graça nas almas ou um feixe de conversões estrondosas

1. O Rei Davi.
2. O Rei Manassés.
3. O Pródigo de São João.
4. São Tiago Licops, monje.
5. Um veterano de Leopoldo I.
6. O velho soldado do Yser.
7. O Padre de Foucauld.
8. O Senhor de La Fontaine.
9. Palmerina.
10. Violeta Nozières.
11. São Brice, o Seminarista.
12. Na Coréia do Norte.
13. Santa Margarida de Cortona.

Anexos:

A palavra de São Tomás de Aquino.
Urgente convite de Deus à confiança.

★ ★ ★

I. — O REI DAVI

Davi, rei de Judá, manda arrebatat Betsabéia, mulher de Urias, um dos seus mais intrépidos soldados e peca com ela enquanto Joab, seu generalíssimo, combate os Filisteus.

Betsabéia concebeu. Então, a seu primeiro crime, Davi acrescenta um outro cuja narração bíblica provoca indignação. Para Davi o futuro torna-se cheio de ameaças. Como ocultar seu adultério aos olhos de Urias?... Davi o manda chamar à presença dêle. A convocação real lhe chega enquanto estava no campo de batalha. Davi finge testemunhar muita confiança em seu valoroso soldado. Fede-lhe notícias de Joab e de todo o exército e lhe concede uma licença de muitos dias. Mas Urias, comparando sua condição com a de Joab e com a de todos os oficiais e soldados que dormiam no chão, recusa por nobreza de alma, ir dormir em sua casa. Davi fica indiferente diante de tanta virtude e se fixou à sua primeira resolução: ocultar a qualquer custo, seu pecado aos olhos de Urias. Betsabéia é sua cúmplice. Julga-se obrigado a subtraí-la ao apedrejamento, pena legal inelutável e a salvar ao mesmo tempo sua honra de rei. Portanto é preciso que Urias se julgue o pai da criança que vai nascer ou que êle desapareça! É então que, depois de muitas tentativas vãs para compro-

meter Urias no futuro nascimento criminoso, Davi manda transmitir a Joab a ordem seguinte: "Colocai Urias no lugar mais perigoso do combate e fazei com que êle sucumba!".

E assim aconteceu. O duplo crime de Davi estava consumado... Tanto é verdade que um primeiro pecado puxa fatalmente para um segundo, se não se toma cuidado de se levantar logo.

Pode-se imaginar tal procedimento por parte de um príncipe tão instruído e preparado de mil modos pelas luzes e favores de Jeová?

Ah! sem dúvida, a medida está cheia e o braço da Justiça divina vai se levantar para castigar o culpado?

Não ainda. Porque é aqui que a infinita misericórdia de Deus vai entrar em ação.

O Senhor envia, com efeito, ao rei prevaricador, o profeta Natan para repreender vivamente seu procedimento e lhe anunciar um primeiro castigo que há de sobrevir.

Davi, iluminado pelo Altíssimo da enormidade de suas faltas sentiu delas, imediatamente, uma dor profunda. Prostrado na solidão do seu Palácio, exprimiu sua dor com palavras que cortam o coração, tão amargas que só se podiam comparar com o remorso acerbo de seu coração: "Senhor meu

Deus, exclamou êle, tende piedade de mim segundo tôda a extensão de vossas misericórdias" (1).

"É sabida a continuação dêste cântico que as almas arrependidas não cessarão de repetir; conhece-se a penitência de Davi e os soluços de suas noites sem sono" (2).

Apesar de tantas lágrimas, a sentença divina se executou. Davi foi severamente punido e o castigo se estendeu e se prolongou até o fim de sua vida, como o testemunham a maior parte de seus salmos.

Entretanto, satisfeito do seu arrependimento, o Senhor fez misericórdia a Davi e o restabeleceu mesmo em suas prerrogativas de Profeta do Messias.

Ó Senhor, Deus nosso, quem então poderá medir tua misericórdia?...

II. — O REI MANASSÉS.

Manassés figura na gloriosa lista dos reis de Judá. Descendia portanto do rei Davi, mas não teve nada da piedade e do zelo do rei-profeta nem do rei Ezequias, seu pai. Foi justamente o contrário.

(1) Ps. 50.

(2) Davi pelo Cardeal Meignan, cap. VII, p. 53 e 54, casa Lecoffre, Paris.

Ouvi, com efeito, o que dêle contam os livros sagrados:

"Manassés reinou cinqüenta e cinco anos em Jerusalém. Fêz o que é mal aos olhos de Jeová, imitando as abominações dos povos que Jeová havia expulsado diante dos filhos de Israel. Além disso, continua o texto sagrado, Manassés derramou muito sangue inocente até encher Jerusalém de uma extremidade a outra!"

Contudo, desejando levar novamente o rei e seu súditos ao bom caminho, Deus falou a Manassés e ao seu povo, mas êles não fizeram caso!

Então o Senhor resolveu obrigar, de certo modo, os pecadores ao arrependimento, por meio de um castigo absolutamente excepcional. Fêz que viessem contra êles os chefes do exército do rei da Assíria que apanharam Manassés, o carregaram de cadeias e o levaram prêso para a Babilônia.

Mas para algo a desgraça serve, diz o velho provérbio francês. E isto é sempre verdadeiro nos planos da divina Providência. Foi o que aconteceu com Manassés. Êle refletiu, converteu-se ergueu sua voz ao Senhor, reconheceu humildemente tôdas as suas injustiças e pediu perdão. E o *Senhor* lhe perdoou.

Podeis adivinhar o resto?... "Jeová, acrescenta a Escritura, se deixou comover, ouviu as súplicas

do rei e o reconduziu ao seu reino!”, isto é sobre o trono de seus antepassados. ⁽¹⁾.

Eis aí, *contanto que se arrependam*, como o Senhor trata os maiores criminosos!

III. — O PRÓDIGO DE SÃO JOÃO.

Eis aqui, transmitida à posteridade por Clemente de Alexandria, uma das mais patéticas histórias que coroam a vida de São João Evangelista.

Em uma de suas viagens, que fez pouco antes de seu exílio na Ilha de Patmos, João tinha notado, no meio da multidão, um moço de nobres feições mas cuja alma lhe pareceu mais nobre e mais bela ainda. Ele o chamou em particular, e o apresentou ao bispo.

— Eu vo-lo confio, disse êle, diante da Igreja e diante de Jesus Cristo. Deus conhece o depósito sagrado que eu entrego nas vossas mãos. É o tesouro do meu coração.

O bispo prometeu cuidar dêle. Depois de ter renovado muitas vezes o seu pedido, João voltou para Éfeso.

O bispo recebeu o moço em sua própria casa,

(1) Cf. 4 Rois XXI, 1-18 et 2 Paralep. XXXIII, 1-20.

êle mesmo o instruiu, dedicou-lhe uma ternura paternal e lhe conferiu finalmente a luz celeste do batismo. Julgou poder em seguida dispensar-se de sua vigilância anterior. Mas o moço, emancipado cedo demais, não tardou a se rodear de companheiros ociosos, atrevidos, dissolutos.

Arrastaram-no primeiramente a tomar parte nos seus festins e prazeres. Depois o levaram com êles, de noite, quando iam despojar os passageiros; finalmente o fizeram cair em tôda espécie de abominações.

Semelhante a um cavalo desenfreado que sua fúria precipita no abismo, o moço desvairado não teve mais medida. Esquecido de Deus, desesperando de sua salvação, fez de seus companheiros uma quadrilha de ladrões dos quais se tornou chefe. Emboscado na montanha era o terror da região.

Entretanto o santo velho, tendo voltado do exílio, não tardou em visitar a cidade onde o chamava a sua paterna afeição para com o jovem cristão. Desde que viu o bispo.

— Restitui-me, disse êle, o depósito que te confiei em nome de Jesus Cristo!

O bispo a princípio admirou-se, pensando que se tratasse de algum depósito de dinheiro.

— O que eu reclamo, insistiu o Apóstolo, é a alma do nosso irmão.

O bispo abaixou os olhos e chorou.

— Ai! disse êle, morreu.

— Como e de que morte? perguntou, fremente, o santo velho.

— Morreu para Deus, continuou o bispo entre lágrimas. Êle me abandonou e abandonou a Igreja... é hoje chefe de uma quadrilha de miseráveis como êle.

A estas palavras, João rasgou seus vestidos, bateu na fronte e soltando grandes soluços:

— A que guarda, exclamou, confiei eu o meu irmão!... Imediatamente me tragam um cavalo, dêem-me um guia!

Depois, deixando a assembléia, parte no mesmo instante. Apenas chegado ao lugar designado, guardas se apossaram dêle. Sem lhes pedir mercê:

— Levai-me logo a vosso chefe, disse, é por êle que eu venho. Mas, desde que apareceu o prisioneiro, reconheceu seu Pai de outrora e, tomado de vergonha, fugiu a tôda pressa.

João aperta seu cavalo, persegue-o e, com voz enternecedora:

— Ó meu filho! meu filho! gritava êle, porque foges de mim? porque ter mêdo de teu pai, um homem desarmado, um velho? Tem pena de mim,

meu filho. Não está tudo perdido para ti. E me constituirei teu fiador perante Jesus Cristo. Para te salvar, eu darei minha vida se fôr preciso. Pára, meu filho, pára; é o Cristo que me envia!

Vencido pelos soluços do santo velho, o moço pára. Conservou-se antes imóvel, com os olhos fixos no chão. Depois, atirando longe suas armas, pôs-se a tremer e a chorar amargamente. Caindo finalmente nos braços do Apóstolo, êle pedia perdão, com uma voz entrecortada de gemidos. Banhado com suas lágrimas, como se fôsse um segundo batismo, conservava encoberta sob a túnica a sua mão direita, manchada com tantos crimes, João agarrou essa mão, apesar de sua resistência depois, caindo de joelhos, êle a cobre de beijos:

— Ó meu filho, lhe diz ela é purificada pelo teu arrependimento!

O moço foi reconduzido à assembléia dos santos. João rezava com êle, jejuava e fazia penitência. Com a sua palavra curou a alma dêle, como por um encanto soberano. Não o deixou senão depois de tê-lo ressuscitado pela absolvição e restituído à Igreja sua Mãe (1).

(1) Nós tiramos esta narração da obra do Cônego Weber: *O Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo seguido pelos Atos dos Apóstolos*, casa de Zech e Filhos Braine-le-Compte.

IV. — SÃO TIAGO LICOPS († 1572).

São Tiago Licops, monje *Norbertino*, nascido em Audenarde na Bélgica em 1538, se consagra a Deus desde a sua mais tenra idade, na abadia *Norbertina* de Middelbourg, na Holanda.

“O irmãozinho Tiago” é o ídolo do mosteiro, “filho mimoso” de Nosso Senhor. Middelbourg é para ele um recanto do paraíso...

Entretanto rebenta a perseguição. No dia 22 de Agosto de 1566 os Iconoclastas irrompem na abadia de Middelbourg, penetram na Igreja abacial e a entregam à rapina. Tiago fica aterrorizado. As ameaças o espantam. Ele se capitula perante o inimigo. Renega sua Ordem e seu Deus. Tiago é apóstata e, logo afoitando-se ao crime, consuma o seu delito tornando-se calvinista militante.

Mas o Coração misericordioso de Jesus velava sobre o monje rebelde!

Passam alguns meses... Os remorsos apertam dolorosamente o coração de Tiago. Sente-se infeliz além de toda expressão. Ele pensa no tempo de outrora, em que, à sombra do santuário passava dias tão felizes!... “Levantar-me-ei e irei a meu Pai!”

— Então, resolutamente, mas humildemente, vai bater à porta da antiga e sempre tão querida morada. O príndigo aí recebe o acolhimento mais afe-

tuoso e há grande festa no céu e sobre a terra para celebrar sua volta...

Enviado a Marienwaard pelos seus superiores, faz aí uma austera penitência durante cinco anos. Entretanto, a hora de novos combates ia soar!

Já o furor dos malvados se tinha abatido sobre muitos padres e religiosas. Gorcum seria o lugar do suplício deles. Tiago, o apóstata teria desta vez a honra de conquistar a palma do martírio?

Tiago é aprisionado, e, com um de seus confrades — Santo Adriano — vai alcançar a falange dos confessores da fé. Esta nova captura é importante. Sabe-se quem ele é. Os miseráveis se lembram de sua apostasia de 22 de Agosto de 1566. “O monge de hoje, pensam eles, não vale mais do que o traidor de ontem”. Eles o saberão reduzir. As ameaças e se fôr preciso, as torturas, vencerão sua “obstinação”.

Cálculos humanos tudo isto. Os miseráveis tinham feito seus cálculos sem contar com a graça de Deus e sua misericórdia inesgotável.

No dia 9 de Julho de 1572, Gorcum ia beber o sangue dos mártires. Entretanto nesta granja húmida que se tornou súbitamente trágica e gloriosa, eu não conto, dependurados à abóbada, em lugar de vinte e três, senão dezenove corpos, muitos dos quais se debatem nos horrores da agonia, enquanto acima de suas cabeças, já aureoladas da glória

do triunfo, os anjos seguram as coroas dos mártires... Ai! é porque quatro dos confessores apostaram! Entre êstes últimos um noviço franciscano, 18 anos, cai com estrondo. Entretanto, pouco depois, vencido também êle pela graça, faz penitência, volta à Ordem e morre como religioso fervoroso.

Tiago viu o triunfo de seus irmãos e a queda dos outros. Êle tem pressa de lavar a injúria que êstes últimos fizeram a Deus.

Os Calvinistas tinham até o fim acariciado a esperança de fazer de Tiago um apóstata a mais. Inúteis esforços. Desta vez Tiago terá a honra de colher a palma do martírio!

Mas falta o lugar! Os mártires semelhantes a cachos abundantes de uvas maduras, se apertam na estreita abóbada da granja escura. "Não seja esta a dúvida. É-me necessário um lugar para mim! Então a corda desliza no pescoço do confessor, um dos algozes o levanta ao ponto mais elevado da escada, por onde logo os mártires subiam ao céu. Uma ordem e o corpo do confessor levanta-se no espaço enquanto sua alma lança-se aos braços de Deus!...

Assim então, como Pedro, conquistado pelo amor misericordioso de seu divino Mestre, Tiago torna-se mártir depois de ter sido renegado! Sobe ao Céu pelo caminho mais reto e vai perder-se nos

inefáveis abraços d'Aquêlê, do qual, ainda ontem, tão insultuosamente, pisava aos pés o sangue divino e no dia seguinte à sua gloriosa morte, a Igreja orna a sua fronte com a auréola dos Bem-aventurados! (1).

V. — UM VETERANO DE LEOPOLDO I.

Uma missão numa cidade da Bélgica.

Numa tarde, o autor destas linhas está no seu confessionário.

Um senhor se apresenta: "Meu pai. desejaria falar-lhe".

Vamos à sacristia onde mando que todos se retirem e fecho as portas.

— Permita-me antes de tudo que me dê a conhecer.

E o estrangeiro endireitou-se diante de mim, alto, esbelto, direito, distinto, cabelos brancos, um belo ancião.

— Eu sou um antigo soldado de Leopoldo I.

— De Leopoldo I?

— Perfeitamente.

— Mas, com sua permissão, por favor, que idade tendes, caro senhor?

(1) Os mártires de Gorcum foram canonizados por Pio IX no dia 29 de Junho de 1867.

— 93 anos!

— Minhas felicitações. Que invejável saúde!

— Ah! sim, fisicamente, tudo vai bem, apesar de minha idade! Mas minha alma!...

— Deus Nosso Senhor tem misericórdia para tôdas as almas de boa vontade!

— Sim, eu sei, vós o dissestes no vosso sermão desta tarde e depois está com tôdas as letras no Evangelho. Mas, considerai-o bem meu pai, eu venho de tão longe! E desde a minha primeira comunhão que abandonei a Deus!

— Mas quem então vos impeliu esta tarde para cá?

— Seria muito comprido dizê-lo! Precisaria contar-vos um série ininterrupta de circunstâncias na origem das quais eu vejo a intervenção boa e maternal de Nossa Senhora. Pois há quarenta anos, eu recommencei a rezar cada dia as minhas três "Ave Marias".

Meu interlocutor começava a se comover. Então eu o interrompi mostrando-lhe o meu confissãoário.

Ora, depois da absolvição, começou a derramar copiosas lágrimas.

— Meu filho, lhe disse eu, vós chorais!

— Ah! São lágrimas de felicidade! Pois sob a influência de vossa absolvição, eu me senti, de re-

pente, invadido por uma alegria que não experimentei mais depois da minha primeira comunhão!

Abracei meu venerável penitente e, por sua vez, me abraçou com uma afeição tôda paternal.

Belo espetáculo para o Céu "onde há mais alegria por um pecador que se converte do que pela perseverança de noventa e nove justos que não precisam de penitência!".

VI. — O VELHO SOLDADO DO YSER.

Em uma grande clínica de província, Abril de 1935.

Trazem um doente, antigo soldado da 1ª grande guerra. A doença é grave. Sofre de uma apendicite perfurada.

Os doutores confessam-se impotentes para salvar o doente que, acrescentam êles, não passará dêste dia.

"Então diz o Capelão, apressemo-nos ao menos em salvar tudo que ainda se pode salvar!"

Entretanto, a alma está em piores condições que o corpo!

Mas contrariamente à ciência humana, o Poder de Deus, assim como a sua Misericórdia, é sem limites.

Este homem que vai morrer passou tôda a sua vida — tem 52 anos — à margem do Evangelho.

Sem dúvida, êle acredita no verdadeiro Deus e nos ensinamentos da verdadeira Religião, mas êle os ignorou completamente.

Por felicidade foi batizado e foi educado cristãmente; mas nunca comungou! E, quanto ao seu matrimônio, não quis as bênçãos de Deus nem da Igreja.

E êste homem vai morrer!...

Neste momento trágico, a Irmã Superiora da clínica aproxima-se do moribundo e lhe fala com bondade da Vida, da Vida interminável que vem depois da morte...

O antigo soldado ouve com respeito as palavras da religiosa. Parece sair de um sonho. De repente se põe em frente das inevitáveis Realidades que o esperam. Toma a sério a exortação que acaba de lhe fazer a boa enfermeira.

“Minha Irmã, sim, eu quero sinceramente me pôr em regra com Deus e com minha consciência. Mas eu queria, para esta grande operação, o concurso de meu velho amigo de guerra: o Pe. X que viveu comigo, durante quatro anos, a vida penosa das trincheiras do Yser!”

Bem satisfeita do sucesso de seu apostolado, a amável Superiora responde logo:

“Vou telefonar ao convento do cais Mativa e dentro de uma hora estareis satisfeito!”.

Ai! o Pe. X está ausente. Partiu para a casa de Bruxelas!

“E vós não tendes senão uma probabilidade sôbre cem de aí o encontrardes, acrescentam!”.

O tempo de pedir a ligação interurbana e eis a boa religiosa em comunicação com o Prior do convento de Bruxelas.

Por um acaso inteiramente providencial e inesperado, o Pe. X passava neste momento no grande corredor do mosteiro.

Ei-lo ao aparelho respondendo à sua interlocutora: “Dentro de duas horas estarei ao pé de meu velho camarada”.

Com esta notícia, que alegria do moribundo! Êle chora! Recolhe-se. Quer fazer bem as coisas. Por esta vez, a última, êle não enfrentará a morte senão em boas e devidas condições.

...São três horas depois do meio-dia. Um táxi pára diante do portão de entrada da clínica. O portão se abre. Um sacerdote vestido de branco desce do carro. É êle! é o Pe. X que correu a tôda pressa de Bruxelas para trazer socorro a seu velho amigo das trincheiras, assim como o fazia lá na frente do Yser.

Os dois amigos atiram-se aos braços um do outro. É uma cena tocante para fazer chorar.

Então o velho soldado diz ao Padre:

“Ouve-me, então meu velho amigo, meu querido camarada, testemunha de meu procedimento na frente das batalhas. E vós, Senhor Capelão ⁽¹⁾, e vós, minha Irmã Superiora e tu minha mulher, ouvi a resposta de meu velho amigo.

— Dize-me então, Padre, tu que me viste na ação por tanto tempo, tenho eu, alguma vez, temido diante do inimigo? tenho eu tropeçado diante dos Alemães?

— Não, nunca; tu foste um bravo, corajoso e audaz entre todos!

— Pois bem, vês tu, agora eu tenho medo!

— Mas medo de quem, de que coisa?

— Medo da morte!

— Será possível? Mas, num minuto, quando tu estiveres em condições de receber sua visita, teu medo terá desaparecido, eu to asseguro.

— É verdade, respondeu o velho soldado, é por isso que eu tenho medo. É porque minha consciência não está em regra. Mas tu vais me confessar e quando Deus me tiver perdoado, eu bem sinto que serei mais forte”.

Então, nesse humilde quarto de doente, passou-se alguma coisa nunca ouvida.

Foi aí que se produziu, de repente, uma tão

(1) O Capelão de serviço daquele dia.

grande maravilha de graça que para a glória do Deus das misericórdias, merece passar à posteridade!

Ora, como o Capelão e os outros visitantes davam sinal que queriam se retirar, o moribundo interveio com autoridade:

“Não ficai, Senhor Capelão, ficai minha Irmã e tu também minha mulher, fica aqui. Porque é diante de vós todos que eu quero me confessar! Eu ofendi a Deus publicamente e eu me confessarei lealmente e sem reticência diante de todos!”

E quando, com a absolvição do Sacerdote, o perdão divino desceu sobre sua alma, o velho soldado exclamou todo fora de si, enquanto o homem de Deus o envolvia num aperto paterno e afetuoso:

— Ah! como me sinto feliz! Este é o mais belo dia de minha vida!

Então ele ordenou que trouxessem ao pé dele seus dois filhos:

“Meus filhos, lhes disse, com voz soluçante, eu quero que vós sejais, vós também as testemunhas dos últimos momentos de vosso pai. Tenho ofendido a Deus, mas acabo de me reconciliar com Ele porque eu quero morrer cristãmente. E, ficai-o sabendo, meus filhos, agora em paz com Deus, eu morro de boa vontade!”.

Alguns instantes depois desta cena grandiosa e profundamente comovedora, a bênção nupcial

desceu também, a pedido dêles sôbre os dois cônjuges, bênção que foi como a coroação para sua felicidade, felicidade que ambos proclamavam como sendo inexprimível!

Então, dirigindo-se a todos, com ar alegre e uma doce serenidade que era mais do céu que da terra, o velho soldado disse aos presentes:

“Não choreis, mas antes regozijai-vos comigo pois vo-lo repito: êste é o dia mais belo de minha vida!

É por isso que eu quero, como sinal de alegria, que se bêba agora uma taça de champanha!”.

E foi executada a última vontade dêste estranho moribundo, que com um pé no céu, antes de lá pôr outro, queria que o mundo soubesse da boca dêle, que a verdadeira felicidade não reside senão em Deus só!

VII. — O PADRE CARLOS DE FOUCAULD († 1916)

No mês de junho de 1916, o ilustre padre Carlos de Foucauld, o Apóstolo dos Touaregs, caía às pancadas dêstes indígenas para os quais se tinha imposto tantos sofrimentos e privações.

Morte gloriosa aquela!

Depois de ter conquistado, por meio de uma rigorosa penitência de trinta anos as palmas das

mais heróicas virtudes, o padre de Foucauld alcançava ainda a do martírio e, agora mesmo, tudo faz esperar que sua causa de beatificação será introduzida dentro em breve!

Ora, a subida do padre de Foucauld é tanto mais admirável quanto começa de mais baixo!

É com efeito, nas profundezas do vício, na abjeção mais repugnante, que a Misericórdia divina foi buscar sua Conquista.

Já aos dezesseis anos, Carlos de Foucauld não tinha como êmulo senão o mais refinado dos epicureos.

Feito oficial de artilharia, distingue-se entre todos os seus colegas, por seu mau procedimento. Sua devassidão scandaliza até seus camaradas de promoção, que chegam até a chamar-lhe de “porco”. Em Argélia infringe a disciplina militar de seus chefes que lhe ordenam despedir a companheira de suas desordens!...

— A medida está cheia!

—A degradação é completa!

— Foucauld desceu até o fundo do precipício.

— Deve-se deixar tôda esperança de o ver subir à luz.

Tal é a linguagem dos homens.

Tal não é a de Deus, do Deus todo-poderoso e infinitamente misericordioso!

Foi, com efeito, no fundo deste lamaçal imun-

do e inextricável que a Misericórdia infinita foi buscar êste infeliz pecador para o reconduzir não somente à superfície, ao claro sol de Deus, mas ainda para lhe fazer subir as ladeiras íngremes e abruptas da virtude e o conduzir até os cimos resplandecentes da santidade!...

Que pecador, por inveterado que seja, poderia ainda, à vista de tal exemplo, duvidar do perdão divino, se êle trata de levar aos pés do Senhor o coração e a alma dêste ilustre pródigo, como foi Carlos Foucauld, que a Igreja se prepara para elevar aos altares!

VIII. — O SENHOR DE LA FONTAINE.

Eis um grande poeta, o príncipe dos fabulistas, um ilustre acadêmico e o mais popular dos grandes escritores franceses.

Mas todos êstes títulos não valem o título muito simples de "bom cristão!" Pois êste último, só, dá acesso para junto de Deus, no seu Reino da glória!

Ora, em 1692, o fim da vida estava próximo para La Fontaine, e, a hora das contas pessoais perante o Soberbo Juiz ia soar!

Entretanto, nesse tempo, o grande homem vivia manifestamente indiferente com relação aos

mandamentos da Igreja e quanto aos outros, sabia-se pelo menos, todos sabiam que êle tinha escrito obras escandalosas e muito perniciosas para a juventude!

Por grande que um seja sobre a terra, príncipe ou rei não é com tais bagagens que se pode enfrentar, com viseira levantada, a formidável justiça de Deus.

Todos os verdadeiros amigos do grande fabulista pensavam nesta eventualidade, talvez próxima. Só êle parecia despreocupado.

Muitos tremiam pelo seu eterno futuro!

Mas, como fazer para abordar o grande homem sobre tão viva questão?

Depois de maduro exame, o cura de sua paróquia resolveu confiar a empresa a seu vigário, o Sr. Abade Poujet, excelente teólogo, Doutor da Sorbona, hábil dialético e pela sua família em relações de amizade com o Fabulista. Era mais do que se precisava para ver neste sacerdote de 26 anos o homem providencial do momento!

O Abade Poujet apresentou-se uma primeira vez á habitação de La Fontaine sob o pretexto inteiramente natural de saber notícias de sua saúde.

O acolhimento teve que ser particularmente cordial, pois a entrevista não durou menos de duas horas.

A questão religiosa foi encetada sem dificuldade.

Provavelmente o padre novo se houve com muita habilidade, pois seu raciocínio impressionou tão bem La Fontaine que principiou a lhe dizer, como quem se desculpa de estar tão atrasado para com Deus:

— Pus-me, depois de algum tempo a ler o Novo Testamento; asseguro-vos que é um livro muito bom; sim, eu garanto é um bom livro. Mas há nêle um artigo a respeito do que eu não posso concordar: é o da eternidade das penas do inferno.

Eu não compreendo como esta eternidade pode concordar com a bondade de Deus.

Objeção comum que é interessante encontrar na bôca de um escritor do grande século. Mas então, como hoje compreendia-se melhor a objeção do que a solução.

O jovem vigário não se deixou desconcertar, e forte da ciência dos seus sábios mestres, resolveu-a com uma perfeita clareza.

“Eu lhe respondi, escreveu o Abade Poujet, *que não era necessário que êle o compreendesse*; que havia coisas mais incompreensíveis que era obrigado a crer (tal o mistério da Santíssima Trindade); que geralmente, todos os mistérios são incompreensíveis; que é suficiente examinar a verdade da revelação, e que *quando é certo que Deus*

falou e que Êle se explicou claramente é preciso que a razão humana cale e se submeta a um Deus que fala e se explica. (1)

Depois disto, continua o jovem Doutor, era fácil mostrar que a eternidade das penas nada tinha que não fôsse justo e fundado na razão e lhe expus sôbre aquilo os princípios de Santo Agostinho, como também dos outros Padres e teólogos”.

Por outro lado, a tarefa do sacerdote foi singularmente facilitada pelo espírito reto é dócil do Fabulista, que convidou amavelmente seu mestre ocasional a lhe continuar suas luminosas lições, enquanto fôsse preciso.

“Quanto ao resto, diz o Abade Poujet, o Senhor La Fontaine apanhava a verdade e a ela se entregava. Não procurava chicanar e me pareceu agir com retidão e boa fé.

Finalmente, depois de dez ou doze dias de conversação que eu tive com êle, o Sr. La Fontaine me disse *que estava convencido da verdade de tudo aquilo que eu lhe tinha dito até então*; que êle queria pensar sèriamente em viver e morrer como bom cristão; que êle se sentia vivamente impellido pela graça, que êle via bem que era preciso fazer uma confissão geral, mas que êsse trabalho o embara-

(1) O Salvador reitera até catorze vêzes, no Evangelho a afirmação sôbre a eternidade das penas do inferno.

çava desmedidamente, que não era um negócio pequeno narrar uma vida como a dêle de setenta e cinco anos; que quanto mais nisto pensava, maior caos êle via e não sabia como sair dêle”.

O jovem vigário recebeu a confissão do seu illustre aluno e obteve mesmo dêle a retratação pública de certos escritos licenciosos.

A conversão do célebre Fabulista, do brilhante acadêmico era completa!

IX. — PALMERINA (XIV SÉCULO).

A história seguinte e que nós extraímos da vida de Santa Catarina de Siena, vai nos revelar, mais uma vez, as incomensuráveis reservas de misericórdia do nosso Deus.

Uma das irmãs da Ordem Terceira, em Siena, *Palmerina*, tinha concebido contra nossa santa um ciúme odioso, que lhe inspirava tôda espécie de calúnias.

Movido pelas orações que Catarina não cessava de fazer pela sua inimiga, Deus, para curar sua alma, castigou seu corpo. A Santa veio cuidar dela com incansável e heróico devotamento. Nada enteneceu *Palmerina*, que acabou por expulsar Catarina de sua casa.

Então, por um justo castigo, a infeliz caiu em agonia sem ter podido receber os sacramentos.

Espantada pelo perigo que corria essa alma, a Santa duplicou as penitências e as súplicas. *Palmerina* voltou a si, confessou-se e morreu em paz com Deus, e logo, Nosso Senhor mostrou esta alma à sua heróica e tão caridosa serva:

“Ela estava tão resplandecente, afirma Catarina, que nenhuma expressão poderá explicar sua beleza!”

— Minha filha muito amada, dizia Nosso Senhor, eis aqui a alma que tu fizeste achar. Vê como é bela e preciosa! Se Eu que sou a beleza infinita fiquei cativo da beleza das almas, até o ponto de descer sôbre a terra e morrer para as remir, com mais forte razão deveis trabalhar uns pelos outros, afim de que uma criatura tão amável não vá se perder!”

E a santa disse a seu confessor, o Bem-aventurado Raimundo de Cápuia: “Ó meu Pai, se pudésseis ver a beleza de uma alma em estado de graça, vós daríeis cem vezes vossa vida, se fôsse preciso, para assegurar-lhe a salvação!”

X. — VIOLETA NOZIÈRES

Da *A Livre Belgique* do dia 15 de Outubro de 1937, e da *Gazeta do Centro* (La Louvière) do dia 16 de Outubro de 1937:

“Talvez ainda se lembrem do crime abominável de Violeta Nozières. Os jornais da época (era em 1934) o noticiaram com pormenores. Esta moça tinha matado o próprio pai e tentara matar também a mãe, mas não o conseguira.

No curso de seu processo, deu prova de um cinismo nunca ouvido. Apesar de tudo, este monstro, que não podia aproveitar-se de nenhuma circunstância atenuante, até pelo contrário, escapou da condenação à morte.

Não queremos relembrar as paixões malsãs que foram exploradas nesta ocasião por certa imprensa. O que nós nos contentaremos sublinhar para apresentar de modo completo uma indigna, é que a condenada não mostrou nenhuma gratidão aos juízes pela sua extraordinária generosidade.

Violeta Nozières, vomitando injúrias e maldizendo a humanidade, foi confiada, para sua detenção perpétua, à religiosas carcereiras, admiráveis anjos de bondade caridosa, dedicadas à mais mortificante das tarefas.

Quando ela conheceu sua sorte, a miserável exclamou entre blasfêmias: “Eu viver entre freiras!... Eu me destruirei antes que elas me tenham tocado!”

Era um ser chafurdado na mais baixa abjeção. ...Há três anos que isto se passou.

A prisioneira não se “destruiu”. Ela se converteu completamente.

Sem dúvida, sua saúde não lhe permite des-
contar ainda longos dias; mas os que lhe restam, ela os consagra a expiar.

Operou-se nela, ao contato de suas guardiãs, uma mudança de resolução completa, incrível; ela pensaria mesmo, se as suas forças lhe deixassem esperança de cura e de uma libertação, em entrar no convento de Betânia ⁽¹⁾ que educa as arrependidas até às sumidades da vida religiosa.

Eis aí, diremos, uma história profundamente comovedora e que celebra, uma vez mais, as maravilhas da graça e a infinita misericórdia de Deus.

Numa entrevista, referida pelo mesmo jornal, Violeta Nozières conta o trabalho de ressurreição operado em sua alma pelo poder da graça:

Na tarde do veredito, tinha tomado a firme resolução de acabar com minha vida miserável. Mas uma religiosa da Petite Roquette me falou e eu compreendi que Deus pedia mais, e eu vi o rude caminho que eu devia percorrer antes de obter o seu perdão.

...As Irmãs são boas e caridosas a meu respeito, e graças a elas eu voltei à fé de minha in-

(1) Dirigido pelas Irmãs Dominicanas, em Sart-Risbart, por Incourt (Bélgica).

fância, onde hauri as forças necessárias para uma expiação total.

Ainda quando, um dia, as portas da prisão se abrissem para mim, não voltaria para a vida civil. Pediria ao convento de Betânia que me recebesse, pois lá sòmente, na oração e na abnegação, eu poderia continuar a me resgatar.

XI. — SÃO BRICE, O SEMINARISTA (SÉCULO V)

Todos conhecem São Martinho de Tours que, ainda catecúmeno, partiu pelo meio sua veste para dar a metade a um pobre tiritante de frio e quase nu!

Mas o que menos se sabe é o milagre de conversão que operou sua caridade misericordiosa para um de seus clérigos chamado Brice, que tinha ousado zombar dêle e mesmo insultá-lo!

Em vista de tal procedimento, todos à uma, entre os que rodeavam o Santo, condenavam o revoltado. Era preciso, daí por diante barrar-lhe o caminho do altar e infringir-lhe um castigo exemplar.

Apoiado sôbre esta reflexão: "Se o Cristo suportou Judas, porque não suportarei eu Brice?" (1), o santo resolveu tomar a defesa do culpado. Ele o

(1) "Christus passus est Judam, cur non ego Brictianum?"

fêz vir à sua presença e lhe falou com tanta amabilidade de doçura e de paternal afeição que o jovem clérigo, perturbado tanto quanto reconfortado por esta grande e inesperada bondade de seu superior, sentiu logo o arrependimento invadir-lhe a alma e, com o rosto inundado de lágrimas, se prostrou aos pés de seu Benfeitor, implorando humildemente o seu perdão.

O pródigo se levantou não sòmente absolvido, mas ainda firmemente decidido a reparar o passado com uma vida irrepreensível.

Ora, Brice manteve tão bem sua palavra que não sòmente se fêz sacerdote, mas bispo e, no ano 400, à morte de São Martinho, sucedeu-lhe na sede de Tours e finalmente, conseqüência maravilhosa da terna caridade do Santo, conquistou êle mesmo, depois de sua morte, as grandes mas difíceis honras da canonização!

XII. — NA CORÉIA DO NORTE.

1950

O AMOR MAIS FORTE DO QUE O ÓDIO

"As tropas americanas da 7.^a divisão tinham encontrado uma jovem deitada à beira da estrada, gravemente atacada de pneumonia. Era o dia 23 de Novembro de 1950. Demonstrava ter uns 20 anos

e estava uniformizada e armada. Apesar de seus sofrimentos, conservava bastante energia para mostrar uma hostilidade ferosa.

Os soldados a transportaram para um barracão onde recebeu os cuidados dos médicos. Pertencia a um serviço de informações e tudo nela denotava uma inteligência, uma educação acima do normal. Recusou de modo absoluto responder às perguntas que lhe foram feitas, assim como tomar os remédios que lhe eram apresentados.

O Padre Powers veio visitá-la acompanhado de um intérprete e tentou convencê-la de que os Americanos não lhe queriam mal e que devia tomar os remédios. "Eu sou padre, disse-lhe ele, um ministro de Deus". — Católico ou protestante? perguntou ela. — Eu sou padre católico. — Então, eu vos odeio ainda mais. Se pudesse, eu vos mataria".

O capelão conservou-se calmo. "Vós querieis matar-me, lhe disse, mas eu quero ajudar-vos, porque sois uma filha de Deus".

O capelão veio vê-la outra vez pela tarde. Ela se conservava sempre hostil. O sacerdote repetiu que queria vir em seu auxílio e que ela era uma filha de Deus e que tinha uma alma imortal.

"Não creio que tenha uma alma", respondeu ela. E contou-lhe que tinha sido estudante numa Universidade de Seoul e que depois fôra ao Norte

para estudar na Universidade comunista de Pyongyang. Queria libertar todo o pobre povo do controle dos capitalistas. Admitiu que os Russos, na Coreia do Norte, tinham automóveis e viviam regaladamente.

O padre fêz-lhe então notar que havia portanto, entre os comunistas, uma classe privilegiada de capitalistas. "Afirmei-lhe, repetiu ele, que podia tomar os remédios sem nenhum receio e que não seria molestada. Quando a deixei, ela me disse: "Podeis voltar amanhã".

No dia seguinte, quando tornei a vê-la, sua atitude tinha mudado. Escutou-me com atenção quando lhe falei de uma jovem francesa, que tinha mais ou menos a mesma idade dela quando morreu e que tinha mostrado a grandeza do verdadeiro amor, Santa Tereza". Percebi que alguma coisa começava a brilhar nela.

Quando partiu para um campo de prisioneiros de guerra, escrevi num papel: "A qualquer capelão que ver estas palavras: Tome nota disto: esta jovem é uma arqui-comunista, mas mostrou indícios de que pode tornar-se um outro São Paulo!"

"Estávamos em caminho para Chechon, em fins de Janeiro, continuou a narrar o Pe. Powers, quando me chegou uma carta escrita em coreano e endereçada ao padre católico da 7.^a divisão. Era a nossa prisioneira. Dizia: "Eu vos agradeço por

ter trazido o primeiro raio de luz na minha vida. Tinha ouvido falar do Cristo em Seoul, através da obra cristã. Mas eu então o escarneci, porque pensava que sua religião era para os fracos e os pobres. Durante a guerra, encontrei todos os sofrimentos possíveis e caí na derrota. Então encontrei alguém que não quis me matar e que não me odiava, mas queria me socorrer. Não compreendia que houvesse gente assim entre os Americanos. Vós falastes de uma jovem filha da França chamada Teresa. Tomei o seu nome, porque ela tinha o amor em lugar do ódio. Agora vejo regularmente o padre e peço a Deus que me dirija”.

A carta estava assinada “Teresa”.

P. M. L.

(O grande hebdomadário de Nova-York: “The Catholic News” e “La Croix” de Paris de 6-XI-1951).

XIII. — SANTA MARGARIDA DE CORTONA.

Terminaremos nossos exemplos com a história da grande penitente de Cortona. Nós a reservamos para o fim, porque, digna êmula de Maria Madalena, Margarida brilha como um sol entre todos os outros convertidos.

Viu a luz do dia em 1247, numa pequena aldeia da Umbria, em Laviano, não muito longe de

Pozzuolo, um pouco distante do lago Trasimeno, no coração da Itália.

Seus pais, humildes agricultores, mas de fé robusta e de uma religião esclarecida, cuidaram em lhe dar desde os mais tenros anos, uma educação profundamente cristã.

Infelizmente os belos dias da primeira infância de Margarida foram atravessados por uma prova das mais cruéis.

Tinha ela apenas sete anos, quando a morte veio, com efeito, lhe arrebatando sua boa e piedosa mãe, o anjo tutelar de sua infância.

A pobre menina foi, daí por diante, privada, tão jovem ainda, das ternuras, que nada sobre a terra pode substituir, as ternuras maternas.

Todavia a jovem órfã não começará a medir a extensão de sua infelicidade senão dois anos mais tarde, quando seu pai, desamparado, terá casado segunda vez. Em tais circunstâncias, a madrasta não tem a grandeza d'alma e a imparcialidade, e os filhos do primeiro matrimônio tornam-se então infelizes vítimas.

Tal foi o caso de Margarida, que nunca encontrou em sua madrasta senão desprezo, injustiça e dureza.

Assim foi durante dez anos! Dez anos de experiências dolorosas que tiveram, talvez sua má influência sobre a decisão de Margarida na hora em

que a tentação se apresentou à infeliz menina desamparada, sob a aparência de uma afeição que ela não conhecia desde tão longo tempo! Pois é no momento em que os meninos e meninas têm que escolher entre o bem e o mal, que a lembrança de uma verdadeira mãe com o coração transbordando de amor, de ternura e de devotamento os poderá reter no caminho do dever e lhes barrar a estrada do desespero!

Margarida acabava de entrar no seu décimo sétimo ano de idade, quando encontrou, em seu caminho, um gentil-homem da região, senhor de Valiano da vila Palazzi, situada uma milha distante de Pozzuolo. Deslumbrado pela beleza da jovem ⁽¹⁾, êste gentil-homem se apaixonou dela, marcou-lhe um encontro e, oferecendo-lhe jóias preciosas, insistiu para que o seguisse. No princípio ela se recusou, pretextando a diferença de classe e de fortuna. O cavalheiro respondeu que sua beleza supria o dote e *lhe prometeu casar com ela*. Ela acreditou numa promessa que não era senão uma ar-

(1) "Segundo o testemunho de todos os seus historiadores, Margarida era formosa como um camafeu antigo, unindo à delicadeza do perfil italiano esta frescura e êste esplendor que têm o poder de seduzir o coração do homem. Vendo seu andar e seu ar distinto, seria tomada por filha de rei, antes que filha de um camponês". *Vida de Santa Margarida de Cortona*, por Leopoldo de Chérancé, cap. III, casa de Poussielgue; Paris.

madilha e, sem refletir nas conseqüências do seu ato, *felicitando-se, talvez de se subtrair com isso à odiosa tutela de uma madrastra*, ela seguiu o gentil-homem até a vila Palazzi ⁽¹⁾.

Depois foram o rapto, a fuga estupefaciente a Montepulciano, morada do gentil-homem, o pecado, a decadência! "Em Montepulciano, dirá mais tarde Margarida, eu perdi a honra, a dignidade, a paz; tudo perdi, excepto a fé!" ⁽²⁾.

O que mais falta fêz à Margarida, a ponto de se precipitar no abismo foi o amor onipotente de uma mãe!

De suas relações com o gentil-homem que apesar de sua promessa, nunca concordou em casar com ela, nasceu um filho. Foi nisto que se manifestou, uma vez mais, a misericórdia de Deus com respeito a Margarida, pois êste menino se tornou sacerdote e apóstolo e se santificou sob o burel franciscano!

Entretanto, apesar dos remorsos de sua consciência, Margarida continuava a viver sua vida livre e suntuosa no palácio de Montepulciano, de onde, às vezes a viam sair, montada em seu corselet magnificamente vestida, admirável de graça e de

(1) *Vida de Santa Margarida de Cortona*, id.

(2) Grande exemplo do poder da primeira educação! E' a fé de sua infância que será, mais tarde, para Margarida, a causa e o alimento de sua esplendorosa conversão.

nobreza para ir às festas e aos torneios nas casas dos senhores vizinhos.

Era o pecado coberto de sêda e de ouro, no qual de dia para dia se enleava mais profundamente, apesar das instantes e misericordiosas solicitações da graça.

Um duro golpe, uma cruel experiência, vindo projetar na alma da pecadora vivíssimas luzes do Alto, serão os únicos meios para vencer suas incessantes hesitações e a ajudarão a quebrar a corrente de ferro que a liga ao assassino de sua alma.

Ora, tendo Deus resolvido fazer brilhar as riquezas de sua infinita misericórdia nesta humilde filha do povo "mais enganada do que viciosa" (1), permitiu que um acontecimento dos mais trágicos desenredasse o escândalo mais rapidamente do que o teriam provocado outras circunstâncias.

Como no correr do ano de 1273, Guilherme de Pecora, o raptor de Margarida, penetrava um dia, numa floresta perto de Pozzuolo, acompanhado de um soberbo galgo que nunca o deixava, foi, de repente, assaltado por homens armados que lhe cravaram suas adagas no peito e esconderam seu cadáver nos galhos.

Foi o galgo que, primeiro, deu alarma à Margarida. Tendo voltado sozinho, dois dias mais tar-

(1) Obra citada, cap. III.

de, à vila Palazzi de onde seu dono tinha saído com ele, seus gritos chorosos despertaram a atenção de Margarida. Então, sob a impressão de cruéis presentimentos, foi seguindo o pobre animal e acabou descobrindo sob um carvalho da floresta e banhado em seu sangue, o corpo do gentil-homem apunhalado.

Foi neste momento trágico que toda a fé de sua infância despertou em Margarida e veio iluminá-la com suas brilhantes luzes. Dirigiu o pensamento ao nada da vida e aos justos e temíveis julgamentos de Deus! Como estaria a alma de seu sedutor e que aconteceria com a própria?...

Então diante desse cadáver, todo cheio de feridas e de sangue e desfazendo-se em podridão, ela resolveu mudar de vida e expiar as suas desordens.

E é assim que a misericórdia divina ia se manifestar nesta nova Madalena da maneira mais luminosa.

Do profundo abismo aonde esta alma tinha caído o Deus todo-poderoso e misericordioso a fez subir tão alto para os cimos resplandecentes da virtude e do amor, que um dia o Salvador em pessoa, se dignou declarar-lhe que "*entre todas as mulheres da sua época, não havia uma só que lhe fôsse mais agradável do que ela!*"

E uma outra vez, Jesus lhe disse: *Se São*

Francisco foi a primeira luz da Ordem seráfica, Santa Clara a segunda, tu serás a terceira!"

Assim a humilde terceira se admirou muitas vezes de ter sido envolvida a tal ponto pelo amor de Deus e por sua incessante solicitude:

"Senhor, exclamou ela um dia, como pode ser que Vós tenhais dirigido os vossos olhares sobre mim, que não sou senão barro e trevas, cinza e pó?"

Imediatamente, a mesma voz já ouvida por ela, lhe responde:

"Eu fui te procurar no fundo dos abismos deste mundo e te escolhi porque encontro as minhas delícias em exaltar os humildes, em justificar os pecadores, em tornar precioso o que é vil".

"Mas por que, Senhor, conceder tantos favores a uma tão miserável criatura?"

Porque eu te destinei para ser a rede dos pecadores. Quero que tu sejas a luz daqueles que estão assentados nas trevas do vício; Quero que o exemplo de tua conversão pregue a confiança aos que desesperam e que ele seja para os pecadores arrependidos o que é o orvalho da manhã para as plantas ressequidas pelos ardores do sol. Quero finalmente que os séculos vindouros estejam convencidos que Eu estou sempre pronto a abrir os braços de minha misericórdia ao filho pródigo que volta para mim na sinceridade do coração!"

E eis aqui a última palavra, nesta terra, da

incomensurável e inesgotável misericórdia do nosso Deus com relação a Margarida de Laviano, a antiga cortesã de Montepulciano:

No dia 3 de Janeiro de 1297, conta o seu biógrafo ⁽¹⁾, um anjo do céu veio preveni-la de que no dia 22 de Fevereiro seguinte, ela voaria para a morada dos eleitos onde a divina misericórdia lhe reservava um lugar de honra!

E é aí, no meio da assembléia dos anjos e dos santos, que a ilustre penitente de Cortona ⁽²⁾ repetirá durante séculos sem fim seu canto de amor e de agradecimento à glória do Eterno!

"Misericordias Domini in aeternum cantabo!"

Sl. 88.

A PALAVRA DE SANTO TOMÁS DE AQUINO.

Os fatos que precedem dão uma luz singular à palavra de Santo Tomás de Aquino, tão consoladora para aquêles que caíram, e que, tendo-se levantado aspiram ainda à santidade:

"...Se a alma tem um arrependimento verdadeiramente fervente é proporcionado ao grau de

(1) O padre Bevegnati, seu confessor o primeiro biógrafo.

(2) Morta aos 50 anos, Margarida passou mais da metade dêles em Cortona, nas lágrimas da penitência e nas efusões da caridade.

graça perdida, ela recobra êste grau de graça. Ela pode mesmo reviver a um *grau superior* se ela tem uma contrição ainda mais fervorosa.

Ela não está, portanto, obrigada a recommençar sua ascensão, mas ela continua retomando-a no ponto a que tinha chegado quando ela caiu!”

— Doutrina soberanamente consoladora que desenvolve brilhantemente o ilustre Cardeal Mercier no curso do terceiro entretenimento do seu livro: *A vida interior*, que êle dedica às almas sacerdotais (1).

Por fim, terminemos êste capítulo com um

Insistente Convite à Confiança

que o Senhor dirige, pela boca do Eclesiástico (2), aos que caíram, como também aos que se conservaram de pé:

“Vós que temeis o Senhor, esperai sua Misericórdia,

E não vos desvieis para que não caiais.

Vós que temeis o Senhor, tende fé n’Ele,

E vossa recompensa não se perderá.

Vós que temeis o Senhor, esperai a felicidade,

(1) Páginas 105 a 109.

(2) II, 7 e sg.

A alegria eterna e a misericórdia.

Considerai as nações antigas e vêde,

Quem, alguma vez, esperou em Deus e ficou confundido?

Quem perseverou fiel a seus preceitos e foi abandonado?

Quem o invocou e não recebeu senão desprêzo?

Pois o Senhor é compassivo e misericordioso!

Ele perdoa os pecados e livra no dia da aflição”.

Publicado no site
<http://www.leiturascatolicas.com/>

TERCEIRA PARTE

Capítulo I. — Objeções e Respostas

Capítulo II. — Poder e Maravilhosa Eficácia da Oração.

Capítulo III. — Além das fronteiras da eternidade: o juízo particular.

Capítulo IV. — Uma última palavra.

Oração do Bem-aventurado Padre Cláudio de La Colombière.

CAPÍTULO I

Objeções e Respostas

1.^a Objeção: AS MORTES REPENTINAS

Eis um homem que, durante toda a sua vida, serviu bem a Deus. Mas um dia, vencido por uma tentação repentina ele peca; súbitamente morre e se condena. Qual será, neste caso a misericórdia de Deus?

1.^a Resposta: A CIÊNCIA.

Seria loucura responder: Não, não temais nada! Vosso passado responde pela vossa eternidade! Se vós caís no pecado mortal, estai certos de que vós vos levantareis e que, por conseguinte, vos salvareis!

Semelhante linguagem é inadmissível e inteiramente condenável. Falar assim seria abrir a porta a inumeráveis abusos e favorecer não a salvação das almas, mas sua perda eterna!

Nosso Divino Salvador não disse, com efeito:

“Vigiai e orai, pois não sabeis nem o dia nem a hora?” E ainda: “Eu virei como um ladrão vos pedir vossa alma!”

E sob a pena do grande Apóstolo não se acha esta frase aterradora que, com o maior empenho grita aos temerários: “Castigo o meu corpo e o reduzo à servidão a fim de que depois de ter pregado aos outros, não me torne eu mesmo um reprovado” (1).

Mas, feitas estas reservas, confiemo-nos à insondável Misericórdia de nosso Deus e não deixemos de rezar com confiança e perseverança, por estas almas, cuja sorte nos parece incerta. Pois, quem já sondou os abismos da misericórdia divina? Quem sabe o que se passou no momento da morte entre a alma e Deus? Rezemos, então e esperemos. Porque, sempre nos ficará a esperança de um “Talvez”, de um “Quem sabe” profundo como a Misericórdia de Deus!

No dia 14 de Novembro de 1934, *A Semana de Averbode* publicava sobre este grave assunto um artigo, cujos preliminares aqui vão:

Segundo os trabalhos publicados pelo *Boletim da sociedade médica de São Lucas*, o *Boletim da associação dos farmacêuticos católicos* publicou sobre “a Hora da morte”, um estudo que não deixará de interessar os nossos leitores: A morte é a separação da alma e do corpo, mas ninguém

(1) I Cor., IX, 27.

pode saber, nem os teólogos, nem os médicos, nem os fisiólogos, em que momento preciso se efetua essa separação. Tudo leva a crer entretanto que esta separação não coincide com o instante em que a circulação e a respiração param, e menos ainda com o momento em que o sujeito cessa de estar em relação visível com o mundo exterior, mas que ela é *muito posterior a este momento*.

PRIMEIRO PONTO. — A libertação da alma não se dá certamente no momento em que a respiração e a circulação param, porque se assim fôsse, esta separação se efetuariam em todos os casos de síncope (síncope clorofórmica, por exemplo) ou de asfixia (afogados, óxido, injeção intracardiaca de adrenalina); no primeiro caso, manobras de respiração artificial com oxigênio sob pressão, praticadas às vezes durante trinta, sessenta e oitenta minutos restituem o sujeito à vida.

Entretanto não foi “resuscitado”, isto é não se revocou sua alma para seu corpo. Portanto, sua alma estava ainda aí, e entretanto para os olhos humanos, durante uma hora e meia, o indivíduo estava morto.

SEGUNDO PONTO. — Uma coisa igualmente certa, é que a impossibilidade de entrar em relações com o mundo exterior não é, de modo nenhum uma prova de que as funções cerebrais (a inteligência, o raciocínio, a consciência) tenham desaparecido.

Sabe-se, pelo contrário, por exemplos múltiplos, fundando-se sobre o que têm contado indivíduos que se acharam em estado de morte aparente e em seguida voltaram à vida, que, durante um período todo, eles ouviam e compreendiam o que se dizia ao redor deles, sem poder, de modo algum, manifestar nem por um movimento, nem mesmo por um simples gesto que eles percebiam e compreendiam as conversações.

Apliquemos estes dados aos dois casos seguintes:

morte súbita por síncope;

suicídio produzindo imediato estado de coma, com morte no fim de algumas horas.

PRIMEIRO CASO. — Por quanto instantânea pareça a morte, pode restar um tempo suficiente para voltar a si e fazer um ato de contrição perfeita.

SEGUNDO CASO. — Durante os minutos, as horas que passam entre o atentado e a morte, nada permite afirmar que toda a consciência interna estava extinta.

Estas considerações justificam largamente a precaução materna da Igreja, que, nestes casos ou outros semelhantes, autoriza a administração da extrema-unção pelo espaço de uma hora depois do último suspiro, e a absolvição sob condição.

Mesmo sem ter tido êstes socorros, os defuntos que tiveram uma morte subitânea, podem ter tido o tempo e a possibilidade de dirigir o pensamento para Deus, num impulso supremo de arrependimento e de confiança. Por isto é que não se deve nunca desesperar da salvação de qualquer pessoa, e quando nos achamos diante de uma morte súbita, não devemos hesitar em chamar imediatamente o Sacerdote.

Mas é coisa bem clara, se a morte súbita pode deixar lugar a um trabalho da consciência, seria de per si uma presunção contar com esta possibilidade, que não é uma certeza.

Publicado no site

<http://www.leiturascatolicas.com/>

2.^a Resposta:

O PODER E A MISERICÓRDIA DE DEUS (1)

A graça triunfa do inferno até às portas da morte.

“Muitos virão do Oriente e do Ocidente e terão lugar no reino dos céus ao lado de Abraão, de Isac e de Jacó!” (Mat VIII, 11).

Estas palavras consoladoras de Jesus Cristo dão muito crédito ao que diz o Abade Garriguet em seu belo livro: *Le bon Dieu* (2).

“A graça da justificação não tem necessidade senão de um instante para cumprir sua obra. É suficiente que a vontade lhe dê franca e sinceramente uma muito rápida adesão. Esta adesão de um momento imperceptível foi dada e trocou em justos, pecadores com suas contas muito atrasadas para com Deus, e êstes pecadores se salvaram!

...Ninguém, com efeito, está autorizado a dizer, porque, ninguém o sabe: “Aquêle está certamente condenado”. É preciso ter em vista a infinita misericórdia de Deus, com a sua paternal ter-

(1) Ver na primeira página desta obra a carta-prefácio do Cardeal Mercier.

(2) *Le bon Dieu*, ensaio teológico sobre a infinita misericórdia divina pelo Pe. Garriguet, antigo superior do Grande Seminário, casa de Bloud e Gai, Paris.

nura para com seus filhos, ainda que culpados, com as graças vitoriosas da última hora!”

Guardemos-nos então de desesperar da salvação de qualquer pessoa, embora o defunto tivesse sido o maior criminoso e o maior dos ímpios.

PIO XI.

Conta-se na vida de Pio XI, que gostava de ler os jornais francêses, que um dia, num artigo de Abel Poujoulat, achou esta frase: “Do fundo do inferno, que deve pensar Nero?...” No dia seguinte, tendo recebido em audiência um jornalista francês: “Perguntai pois, lhe disse, a meu amigo Poujoulat, com que direito colocou Nero no inferno?”

DOM BOSCO.

Chamado, um dia, ao pé de um pecador moribundo, que desesperava da própria salvação, São João Bosco, conversando com êle, procurava o caminho para penetrar nessa alma a quem sua própria decadência espantava. Ora, como o moribundo se tinha pôsto a falar de Voltaire pondo-o no número dos condenados, Dom Bosco o repreendeu lo-

go e lhe disse que o céu era acessível aos pecadores mais inveterados, contanto que, pelo menos, se arrependam sinceramente no último instante de sua morte. “Não será talvez o caso, concluiu o Sacerdote, daquele que vós já pusestes no inferno?” — Esta declaração inesperada do homem de Deus inspirou confiança no moribundo e pediu confissão!

SÃO FRANCISCO DE SALES.

“São Francisco de Sales não queria nunca, diz o Bispo de Belley, que se desesperasse da resipiscência do pecador até o último suspiro, dizendo que esta vida era o caminho de nossa peregrinação na qual os que estavam de pé podiam cair, e aquêles que caíam, por meio da graça, se podiam levantar e, como os gigantes da Fábula se levantavam algumas vezes, mais fortes depois de sua queda, superabundando a graça onde o pecado tinha abundado.

“Êle ia mais longe; porque, mesmo depois da morte, não queria que se julgasse mal daqueles que tinham levado uma vida má, exceto daqueles de cuja condenação somos certificados pela verdade das divinas Escrituras. Fora disto êle não queria que se entrasse no segrêdo de Deus que Êle reservou à sua sabedoria e a seu poder.

“A razão principal da atitude do ilustre Doutor nesta grave questão vale a pena ser lembrada: “Como a primeira graça da justificação não cai sob o merecimento de obra alguma que a preceda, dizia o sábio Bispo, assim a última graça que é a da perseverança final, não se dá ao mérito”. Ora, quem é aquêle que já conheceu o sentir do Senhor, já foi seu conselheiro? Esta razão fazia com que, mesmo depois do último suspiro, o santo queria que se esperasse favoravelmente da pessoa morta, por mais desagradável que fôsse a morte pela qual passou a outra vida, porque nós não podemos formar senão conjecturas muito incertas, estando fundadas sôbre o exterior, sôbre as quais os mais atilados se podem enganar” (1).

Doutrina consoladora que será ainda ilustrada pelos fatos seguintes:

O DUQUE DE NEMOURS.

Num mosteiro da Visitação, no tempo da Madre de Chantal (2), havia uma humilde e santa

(1) Extraído de um opúsculo intitulado: “*Que não se deve nunca desesperar da salvação dos defuntos*”, publicado em Montligeon em 1898 e assinado pelo Pe. J. GIRARD, vigário geral do Bispo de Séz.

(2) Santa Joana Francisca de Chantal (1572-1641).

religiosa, já célebre anteriormente na côrte por sua beleza e mais tarde no claustro por suas orações perpétuas e suas penitências. Chamava-se Maria Dionísia de Martignat. Ora, teve ela um dia a revelação que aqui vai:

Carlos Amadeu, duque de Nemours, que ela conheceu outrora na côrte de Savoia, tendo-se batido em duelo com seu cunhado, o duque de Beaufort, foi morto com três balas de pistola. Isso causou a desolação de tôda a Savoia. Ora, na manhã do dia em que houve êste triste duelo, a irmã de Martignat veio tôda banhada em lágrimas atirar-se aos joelhos de sua Superiora dizendo-lhe: “Minha Mãe, venho dizer-vos que o duque de Nemours se bateu em duelo e foi morto no ato. Mas não temais nada, porque, no instante que precedeu sua morte, teve o tempo de elevar a sua alma a Deus e de obter o seu perdão! Está no purgatório; mas tão em baixo, infelizmente! quem o retirará de lá?”

E, como a Superiora hesitava em acreditar na salvação dessa alma: “Ah! dizia a irmã de Martignat, não teve senão um momento, para cooperar com a luz de Deus, mas êle o fêz!” E ela acrescentava: “Não foi sua atenção a Deus que pôde lhe atrair do céu êste precioso momento de graça; é um efeito da comunhão dos santos pela participação que êle teve às orações que se fizeram por êle. A onipotência divina deixou-se amorosamente

enternecer por alguma boa alma e praticou êste rasgo *acima das leis ordinárias de seu santo modo de proceder*" (1).

2. — A MÃE DO PADRE HERMANN

Tendo permanecido judia, apesar dos pedidos e instâncias reiteradas de seu filho, a mãe do padre Hermann morreu, ao menos aparentemente, numa obstinação completa.

Angustiado, o pobre padre foi um dia confiar sua aflição ao Santo Cura d'Ars. Foi ótimo o resultado! Pois o homem de Deus lhe assegurou logo e lhe disse que um dia, na festa da Imaculada Conceição, lhe seria entregue uma carta que lhe daria grandes consolações. Era mais do que se precisava para acalmar as inquietações do humilde religioso e enchê-lo de alegria.

Ora, seis anos mais tarde, no dia 8 de Dezembro de 1861, um padre da Companhia de Jesus veio lhe entregar a carta anunciada por São Vianney. Tinha-lhe sido enviada por uma santa religiosa, que morreu um pouco mais tarde em odor de santidade.

A leitura dêste precioso documento fez saber

(1) *Tudo por Jesus*, pelo Pe. Faber, cap. IX, art. 8, pág. 519.

ao Padre Hermann que foi no último segundo que a separava ainda da eternidade que sua mãe se convertera e que ela devia esta graça insigne à comovedora intervenção da Mãe de Deus! Foi sob o ditado de Jesus mesmo que esta alma privilegiada escreveu a relação dêste favor extraordinário.

Respondendo desde logo à curiosidade de uma amiga de sua confidente a respeito da salvação eterna da mãe do Pe. Hermann, Jesus lhe disse:

“Porque Ana quer sempre sondar os segredos de Minha Justiça e procura penetrar mistérios que ela não pode compreender? Dize-lhe que Eu não devo Minha graça a ninguém, que eu a dou a quem Me apraz e que assim fazendo, não deixo de ser justo e de ser a mesma justiça. Mas que ela saiba também que, antes de faltar às promessas que tenho feito à oração eu revolveria o céu e a terra, e que toda a oração que tem por objeto a minha glória e a salvação das almas é sempre ouvida quando é revestida das qualidades necessárias”.

Em seguida Jesus acrescentou: “E para dar uma prova desta verdade, quero te fazer conhecer o que se passou no momento da morte da mãe do Pe. Hermann”.

Então o meu Jesus me esclareceu com um raio de sua divina luz e me fez conhecer, ou antes me fez ver n'Ele o que eu quero tentar expor:

“No momento em que a mãe do Pe. Hermann

estava a ponto de dar o último suspiro, quando ela parecia sem conhecimento e quase sem vida, Maria, nossa boa Mãe, se apresentou diante de seu divino Filho, e prosternando-se a seus pés, lhe disse: "Graça, piedade, ó meu Filho, para esta alma que vai perecer! Ainda um instante e ela estará perdida, perdida para a eternidade! Fazei, eu Vos suplico, pela mãe de meu servo Hermann, o que Vós querieis que ele fizesse pela vossa se ela estivesse em seu lugar e vós estivésseis no dêle. A alma de sua mãe é o seu bem mais querido; mil vezes ele m'a consagrou; ele a confiou à ternura e à solicitude de meu Coração. Poderia eu tolerar que ela pereça? Não, esta alma é minha propriedade; eu a quero, eu a reclamo como uma herança, como o preço de vosso sangue e de minhas dores ao pé da cruz!"

"Logo que a divina Suplicante tinha cessado de falar, uma graça forte, poderosa saiu da Fonte de todas as graças, do Coração adorável de nosso Salvador e veio iluminar a alma da pobre Judia e triunfar instantaneamente de sua obstinação e de suas resistências. Esta alma se voltou imediatamente com uma amorosa confiança para Aquêlê cuja Misericórdia a perseguia até entre os braços da morte e Lhe disse: "Ó Jesus, Deus dos Cristãos, Deus que meu filho adora, eu creio, eu espero em Vós, tende piedade de mim!"

... "Depois de me ter mostrado tôdas estas coisas, Nosso Senhor acrescentou: "Dá a conhecer isto ao Pe. Hermann; é uma consolação que eu quero conceder a seus longos sofrimentos, afim de que ele abençoe e faça abençoar em tôda a parte a bondade do Coração de Minha Mãe e seu poder sobre o Meu".

— Numa outra circunstância, o mesmo Santo Cura d'Ars fez à viuva de um suicida esta estupenda e tão consoladora revelação: "Entre o parapeito e a água, vosso marido teve o tempo de fazer um ato de contrição perfeita. Esta graça foi devida a um resto de devoção à Santa Virgem, devoção que o levava a trazer flores todos os sábados do mês de maio para ornar o altar que vós tínheis erguido em vossa casa a Nossa Senhora. Ele está salvo! Mas está no purgatório. Rezemos por ele".

ADVERTÊNCIA.

É necessário lembrar, terminando estas citações, que são fatos *extraordinários* os quais derrogam a ordem *ordinária* da Providência de Deus: no curso ordinário das coisas Ele quer que só uma *boa vida* produza uma *boa morte*. Por conseguinte os que contassem com estas ab-rogações milagrosas à Lei divina para ousar ir ao encontro da morte sem estar preparados para receber a sua visita, seriam loucamente temerários.

2.^a Objeção:

OS PECADOS CONTRA O ESPÍRITO SANTO

Que pensar do texto seguinte tirado de São Mateus (XII, 32) relativo aos PECADOS CONTRA O ESPÍRITO SANTO? "Eu vo-lo declaro, os pecados cometidos contra o Espírito Santo não serão perdoados nem neste mundo nem no outro!" (1)

RESPOSTA

Para bem apreciar o alcance destas palavras, é preciso lembrar as circunstâncias nas quais foram pronunciadas. O Salvador acabava de expulsar o demônio do corpo de um possesso, e os Fariseus, em vez de reconhecer neste fato uma prova da divindade de Sua Missão, atribuíam êste prodígio ao próprio demônio, embora soubessem perfeitamente que não podia ser assim. O pecado que Jesus Cristo tem em vista é pois o que consiste em obstinar-se *volutária e deliberadamente*, a fechar *teimosamente* os olhos diante das provas mais evidentes, e a não querer ouvir os avisos mais urgentes.

Ora, os pecados "que consistem precisamente em resistir à ação da graça que deve converter o pecador não podem naturalmente ser perdoados, assim como uma doença que não permite tomar

(1) Mat. XII, 32.

remédios, ou que anula o efeito dos remédios empregados, não é susceptível de cura".

O Salvador não nega, aliás, a *possibilidade* de remissão dêste pecado, mas nega *sòmente o fato*, seja que êle preveja que os Fariseus que o cometem resistirão até o fim às inspirações da graça, seja porque êste pecado só raramente e com dificuldade é perdoado. "Quanto ao resto, deve-se notar que, de conformidade com a linguagem oriental, é preciso olhar como coisa que não acontece nunca o que se faz dificilmente, e, por isso raramente" (1).

Eis aqui, com efeito, um exemplo de linguagem análoga à de que se serve Jesus para estigmatizar aquêles que pecam contra o Espírito Santo. — Fazendo alusão ao procedimento do jovem rico, que recusou segui-lo, Jesus pronuncia então uma espécie de anátema contra os ricos, dizendo que "é mais difícil a um rico entrar no céu, que a um camelo passar pelo fundo de uma agulha!" (2).

Ora, por um lado, como nada nos autoriza a tomar de outra maneira, a não ser ao pé da letra (3) esta palavra do divino Mestre, e vendo, por ou-

(1) V. CANTINEAU, *Curso de Religião*, III parte, Art. X § 294, Casterman, Editôres, Tournai.

(2) Luc. XVIII, 25.

(3) Os comentadores modernos abandonaram a história da "porta da agulha" de que se serviram outrora os exegetas para explicar esta palavra do Salvador.

tro lado, o grande número de ricos realizando valorosamente a conquista do céu, e alcançando até as honras da canonização, somos forçados, aliás com grande satisfação nossa, a interpretar no sentido hiperbólico esta passagem do Santo Evangelho. Se, portanto, relativamente à famosa carga contra os ricos, somos rigorosamente obrigados, para ficar no domínio da verdade, a explicá-la da maneira que acabamos de indicar, não seremos menos obrigados, para precisar o pensamento do Salvador na questão dos pecados contra o Espírito Santo, a apelar à regra de interpretação que nos serviu de guia no primeiro caso. Isto é, que é preciso interpretar as Sagradas Escrituras segundo os tempos, os lugares e as personagens. Lembremos então que estamos no Oriente, país das hipérboles. Jesus fala a Orientais. Ele adota sua linguagem, e êstes sabem disto tão bem, êles compreendem tão perfeitamente que o Mestre não tem absolutamente a intenção de fechar o céu a todos os ricos indistintamente, e nem a todos aqueles que pecaram contra o Espírito Santo sem exceção que ninguém dentre seus ouvintes nem sequer pensa em reclamar contra êste exclusivismo desconcertante. Nem mesmo pensam em solicitar, ainda que tímidamente, alguma explicação, como teria sido muito natural que o fizessem, se tivessem tomado no sentido literal a palavra do Mestre.

“De qualquer maneira, o fato da não remissão de tal pecado, não tem, de modo algum, como causa, o defeito de *poder* na Igreja para o reemitir, mas sim a *vontade* do pecador que recusa cumprir as condições necessárias para a remissão de seu pecado” (1).

É preciso então concluir que os que *querem* converter-se — sejam quais forem aliás a natureza, o número, a enormidade de seus pecados — não são objeto da ameaça divina mencionada por São Mateus (2). As palavras seguintes do Salvador, não deixam, com efeito, dúvida alguma a êste respeito: “Tudo aquilo que vós desligardes sobre a terra será desligado no céu!” (3) “Os pecados serão perdoados àqueles a quem vós os perdoardes!” (4).

(1) CANTINEAU, Obra citada.

(2) Mat. XII, 32.

(3) Mat. XVIII, 18.

(4) Mat. XXII, 31, 32.

3.^a Objeção:

AS DIFICULDADES DA PERSEVERANÇA

Na hipótese, eis-me convertido, dirá alguém. Mas não foi dito tudo. É preciso PERSEVERAR. Ora, para lembrar a palavra de São Paulo: "Eu sinto em mim uma lei que não é a lei do espírito e que me leva a fazer o mal que eu não quero!" (1) — Como, efetivamente, resistir à força das paixões depois de a elas se ter entregue tão longo tempo? Como fazer violência a uma carne cujas excitações se ressentem tão fortemente da licença que eu lhe dei até agora? Elas chegam com efeito a me cegar a tal ponto que eu esqueço, num instante, todo o monte de minhas resoluções mais sinceras e mais enérgicas. Ainda mais: elas me escondem mesmo, às vezes completamente a vista impressionante das verdades eternas e o espetáculo tão sugestivo da paixão do Salvador?

Antes de responder a esta importante objeção, nós a resumimos. Ela quer dizer efetivamente: "Eu não sou mais que fraqueza e miséria e me sinto incapaz de me vencer. Eu sinto ferver em mim paixões violentas (2) que são como as águas turvas de um rio engrossado pela borrasca e cujas

(1) "Video autem aliam legem in membris meis, repugnantem legi mentis meae, et captivantem me in lege peccati, quae est in membris meis" (Rom VII, 23).

(2) Lêde a êste respeito a Obra de Adolfo Retté: *Quando o espírito sopra*. Aí admirareis ao mesmo tempo o trabalho e os efeitos surpreendentes da graça nas almas firmemente resolvidas de voltar a Deus. (Paris, Messein, editor).

ondas impetuosas me arrastam irresistivelmente para o abismo...

RESPOSTA

Falar assim, é desconhecer o poder da graça, é renovar erros condenados há muito tempo pela Igreja.

É ou não é sincera vossa resolução de vos converter e de perseverar?

Com toda a certeza.

— Desde que é assim, que razão teríeis de vos excluir do número dos fiéis aos quais se dirige o Apóstolo São Paulo na sua primeira carta aos Coríntios: "*Deus que é fiel, não permitirá nunca que vós sejais tentados além de vossas forças*" (1).

Santo Tomás, com efeito, aplica êsse texto a todos os homens sem exceção. "Deus, acrescenta o Anjo da escola, não seria fiel, se êle não nos concedesse por quanto dêle depende, as graças de que temos necessidade para chegar à salvação" (2).

(1) "Fidelis autem Deus est qui non patietur vos tentari supra id quod potestis; sed faciet etiam cum tentatione proventum, ut possitis sustinere" (I Cor X, 13).

(2) "Non autem videretur esse fidelis Deus, si nobis deneget, quantum in ipso est, ea per quae pervenire ad Eum possemus" (In I Cor. I lect. I).

Ora, se vós credes em Deus, não deveis distinguir entre umas e outras de suas palavras. Pois Deus é igualmente digno de fé em tudo aquilo que nos diz.

Entretanto, se vós objetais que, apesar dos vossos esforços, vossas precauções, vossa prudência, tendes tido desvantagem mil vezes nos combates contra vossas paixões, deveis procurar somente em vós ⁽¹⁾ a causa e a razão de vossas quedas ⁽²⁾, não podendo nunca a palavra de Deus achar-se em falta ⁽³⁾.

Por conseguinte *se vós o quereis*, a salvação está ao alcance de vossa mão!

(1) Todavia, sem nunca desanimar.

(2) Tais a força do hábito e a negligência na prática dos meios de perseverança: A oração, o uso freqüente dos sacramentos, a mortificação, a fuga das ocasiões: condição indispensável para o êxito dos vossos esforços, pois "aquêlê que se expõe ao perigo perecerá" (Ecl III, 27).

(3) "Coelum et terra transibunt, verba autem mea non transibunt" (Luc XXI, 33).

CAPÍTULO II

Poder e Eficácia maravilhosa da Oração

A eficácia da oração depende do poder e da bondade de Deus. Ora, o braço de Deus não ficou mais curto e sua bondade não é menor do que o foi nos melhores dias dos grandes favores que Deus fez ao povo Hebreu, e durante os anos que Jesus passou sobre a terra, tão fecundos de milagres.

Por isso é que, quando peço a Deus coisas necessárias ou úteis à minha salvação, Deus que é Pai e Pai com o coração de uma bondade sem limites, sente-se obrigado, por Si mesmo a atender às orações de seu filho e de pôr logo à disposição desta inefável Bondade os recursos inesgotáveis de seu Infinito Poder. Por que, então duvidar da eficácia de nossas orações?...

Entretanto, se os motivos de confiança que acabamos de lembrar nos escapam ainda, peçamos humildemente ao Espírito Santo que no-os faça compreender melhor, concedendo-nos numa medida mais larga o dom da Inteligência (*intus legere*).

Se pois Deus, só com estender o seu braço, pode nos socorrer, como Jesus fêz outrora no mar de Tiberíades para retirar Pedro do abismo (1), porque não nos havia de atender se nossas orações são revestidas das qualidades que as tornarão eficazes: fé, humildade, confiança e perseverança?

O mais das vêzes, o que nos falta, é uma fé firme, uma confiança que nada abala. Aqui ainda, peçamos a Deus que providencie com a sua graça para preencher esta lacuna. Como os Apóstolos, digamos-Lhe do fundo do coração: "Senhor, aumentai a minha fé" (2) e, com certeza, é nossa a vitória!

Sem dúvida, as tentações que vos assaltam são superiores às vossas forças *naturais* (3), mas não às que são prometidas à oração humilde e perseverante (4).

Deus poderia, com efeito, impor-vos uma lei sem vos pôr em condições de podê-la cumprir? "De modo nenhum, responde Santo Tomás, pois

(1) Mat. XIV, 28-31.

(2) Domine, adauge nobis fidem! (Luc XVII, 5).

(3) "Sine me nihil potestis facere". Sem mim, diz Jesus, vós não podeis fazer nada (Jo XV, 5). Não porfieiis então em querer achar só em vós, isto é, só em vossa boa vontade, o segredo da vitória. O sobrenatural a palavra o indica — deve vir do Alto.

(4) "Deus nos dá certos mandamentos superiores às nossas forças, diz Santo Agostinho, para que nós saibamos o que devemos pedir" (De Gr. et Lib. Arb. c. XVI).

Deus nunca deixa de fazer o que é necessário à salvação de suas criaturas" (1).

Se portanto sentis em vós a violência do combate, oprimido como estais por um sensualismo que vos atormenta e vos humilha sem trégua e sem sossêgo, pelo menos tendes à vossa disposição, para vos defender e, afinal, para triunfar, a arma vitoriosa da oração, à qual Deus prometeu solenemente outorgar o bom êxito. — "*Procurai, diz Jesus Cristo, e achareis*". — "Batei e se vos abrirá". — "Pedi e recebereis". (2). Crede que tudo aquilo que pedirdes a Deus na oração vos será dado" (3). Agora, reparai na expressão empregada pelo Salvador: "*Tudo aquilo que...*" "Não há *nenhuma* exceção" (4). É portanto a certeza do bom resultado, a despeito de todos os ataques, de tôdas

(1) "Deus non deficit ab agendo quod est necessarium ad salutem", 1.^a q. 49, a. 2. E isto mesmo em favor das almas que mais abusaram de suas graças, contanto que, daí por diante, renunciem resolutamente ao pecado, assim como nós nos esforçamos estabelecê-lo no curso destas páginas.

(2) Mat. VII, 7 e Luc. XI, 9.

(3) "Onia quaecumque orantes petitis credite quia accipietis et eveniet vobis". (Marc XI, 24. — Mat XXI, 22. — Jo XIV, 13 e 15, 7, — 1.^a Jo III, 22).

(4) Já antigamente no A. T., o Espírito Santo, pela bôca de seus profetas nos dá esta consoladora certeza: "Et invoca me in die tribulationis, eruam te". — "E no dia da tribulação invoca-me e te livrarei" (Sl 49). — "Clama ad me et exaudiam te". "Levanta a tua voz para mim e te ouvirei" (Jer XXXIII, 3).

as violências de vossos inimigos, certeza que entusiasmava São Paulo até o ponto de lhe fazer cantar antecipadamente os seus triunfos: "Eu sou capaz de tôdas as vitórias, exclamava êle, por Aquêlê que me fortalece!" (1).

Assim pois, quando nós rogamos a Deus e pedimos-Lhe favores de conformidade com a nossa salvação, *devemos ter confiança* que Deus nos ouvirá. — Por que esta confiança? — Jesus Cristo mais especialmente em duas passagens do Evangelho (2) nos diz o motivo disto: porque *Deus é Pai*. E é dizer tudo. É possível que um pai não *queira* a felicidade de seu filho? E se êste lhe pede pão, lhe apresentará Êle uma pedra? Ora, se os homens, mesmo maus não fazem isto com relação a seus filhos, mas sabem lhes dar coisas boas, com quanto mais de razão Deus, que é *vosso Pai*, vos dará o que é bom quando o pedirdes.

Estas boas coisas, que Deus vos dará, são graças, é a graça da vossa conversão, do vosso perdão é ainda e sobretudo a de vossa perseverança e de vossa salvação eterna. Ora, vós que orais, poderíeis suspeitar que Deus seja menos bom que os homens? Seria fazer injúria à bondade, ao amor

(1) Flp IV, 3. — Para a alma instruída desta verdade, o futuro não tem mais nada que a possa atemorizar.

(2) Mat. VII, 9. — Id. XII, II.

que dimanam com tôda naturalidade de sua Paternidade.

Não invoqueis, aliás, para excusar vossos temores e vossas desconfianças, o número e a enormidade de vossas faltas. Porque, ainda uma vez *Deus é Pai e Pai* com tôda a força, com tôda a beleza da palavra e Pai, muito mais, infinitamente mais terno do que o mais terno dos pais, tivésseis que ajuntar a essa ternura humana tôda a ternura das mães! E como tal, Deus não faz acepção de ninguém. Os pecadores têm, como justos, livre acesso ao pé d'Êle!

Lembra-vos, com efeito, dos sentimentos que animaram o Coração do Pai do filho pródigo, quando êste voltou a atirar-se em seus braços!... E êstes sentimentos não têm nada que se lhes compare; nem na terra, nem mesmo no céu.

O procedimento de Deus nesta circunstância — pois é exatamente a Êle, que aqui, Jesus põe em cena — ultrapassa toda imaginação. — A oração do Pródigo é apenas principiada, e, já seu pai o levantou do chão aonde se tinha prostrado, para o tomar em seus braços e apertá-lo fortemente contra seu Coração!...

Vós sois êste Pródigo e Deus será para vós aquêlê Pai, não duvideis disto, Êle o disse, êle o prometeu formalmente. Palavra de Deus, palavra infalível!

A respeito do fácil e poderoso meio da oração, Santo Afonso de Ligório, afirma que *Deus dá a todos os homens a graça de rezar, se eles o quizerem; não se precisa para isto senão da graça suficiente que é comum a todos* (1). Ora o santo Doutor prova peremptoriamente sua proposição no curso da obra citada, apoiando-se sobre a Sagrada Escritura, o Concílio de Trento (2) e os Santos Padres (3).

Na conclusão do seu tratado, santo Afonso diz que ele quis mostrar aos pecadores a inanidade desta escusa tantas vezes alegada: “Eu não tenho a força de resistir aos assaltos de que sou vítima da parte dos sentidos e do inferno” e conclui sua argumentação com este vibrante apêlo ao gran-

(1) Cf. Santo Afonso, Obras completas. Part. Asc. I, III, cap. IV.

(2) Contra o erro daqueles que negam o livre arbítrio, o Santo Concílio pronunciou a sentença seguinte, tirada de Santo Agostinho: “Deus não manda nada impossível; mas, dando-nos a sua Lei, nos adverte que façamos o que pudermos e peçamos o que nós não podemos; e Ele torna-nos tudo possível com o auxílio de sua graça” (De nat. et Grat. c. 43).

(3) Citemos ainda Santo Agostinho: “Ninguém está na impossibilidade de rezar com fruto” (De Lib. Arb. L. 3, cap. X). — “Que se ensina aqui? senão que Aquêlê que nos ordena que reze-mos, que procuremos, que batamos, nos dá também a faculdade de o fazer? (Ad simpl. L. I, q. 2). — “Uma vez por tôdas, ouvi e compreendei isto: Não vos sentis ainda atraído? Rezai a fim de que o sejais” (In Joa. Tr. 26).

de dever da oração: “*Rezai, rezai e não vos canseis nunca de rezar; pois, se vós rezardes, vossa salvação está assegurada!*”

Poderíeis ouvir afirmação mais categórica? — Ora, que é que dava então ao grande Doutor tanta afoiteza e firmeza em sua declaração? Duas coisas: 1.º a promessa formal de Jesus Cristo relativa à eficácia da oração e 2.º sua grande experiência das almas.

Por conseguinte, estivesse eu oprimido por tôdas as misérias e, — apesar da firmeza de minhas resoluções — escravo do pecado desde longos anos, sempre me levantaria com nova coragem, e, a despeito de tôdas as minhas recaídas, por quanto fôsem profundas e lastimáveis, *ninguém*, nem doutor, nem anjo, nem homem algum poderia me arrancar do coração a *certeza* da vitória definitiva — remota ou próxima — que me dão as promessas tão formais e tão consoladoras de Nosso Senhor Jesus Cristo, a Infalível Verdade. Pois Ele o disse, Ele, Jesus: “*O céu e a terra passarão, mas não passarão as minhas palavras!*” (1).

Eu sei também que Deus tem piedade dos corações contritos: “*Cor contritum et humiliatum Deus non despiciet!*” (Ps. 50) e que a oração da

(1) “*Coelum et terra transibunt: verba autem mea non transibunt*” (Marc XIII, 31).

alma humilde atravessa as nuvens: "Oratio humilientis se nubes penetrabit!" (1).

UM EXEMPLO COMOVEDOR

Lembraí-vos da história da *Hemorroíssa* do *Evangelho*. Esta mulher está doente desde muitos anos. Consultou tôdas as autoridades médicas. Sacrificou sua fortuna na esperança de recobrar sua saúde. Trabalho perdido! — Ele está daí por diante sem esperança e sem recursos...

Entretanto, Jesus aparece. Contam-se d'Ele coisas milagrosas. A *Hemorroíssa* toma informações. Ela se instrui, ela crê que uma virtude divina emana dêste homem que abriga um Deus! Ela o verá, o tocará, será curada!

Nenhuma dúvida, nenhuma falha em sua fé profunda.

Ora, eis aí Jesus... A multidão o rodeia, o aperta de todós os lados. "Ah! se, pelo menos chegar a lhe tocar a fímbria de seu vestido, serei curada!..." "Então, resolutamente atravessa a multidão, adianta-se ainda, é afastada e ela volta, sua fé lhe dá forças e a transporta. Ainda um passo, um esforço e estará ao pé do Taumaturgo! — Um últi-

(1) Ecl XXXV, 21).

mo esforço, e eis que invadida por uma emoção indescrevível, ela estende a mão e toca a extremidade de seu vestido. Mais uma vez, depois de milhares de outras, saiu de Jesus uma virtude divina! A *Hemorroíssa* está radicalmente curada!...

Jesus se vira: "Quem me tocou?"

— "*Mas são todos, Senhor exclamam admirados, os apóstolos, apontando para a multidão.*

— "*Não, disse Jesus, alguém me tocou de um modo diferente dos outros. Eu o percebi pela virtude divina que acaba de sair de mim!*"

A Favorecida está aí tremendo, aos pés do Mestre.

O Salvador vê seu embaraço: "Mulher, lhe disse então Jesus, com sua bondade habitual, nada receies. Tua fé te salvou!" (1).

E vós leitor, que tocais não sòmente a franja ou o vestido de Jesus, mas que comeis a sua Carne Imaculada, como não poderíeis vós contar com a graça que solicitais e com o milagre de que precisais?

Tocai-O então, vós também, mas tocai-O *de um modo diferente* daquele com que o tocaram os outros, isto é crede *firmemente* e ficareis curado de vossas enfermidades espirituais, quaisquer que elas sejam! ...

(1) Marc V, 25-34.

E então Jesus olhando-vos como Ele olhou a Hemorroíssa, vos dirá com bondade: "Respice, fili, fides tua te salvum fecit. — Vê, meu filho, tua fé te salvou!"

Por isso é que diante de todos e contra todos — e contra mim mesmo, se fôsse preciso — eu cantarei no meu coração e em minha alma com todo o entusiasmo de minha fé o *Credo* que me ditou Jesus, e que com seus dedos divinos o próprio Espírito Santo gravou com caracteres inapagáveis no Santo Evangelho! Credo! Credo!

Então, como recompensa de minha fé, Deus fará por mim também o que Ele fez outrora para os Hebreus apesar de terem coração tão ingrato e alma impenetrável: "*Ele virá diante de mim, tirar-me-á de minha solidão e de meu abandono. Ele me guardará desde então como a menina de Seus Olhos*; e como a águia o faz para seus filhinhos, Ele me excitará a tomar o meu vôo para as alturas. E se, na desconfiança de minha fraqueza, e ao lembrar-me de minha indignidade, eu recusar segui-Lo, Ele me tomará sobre Suas Asas e me levará consigo. Depois, tendo-me colocado numa terra excelente, Ele me nutrirá com o mel de Sua graça e me dará para beber a água deliciosa de Suas divinas consolações" (1).

(1) Deut. XXXII, 19 ss.

CAPÍTULO III

Além das Fronteiras da Eternidade, O Juízo Particular

Nós morreremos, seremos julgados logo depois de nossa morte. "Post hoc autem, judicium" (1). É claro. Nós o sabemos. Também sabemos que é a Deus mesmo que deveremos responder a respeito de nossa vida, a Deus que tudo sabe, que tudo viu e a quem ninguém poderá enganar!

Sabemos também que a sentença que se pronunciará será em função de nossas obras e será caracterizada pela mais rigorosa justiça! Tanto melhor para os justos, tanto pior para os pecadores!

Nada como a lembrança desta verdade será certamente capaz, como o afirma o Espírito Santo (2), de nos reter no declínio do mal e de nos servir ao mesmo tempo de estímulo, — e quanto eficaz! — no trabalho de nossa santificação!

(1) Hbr. IX, 27.

(2) "In omnibus operibus tuis, memorare novissima tua et in aeternum non peccabis" (Ecl VII, 40).

Mas se o pensamento do juízo é um pensamento verdadeiramente salutar, é preciso saber, nesta questão, estar em guarda contra toda exageração, contra todo excesso de linguagem que desnaturaria a verdade e nos mostraria Deus sob um falso aspecto, assim como fazem certos pregadores.

Quando pensamos no juízo particular ou quando d'Ele falamos, não é verdade que uma das cousas que provocam nosso horror é a justiça de Deus?... Então, só tremendo nos encaminhamos para o nosso julgamento.

Ora, é precisamente a Justiça *infinitamente perfeita* de Deus que deveria, não somente banir todo medo de nossa alma, mas ainda, se a nossa consciência de nada nos repreende, fazer-nos encarar com alegria o julgamento pelo qual teremos dentro em breve que passar.

Com efeito, sendo Deus infinitamente justo, por Si mesmo não deve deixar nenhuma boa ação, por mínima que seja, sem recompensa. O copo de água do Evangelho nos atesta, aliás, que Ele não deixará de o fazer.

Com mais forte razão, se há Ele de comprazer, escreve o Abade Garriguet em seu livro: *Le bon Dieu* ⁽¹⁾, em manifestar, diante de nós, os esforços que fizemos, as violências que nos impusemos, as

(1) Cap. VII, p. 138-9 (casa de Bloud e Gay Paris).

lutas que tivermos sustentado, as vitórias que tivermos conseguido, os prazeres a que tivermos renunciado por amor d'Ele.

Fará aparecer as obras santas que nós tínhamos esquecido, atos de caridade de que nem mesmo nos lembramos, assim como os mil pequenos sacrifícios e atos de devotamento que embelezam nossos dias, penas fugitivas, mas que o Senhor tem cuidadosamente marcado para delas nos recompensar um dia.

Ah! sim, o pensamento do juízo a que havemos de nos sujeitar diante do Justo Juiz deveria antes nos alegrar do que nos atemorizar. Ele deveria, sobretudo animar todos aquêles que se sacrificaram para servir as almas e para estimulá-las a bem suportar todas as suas cruzes, pequenas e grandes, porque se estas cruzes escaparam aos olhares dos homens, Deus tudo viu: nossas penas, nossas humilhações, nossas lágrimas e de tudo isso nada será perdido.

I. — O JULGAMENTO DOS MISSIONÁRIOS

Assim, por exemplo, que consolação para o missionário perdido, sozinho, nas brenhas imensas, exposto à fadiga, à fome, à sede, ao calor tórrido, ao frio glacial, à doença ou ainda ao indiferentis-

mo, ao mau acolhimento ou mesmo à perseguição dos indígenas e enfim a tôdas as dificuldades inerentes ao seu apostolado... Ele está sozinho! Seus sofrimentos não tiveram como testemunhas senão as árvores e as feras da floresta. Mas Deus tudo viu e sua Justiça não deixará sem recompensa um só suspiro dêsse valoroso apóstolo do Evangelho.

II. — O JULGAMENTO DE TODOS OS APÓSTOLOS

Que poderosa consolação também o pensamento desta Justiça para com todos os Apóstolos do Evangelho — clérigos e leigos — dos quais só o Senhor conhece tôdas as fadigas, as contrariedades secretas, as penas, as humilhações e os trabalhos de toda espécie.

Não é verdade que, muitíssimas vezes, os verdadeiros pastores das almas sofrem no segredo de seu coração, e sofrimentos tanto mais penosos quanto menos vêem remédio para sua situação? São não somente as almas confiadas a seus cuidados que recusam ouvi-los e se firmam cada dia mais na sua obstinação e rebeldia contra Deus; mas são as próprias ovelhas do rebanho que vêm opôr-se aos mais rudes esforços do pastor. Às vezes é também a incompreensão daqueles mesmos que, por estado, deveriam-no ajudar com todo o seu poder

e que, pelo contrário, são para ele uma pedra de escândalo para o desenvolvimento e bom êxito de seu apostolado! São, finalmente, mil pequenos nadas, as renúncias de cada dia que escapam aos olhares dos homens, as penas da alma e do coração que ele encontra no seu ministério; e tudo aquilo proporcionado à medida do seu zelo e de seu devotamento às almas de que é vigilante guarda.

Ah! quanto êstes pastores se alegram com a idéia do julgamento futuro; pois declarando-nos que nós daremos conta de uma só palavra ociosa, Jesus com isto afirma, ao mesmo tempo, que nada será perdido dos sofrimentos, pequenos ou grandes que tivermos suportado por seu amor.

III. — O JULGAMENTO DOS SUPERIORES

(Eclesiásticos, religiosos e leigos)

É dêste julgamento que fala São Paulo quando escreve em sua carta aos Hebreus: "Obedecei a vossos superiores e sede-lhes submissos, porque são êles que velam como quem deve dar conta de vossas almas!" (1).

(1) Obedite praepositis vestris et subjacete eis; ipsi enim pervigilant quasi rationem pro animabus vestris reddituri... (Hbr XIII, 17).

Muitíssimas vêzes, temos já lido e relido êste grave aviso do grande Apóstolo a respeito de nossas responsabilidades perante aquêles que dependem de nós, mas só superficialmente nos impressionou.

Não é isto que se dá com os santos. Devido à sua fé muito viva, a palavra de Deus os penetra profundamente e fazem dela a regra invariável de seu proceder.

Santo Afonso de Ligório, quando Bispo de Santa Águeda, no reino de Nápoles, dizia um dia, a um de seus capelães: "Se um de meus padres perde a graça de Deus, eu que disto devo dar contas a Deus!" E como o bom capelão queria tranquilizá-lo, o santo respondeu com animação: "Pertence a mim e não a outrem responder disto perante Deus!"

Certamente, a sentença do santo Doutor deve fazer-nos refletir. Mas já não nos surpreenderá quando lemos êste outro aviso da Escritura aos que cumprem a delicada e terrível função da autoridade: "*O julgamento daqueles que mandam será muito severo!*" (1).

Aqui é o Espírito Santo que fala. Logo, nada a objetar.

(1) "Quoniam iudicium durissimum his qui praesunt fiet" (Sab VI, 6).

Por conseguinte, não temos nós motivo de re-
cear êste julgamento e de não nos preparar para
êle senão tremendo?

Santa Teresa do Menino Jesus vai nos responder. Seu argumento deve ser meditado e retido. Pois ela opõe muito judiciosamente um outro texto da "Sabedoria" àquele que nós acabamos de citar, e que assegura um juízo favorável aos pequenos, isto é, aos humildes: "*Quanto aos pequenos, êles serão tratados com misericórdia*" (1).

No seu *Pequeno Caminho*, Santa Teresa insiste de novo sobre o mesmo pensamento, citando esta passagem tão confortadora do salmo 75: "*A terra espantada calou-se quando Deus se levantou para fazer justiça afim de salvar todos os humildes da terra*" (2). E ela tem o cuidado de fazer notar que o Senhor não diz que Êle virá para os julgar mas para os salvar!

Que devemos pois fazer, nós que trememos só com o pensamento do nosso juízo futuro, senão nos preparar para êle com a prática de uma humildade verdadeira, sincera, profunda e contínua? Humildade a respeito de Deus, de nós mesmos e do próximo...

(1) "Exiguo enim conceditur misericordia" (Sab VI, 7).

(2) "...Terra tremuit et quievit, cum exurgeret in iudicium Deus, ut salvos faceret omnes mansuetos terrae" (Sl LXXV, 9s).

Esta humildade tem as promessas do tempo e as da eternidade!

IV. — O JULGAMENTO DOS PAIS CRISTÃOS

Se agora encaramos o juízo reservado aos pais e mães de família, quantas belas coisas teríamos para dizer?

Amedrontados pelos ensinamentos de certos rigoristas, ainda sob a impressão da enganadora doutrina dêstes Jansenistas modernos, doutrina publicada do alto das cátedras cristãs, ou diluída em seus livros e suas publicações, quantas vezes bons fiéis, pais e mães de famílias modelos, disseram-no com amargura: "Mas pensais vós, meu pai, que haja lugar no céu para uma alma tão desprovida de virtudes e de méritos como a minha?"

Ah! é mesmo aqui, é nas famílias cristãs que nós pisamos a terra do sacrifício e da renúncia em todos os degraus!

Sem dúvida, o sofrimento visita muitas vezes os propagadores do Evangelho, quem quer que sejam, porque "a cruz continuará sendo sempre a partilha das almas".

Mas se entre os colaboradores de Cristo, a provação é de todos os dias, não se pode dizer que para os pais e mães de família verdadeiramente cons-

cientes de seus deveres e de suas responsabilidades, é de todos os instantes, sobretudo entre os que em seu nascimento não acharam a fortuna no seu berço?

Quantas inquietações para assegurar o pão de cada dia a seus filhos! quantas esperanças desvanecidas! quantas empresas goradas! E, muitas vezes, quantos problemas angustiosos propõe o futuro a certos pais carregados de filhos e sem fortuna!

Apesar de tudo, é preciso viver! É preciso que os filhos sejam alimentados e vestidos! É preciso, também, quando chega o inverno, arranjar tudo o que impõe a estação rigorosa que vai atravessar.

Ora, o dinheiro é escasso. E para cúmulo de contrariedades, a doença veio invadir o lar da família. Dois ou três dos seis ou oito filhos e às vezes mais, que povoam a casa são colhidos pelo sarampo ou pela escarlatina, doenças sempre mais embaraçosas que as outras por serem contagiosas. O pai e a mãe estão em graves apertos. Entretanto o pai tem deveres para cumprir, e, cada dia, com a alma em aflição, vai a suas ocupações. Então a mãe ficando sòzinha, deverá, com o sorriso nos lábios, dar conta de tudo. Preparará o almôço da manhã para seu marido, vigiará para que os filhos que têm saúde vão à escola nas horas regulamentares e, mãe

carinhosa e diligente, prodigalizará também todos os seus cuidados aos caros doentes.

Ao entardecer, o pai está de volta, cansado, e depois de ter abraçado os seus filhos, senta-se a mesa que, por um milagre de inteligência e de caridade sua mulher conseguiu guarnecer de alimentos gostosos e fortificantes.

Entretanto, eis que, de repente, a morte se põe a rastejar ao redor da cama da mais velha dos filhos, uma filhinha de doze anos. O médico multiplica suas visitas, uma religiosa enfermeira vela dia e noite, a mãe está sempre de pé (as mamãs têm dêstes devotamentos obstinados que ultrapassam tôda medida), os remédios enchem a mesa do quartinho de dormir. Ai! nada aproveita. Implacável e sem entranhas, a morte, com um golpe de sua espada, fulmina a doentinha, cuja alma virginal, aliás tão bem preparada pelo sacerdote, sobe ao céu, levada sôbre as brancas asas de seu Anjo da Guarda.

Mas a inocente menina que acaba de deixar seus pais, os mergulhou, apesar de sua fé profunda, numa dor parecida com um total desmoraamento.

Todavia, esclarecidos pelo Altíssimo, devido a sua piedade sincera, êles se reanimam logo, fortalecidos como estão pelo pensamento que no céu sua querida filhinha é completamente feliz!

Contudo, a dor causada pela ausência de uma

filha tão querida, esperança de seus pais, fica viva e sempre atual.

Entretanto, depois dêsses dias de luto, o dever de encarar a vida renasce mais imperioso que nunca. Pois, além das precisões diárias a que é necessário acudir, a preocupação contínua do porvir dos outros filhos começa a impôr-se a êstes bons pais, cuja solicitude para com seus filhos e filhas iguala seu amor para com êles...

Eis aí, reunidos num só monte os inumeráveis feixes de méritos dêstes pais cristãos que, em plena crise de azáfamas de negócios e de doenças acham ainda o tempo, vivendo sempre na graça de Deus, de ir, cada manhã, alimentar sua coragem e reanimar sua confiança numa expansão de coração a coração com Aquêles que disse: "*Vós todos que estais em trabalhos e abatimento, vinde a Mim e Eu vos aliviarei* (1). E que, no fim do dia, se prostaram de joelhos no meio de seus filhos, e aí, com uma oração fervorosa ao pé do crucifixo, chamam do Céu as graças, as luzes, e todos os socorros de que têm precisão.

Vidas semelhantes se prolongam, às vêzes durante vinte, trinta anos e mais, traçando aos que seguem sulcos onde cintilam tôdas as virtudes cristãs e onde muitas vêzes domina uma paciência

(1) Mat XI, 28.

que nada abala e que tem, para tôdas as decepções como para tôdas as alegrias, o mais acolhedor sorriso.

Depois de uma vida assim, como recluir ainda "cair entre as mãos do Deus vivo" (1). — Pois finalmente não é Jesus o nosso Juiz, que disse:

"Tudo aquilo que tiverdes feito ao mínimo dos meus, é a Mim que o tereis feito" (2) — Um corpo de água que tiverdes dado por amor de Mim não ficará sem recompensa" (3). — "Tive fome, tive sede, estava nu, doente, na prisão e viestes me socorrer. É por isso que vos digo "Vinde, benditos de meu Pai para o Reino que vos foi preparado desde toda a eternidade!" (4).

E finalmente, dirigindo-se a cada um dos seus verdadeiros discípulos, Jesus lhes dirá. "Coragem, bom e fiel servo, porque tu foste fiel nas pequenas coisas, Eu te estabelecerei agora sobre as maiores! Entra no gozo de teu Senhor!" (5).

Assim, então, nós todos, sacerdotes, religiosos e fiéis reanimemos nossa confiança no melhor e mais terno dos Pais, no mais justo e mais imparcial dos Juizes e mereçamos aqui na terra sua Clemên-

(1) Heb. X, 31.

(2) Mat. XXV, 40.

(3) Mat. X, 42,

(4) Mat. XXV. 31-36.

(5) Mat. XXV, 23.

cia e sua Misericórdia, não somente pela santidade de nossa vida, mas ainda pela extensão mesma e profundidade de nossa confiança n'Ele. Pois assegura o Espírito Santo, pela boca do Salmista, "*o Senhor nos fará misericórdia segundo a medida de nossa confiança n'Ele*" — *Fiat misericordia tua, Domine, super nos quemadmodum speravimus in Te*" (1).

V. — O JULGAMENTO DOS PECADORES CONVERTIDOS.

— Lembrando-me dos meus pecados passados, enormes, inumeráveis, como não tremer com o pensamento do juízo a que eu deverei logo sujeitar-me?

— Isso depende de vós.

A purificação destas manchas, a liquidação dessas dívidas será, se vós o quereis, obra de vosso amor e de vossa generosidade para com Deus.

Eis o que diz Santa Teresa do Menino Jesus à respeito do amor:

"Se o maior pecador da terra, arrependendo-se de suas faltas no momento da morte, expira num ato de amor, imediatamente, sem calcular, por um lado as numerosas graças de que este infeliz abusou, do outro todos os seus crimes, Nosso Senhor

(1) Sl XXXII, 22.

não vê mais, Ele não conta mais senão a sua última oração e o recebe sem tardar nos braços da sua misericórdia”.

Assim, portanto, desde agora, amemos a Deus e amemo-Lo tanto mais quanto mais O temos ofendido. Eis aí uma excelente e fácil reparação e a segurança de um julgamento favorável.

EXEMPLO.

Nas “Glórias de Maria” (1), Santo Afonso de Ligório conta o exemplo seguinte:

“Herolt refere que um infeliz pecador, entre outros crimes, tinha matado seu pai e um de seus irmãos e que, em seguida ele ia errando como fugitivo. Tendo assistido um dia, a um sermão sobre a divina misericórdia, quis se confessar ao próprio pregador, o qual depois de ter ouvido a narração de seus crimes, o mandou rezar diante de um altar de Nossa Senhora das Dores afim de obter o arrependimento e o perdão de seus pecados. O penitente obedeceu, mas logo que começou a oração, caiu morto repentinamente. No dia seguinte o Sacerdote recomendava ao povo que rezasse por aquê-

(1) II.^a Parte. Sermão sobre as Dores de Maria, VI.^a dor, p. 75.

le pobre defunto e se viu aparecer na Igreja uma pomba branca que deixou cair um bilhete. Tendo o o padre recolhido, leu nêles estas palavras: “A alma do defunto, apenas saída do corpo, foi ao paraíso. E vós continuai a pregar sobre a infinita misericórdia de Deus”.

E eis aqui quanto à generosidade.

Demos aqui a palavra à Santa Teresa do Menino Jesus:

Uma de suas irmãs do Carmelo tinha um extremo horror dos juízos de Deus e “apesar de tudo aquilo que Sórora Teresa podia me dizer, conta ela própria, nada desfazia o meu medo. Então, eu lhe apresentei um dia esta objeção: “Repetem-nos sem cessar que Deus encontra manchas até em seus anjos; como quereis que eu não trema”?

Santa Teresa lhe respondeu:

— Não há senão um meio para obrigar Nosso Senhor a não nos julgar de todo; é apresentar-se diante d’Ele de mãos vazias;

— Como isso?

— É muito simples: Não façais nenhuma reserva, dai os vossos bens à medida que os ganhais. Para mim, se eu chegar a oitenta anos, serei sempre muito pobre; não sei fazer economias: tudo o que tenho, eu gasto logo para comprar almas.

Esta linguagem paradoxal da Santa Carmelita, que foi, mais de uma vez, como se verifica em

sua vida, manifestamente ilustrada pelo Alto, nos relembra o meio muito prático que São Grignon de Montfort já nos sugeria, para nos colocar neste estado de rico empobrecimento, que tanto agrada ao Senhor. Este meio, popularizado pelo Cardeal Mercier, de santa e ilustre memória, consiste em repôr entre as mãos da Santíssima Virgem todos os méritos que possamos adquirir e tôdas as indulgências que viermos a ganhar durante a nossa vida, como todos os sufrágios que nos serão aplicados depois da nossa morte.

Tal é para nós o meio de chegar, como Santa Teresa do Menino Jesus, de mãos vãsias diante do Soberano Juiz! Mas quão ricos seremos então, por causa mesmo dêsse despojamento voluntário!

CAPÍTULO IV

Uma última palavra

E, por outro lado, qualquer coisa que vós façais, a qualquer parte que vos dirijais, não vos ficará, em última análise, senão vos atirar entre os braços de vosso Deus, que encontrareis por tôda a parte, nos vossos caminhos, mesmo quando vosso louco desespero vos levasse aos últimos confins da terra! (1).

- (1) "Aonde ir para me subtrair a teu espírito?
Para onde fugir para escapar a teu olhar?
Se eu subo aos céus, tu lá estás;
Se eu me deito na morada dos mortos: eis-te aí!
Se eu tomo as asas da aurora,
E se vou habitar nos confins do mar,
Lá ainda tua mão me conduzirá
E tua direita me segurará
E eu digo: as trevas pelo menos me cobrirão,
E a noite será a única luz que me rodeia:
As trevas não têm para ti escuridão;
Para ti a noite brilha como o dia,
E as trevas como a luz".
(Sl 138, 7-12).

Quanto ao resto, que tendes vós para temer? Deus é vosso Pai e a fim de que vós O procureis com confiança, Ele vos declara de antemão, pela bôca do Seu profeta que Ele vos acolherá carinhosamente, melhor do que isso: orgulhoso de vossa confiança em Sua Bondade a qual vos atirou em seus braços Ele vos promete solenemente que há de atender a vosso pedido, isto é que há de ouvir vossa oração, perdoa-vos, livra-vos dos vossos piores inimigos, pois o texto sagrado é formal e não faz nenhuma reserva. Ouvi esta palavra divina tão eloqüentemente afirmativa e tão singularmente categórica: "*Quoniam in me speravit, liberabo eum! Protegam eum, quoniam cognovit hominem meum! Porque ele esperou em Mim, Eu o livrarei; porque ele Me invocou, Eu o cobrirei com a minha proteção*" (1).

E não é tudo. Com uma só palavra do Espírito Santo exprime as angústias e os apertos do príndigo, e seu recurso a Deus: "*Clamabit ad me...*" e, logo após, isto é, no momento preciso da invocação nos vemos levantar-se o Pai do príndigo, cujas entranhas se comovem de compaixão, e inclinar-se sobre a frente de seu filho encontrado para lhe dar o beijo da reconciliação e da paz: "*Et ego exaudiam eum!*" (2).

(1) Sl XC, 14.

(2) Sl XC, 15.

Entretanto, "conversão não é sempre sinônimo de cura". Há as dificuldades, as peripécias da convalescência que, talvez, será laboriosa e longa. Pouco importa! Contanto que alguém esteja decidido a converter-se, a pôr um ponto final, Deus não abandonará sua Conquista. Ele estará com seu filho em tôdas as suas tribulações. Assim o afirma novamente o Espírito Santo: "*Cum ipso sum in tribulatione*" (1). Mas as recaídas são possíveis, são até prováveis, no estado de enervação em que as paixões, por longo tempo saciadas, lançaram o corpo do "ressuscitado", de tal forma que ele não pôde ainda encontrar o pleno desenvolvimento de suas faculdades, e em particular de sua vontade, cujas forças ficaram enfraquecidas por demasiadas capitulações em face do dever. Pouco importa, ainda uma vez, contanto que, caído sem malícia, ele se levante logo, esforçando-se para expandir diante de Deus em "gemidos inenarráveis" (2) que o Espírito Santo testemunha de sua boa vontade e de sua dor, não deixará de produzir em sua alma (3).

(1) Sl XC, 15.

(2) Sed Ipse Spiritus postulat pro nobis gemitibus inenarrabilibus (Rom VIII, 26).

(3) Nós supomos sempre que esta alma, atormentada e ainda infeliz porque fraca, manifesta sua boa vontade, com esforços generosos e constantes, unidos a uma oração fervorosa, contínua e até pungente.

Então um dia — dia talvez ainda distante, mas já conhecido por Deus — a tempestade há de parar, as trevas se dissiparão, o sol resplandecerá e Jesus, mostrando-se a vós, vos dirigirá estas doces palavras: “Eis-me aqui: Eu Venho a ti, porque me invocaste. Tuas lágrimas e o desejo de tua alma, o despedaçamento de teu coração humilhado me aplacaram e me reconduziram a ti” (1).

Tal é a atitude de Deus diante da alma que se reergueu, atitude que o Espírito Santo exprime tão fortemente com estas duas palavras: “*Eripiam eum. Eu o arrancarei às garras de suas paixões!*” (2).

Eis aqui pois qual será daqui por diante a sua linguagem: *Eu sei que estou gravemente doente e que minha abjeção é mais profunda que a dos outros homens.*

Mas, não obstante, sei e creio firmemente — porque o quero e porque Ele o disse, Ele, Jesus, — que eu me levantarei e que eu tornarei a subir para os cimos luminosos da virtude donde caí!

Apoiado na misericordiosa promessa do Salvador: “*Pedi e recebereis, batei e se vos abrirá*” (3), terei com relação à minha cura a inabalável fé de

(1) 3.º livro da Imitação, XXI, 6.

(2) Sl XC, 15.

(3) Mat VII, 7.

Abraão! Como êle, esperarei contra tôda esperança! (1)

Apesar de tôdas as forças contrárias coligadas contra mim: minhas paixões rebeldes e o demônio pérfido que se esforçará em amarrar mais solidamente à prêsa que começa a lhe escapar definitivamente, minha fé na palavra do Mestre não será desmentida e por quanto trabalhem minhas paixões e me diga meu mortal inimigo, Satanás, eu creerei em minha cura cheia e inteira, terei uma fé inabalável, uma esperança irreduzível em minha ressurreição!

Quanto ao mais, a bondade divina está longe de ter dito sua última palavra. Desejoso, com efeito, de assegurar a perseverança do pródigo que voltou a Ele, Deus não somente evita falar-lhe em castigo, mas, com antecedência, Ele fez brilhar a seus olhos a glória eterna, que será, um dia, a recompensa de sua fidelidade: “*Et glorificabo eum, longitudine dierum replebo eum et ostendam illi salutare meum*” (2).

Todavia, ouço ainda a expressão lastimosa de uma última inquietação: “*Meus pecados são tão enormes e tão numerosos!*”

— Admito-o. Mas o que sei melhor do que isso,

(1) Qui contra spem in spem credit (Rom IV, 18).

(2) Sl XC.

é que a misericórdia de Deus é maior, mais profunda do que são as vossas iniquidades, e sei também que, comparadas com a misericórdia divina, há entre esta e vossas faltas aumentadas com os pecados de todos os homens e com os de mil mundos e mesmo de todos os mundos possíveis, a *distância do infinito!*...

Daqui por diante então, não faleis mais de desespêro, porque indigno de ainda esperar. Mas abri vosso coração à confiança, pois o amor do vosso Deus, apesar de mil vezes repellido, quer de novo lá penetrar, assim como os raios de sol num foco que se expõe a seus ardores.

Como o Pródigo do Evangelho levantai-vos finalmente, ó alma desamparada, ide a vosso Pai ⁽¹⁾ o qual, depois de tão longo tempo com os braços abertos, vos convida a voltar. Levantai-vos e voltai à casa paterna; ali encontrareis pão em abundância... ⁽²⁾.

Ora, eis que já o Céu se dispõe a vos fazer festa como não fará pela perseverança dos noventa e nove justos ⁽³⁾. Apressai-vos então e hoje mesmo

(1) "Surgam et ibo ad Patrem meum" (Luc XV, 18).

(2) "In domo patris mei abundant panibus" (Luc XV, 17).

(3) "Dico vobis quod ita gaudium erit in caelo super uno peccatore poenitentiam agente, quam super nonaginta novem justis, qui non indigent poenitentia" (Luc XV, 7).

retumbem no céu as aclamações alegres dos santos em honra do irmão novamente "encontrado".

Enfim, subi ao céu e dissei:

Como aquêles que permaneceram imaculados depois do batismo "poderão, sòzinhos, seguir o Cordeiro a tôda parte aonde Ele vai" ⁽¹⁾, assim aquêles que caíram e tornaram a se levantar, poderão cantar, eternamente, com mais razão que os primeiros, as inefáveis e infinitas misericórdias de Deus! "Misericordias Domini in aeternum cantabo!" ⁽²⁾ Amém!

(1) "Hi sequentur Agnum quocumque ierit!" (Apc XIV, 4).

(2) Sl XXXVIII, 2.

Supremo convite do próprio Deus à confiança n'Ele

Vós que temeis o Senhor, aguardai Sua Misericórdia,
E não vos desvieis dêle, para não cairdes.
Vós que temeis o Senhor, tende fé n'Ele,
E vossa recompensa não se perderá.
Vós que temeis o Senhor, esperai a felicidade,
A alegria eterna e a misericórdia.

Considerai as nações antigas e vêde
Quem jamais esperou no Senhor e foi confundido?
Quem permaneceu fiel a Seus preceitos e foi abandonado?
Que O invocou e só foi desprezado?
Porque *o Senhor é cheio de compaixão e misericordioso*,
Ele perdoa os pecados e livra no dia da aflição.

(Eclesiástico II, 7-13).



Oração do Bem-aventurado Padre de la Colombière

Senhor, eis aqui uma alma que está no mundo para exercer vossa admirável misericórdia, e para fazê-la resplandecer em presença do céu e da terra. Os outros Vos glorificam fazendo ver qual é a força de vossa graça, pela fidelidade dêles e pela sua constância, quanto Vós sois doce e liberal para com aqueles que Vos são fiéis. Quanto a mim, eu Vos glorificarei fazendo conhecer quanto sois bom para com os pecadores e que vossa misericórdia está acima de toda malícia, que nada é capaz de esgotá-la, que nenhuma recaída, por vergonhosa e criminosa que seja, não deve levar um pecador ao desespero do perdão. Eu Vos tenho gravemente ofendido, oh meu amável Redentor, mas seria muito pior ainda se eu Vos fizesse este horrível ultraje de pensar que Vós não sois suficientemente bom para me perdoar! É em vão que o vosso e meu inimigo me arma novos laços todos os dias; ele me poderá fazer perder tudo, mas nunca a esperança que tenho em vossa misericórdia; ainda que eu caísse cem vezes, e os meus crimes fossem cem vezes mais horríveis do que são, ainda assim esperaria em Vós. Assim seja!

ASSIM POIS,

Coração Todo-Poderoso e Misericordioso de Jesus,

Tenho confiança em Vós,

No passado, no presente e no futuro;

Para o tempo e para a eternidade!

Amém!

ÍNDICE DAS MATÉRIAS

	Pág.
IMPRIMATUR	4
DEDICATÓRIA	5
Carta-Prefácio da 1. ^a Edição (1923) de S. Em. ^a o Cardeal Mercier	7
Carta dirigida ao autor pelo Revmo. Pe. Pedro Ricaldone, Reitor Maior dos Salesianos, depois da 3. ^a edição desta obra	9
Extratos de um artigo do jornal "L'Osservatore Romano" ..	11
ANTELÓQUIO	13
PRÓLOGO: O apêlo misericordioso de Deus dirigido aos pe- cadores pelos Profetas Jeremias e Isaías e Ezequiel ..	19

PRIMEIRA PARTE

O SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS NO EVANGELHO

CAP. I. — <i>Jesus manifesta ao mundo a misericórdia de seu divino Coração durante sua vida pública</i>	
1. Procedimento de Jesus para com os Pu- blicos e Pecadores em geral	23
2. O Filho Pródigo	27
3. O Bom Pastor	29
4. Zaqueu	32
5. A Samaritana	35

	PÁG.
6. A mulher adúltera	40
7. Maria Madalena	44
CAP. II. — <i>Jesus manifesta ao mundo a misericórdia de seu divino Coração durante sua paixão</i>	
1. Judas	47
2. Simão-Pedro	49
3. Os Algozes de Jesus	57
4. O Bom Ladrão	58
5. O Dom de sua Mãe	58
6. Oração da Alma Agradecida	61
CAP. III. — <i>Jesus manifesta ao mundo a misericórdia de seu divino Coração pela instituição do Sacramento da Penitência</i>	63

SEGUNDA PARTE

O SAGRADO CORAÇÃO ATRAVÉS DA HISTÓRIA 69

CAP. I. — <i>Os Arautos da divina misericórdia</i>	71
1. Santa Gertrudes	72
2. Santa Ângela de Foligno	74
3. Santa Matilde	76
4. Santa Margarida-Maria e a Grande Promessa	78
5. São Francisco de Sales	83
6. A Serva de Deus, Sórora Benigna	84
7. O Bem-aventurado Padre de La Colombière	88
8. Santa Teresa do Menino Jesus	90
9. A Serva de Deus, Sórora Maria Josefina de Jesus	92

	PÁG.
10. A Irmã Josefa Menendez e a Mensagem do Coração de Jesus ao mundo	96
ANEXOS: A Mensagem do Coração de Jesus aos Operários	102
A Mensagem do Coração de Jesus ao Coração do Sacerdote	106
CAP. II. — <i>As maravilhas da graça nas almas ou um feixe de conversões estrondosas</i>	109
1. O Rei Davi	110
2. O Rei Manassés	112
3. O Pródigo de São João	114
4. São Tiago Licops, monje	118
5. Um veterano de Leopoldo I	121
6. O velho soldado do Yser	123
7. O Padre de Foucauld	128
8. O Senhor de La Fontaine	130
9. Palmerina	134
10. Violeta Nozières	135
11. São Brice, o Seminarista	138
12. Na Coréia do Norte	139
13. Santa Margarida de Cortona	142
ANEXOS: A palavra de São Tomás de Aquino ..	149
Insistente convite de Deus à confiança ...	150

TERCEIRA PARTE

CAP. I. — <i>Objecções e Respostas</i>	153
PRIMEIRA OBJEÇÃO: As mortes repentinas	155
Primeira resposta: A ciência	155
Segunda resposta: O Poder e a Misericórdia de Deus	159

Exemplos:

PÁG.

1. O Duque de Nemours salvo pela comunhão dos santos 162

2. A mãe do Padre Hermann 164

ADVERTÊNCIA 167

SEGUNDA OBJEÇÃO: Os pecados contra o Espírito Santo 168

Resposta 168

TERCEIRA OBJEÇÃO: As dificuldades da Perseverança 172

Resposta 173

CAP. II. — *Poder e maravilhosa eficácia da oração* 175

Exemplo Comovedor:

A Hemorroíssa do Evangelho 182

CAP. III. — *Além das fronteiras da eternidade: O juízo particular* 185

1. O Julgamento dos Missionários 187

2. O Julgamento de todos os apóstolos do Evangelho 188

3. O Julgamento de todos os superiores eclesiásticos, religiosos e leigos 189

4. O julgamento dos pais cristãos 192

5. O Julgamento dos pecadores convertidos 197

CAP. IV. — *Uma última palavra* 201

Supremo convite do próprio Deus à confiança n'Ele 208

ORAÇÃO do Bem-aventurado Padre Claudio de la Colombière 209

Assim pois 210

Índice das matérias 211

Publicado no site

<http://www.leiturascatolicas.com/>

COMPOSTO E IMPRESSO NAS
ESCOLAS PROFISSIONAIS
SALESIANAS — SÃO PAULO
PARA A LIVRARIA EDITORA
SALESIANA - L.E.S. - S. Paulo
JUNHO DE 1956